Diário de Lisboa

ANO 56.º/ 19119 — 4$00

TERÇA-FEIRA 3 AGOSTO 1976

Fundador **Joaquim Manso** — Director **A. Ruella Ramos** — Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Carlos Lopes tinha os pais à espera

A mãe do «medalha de prata» dos 10 mil metros veio expressamente de Vildemoinhos para a recepção

O beijo da mãe de Carlos Lopes e a curta mas expressiva alocução proferida pelo secretário de Estado da Juventude e Desportos, dr. Joaquim de Sousa, foram dois dos instantes mais significativos da recepção prestada ao fim da manhã no Aeroporto pelas entidades oficiais e pelas centenas de populares à comitiva portuguesa que esteve em Montreal.

Aquele membro do Governo agradeceria «o excelente comportamento dos atletas olímpicos», augurando para todos, já na parte final do seu improviso, uma existência social que corresponda e seja ao mesmo tempo complemento da, «actuação de Montreal», o que definiu como «uma outra etapa na sua vida». Antes, literalmente «sufocado» pelos jornalistas e pelos familiares, Carlos Lopes (antes do prolongado beijo da mãe, que veio de Vildemoinhos, com o pai do atleta, para «abraçar muito o filho») e Armando Marques, os dois «pratas» dos Jogos Olímpicos da comitiva portuguesa, afirmaram que as suas actuações obedeceram ao que previam, porquanto «competi com grandes adversários» (A. Marques), e «não podia exigir mais de mim» (C Lopes).

NO RESCALDO DO DISCURSO DE MÁRIO SOARES

INTERROGAÇÕES À ESQUERDA E À DIREITA

Ao longo de quase quatro horas, o Primeiro-Ministro Mário Soares resumiu ontem, perante a Assembleia da República, as linhas gerais do seu programa de Governo, vertido para um documento de 260 páginas entretanto distribuído pelos deputados.

De um programa elaborado, segundo palavras do próprio Mário Soares, «sem preconceitos ideológicos» ressalta a abordagem ambígua dos grandes problemas nacionais, nomeadamente no que se refere aos direitos e garantias dos trabalhadores e à independência nacional.

Caracterizando-se por uma tentativa de não desagradar nem à esquerda nem à direita, na exposição do Primeiro-Ministro aponta-se ainda a falta de qualificação de meios para concretizar um elevado número de promessas, em torno das quais se levantam assim inevitáveis dúvidas.

É certo que Mário Soares apresentou o socialismo (através da via da democracia pluralista) como meta. Mas ao escolher um «modelo original» desse socialismo (o da «coexistência concorrencial entre o sector público e o sector privado») furtou-se ainda, mais uma vez, a uma opção clara.

Já a meio da noite, quando depois de terminada a sua exposição Mário Soares escutou as interpelações dos partidos, a indefinição do seu discurso foi tónica dos esclarecimentos solicitados: para a esquerda, preocupação evidente quanto ao futuro das classes trabalhadoras e à defesa da independência nacional; para a direita, defesa das concessões feitas ao sector privado, das brechas que poderão ser abertas nas conquistas fundamentais da Revolução.

É entre estes dois campos que Mário Soares pôs a flutuar o seu Governo, como forma de «passar» a barreira de S. Bento. Tudo indica que o conseguirá. Trata-se, no entanto, apenas da primeira etapa de um processo de governação em que as indefinições nada contribuirão para amenizar as dificuldades.

(PÁGS. 4/5)

Maratona do Primeiro-Ministro Mário Soares: mais de três horas no uso da palavra

KISSINGER AVISA OS BRANCOS

"Vento de mudança sopra de novo em África"

«O vento da mudança voltou a soprar na África» — assim o declarou Henry Kissinger, secretário de Estado norte-americano, discursando ontem à noite em Boston perante a Convenção da Liga Nacional Urbana. No seu discurso, Kissinger lançou uma severa advertência aos brancos e negros da África Austral, avisando-os de que é tempo de encontrarem uma solução pacífica para os seus problemas.

«Os riscos de confronto aumentam» — advertiu, Apelando para os negros do Zimbabwe (termo nacionalista para designar a Rodésia e que Kissinger ontem «oficializou» para os canais norte-americanos) no sentido de estes enterrarem o seu machado de guerra (alusão às divergências existentes no seio do CNA, nacionalista) e de construirem com os brancos um novo Estado independente, Kissinger pediu aos brancos rodesianos que negociassem o mais depressa possível a inevitável transição para o Governo de maioria.

Kissinger aludiu à presença de soldados cubanos em Angola e à intensificação da guerra na Rodésia como elementos da «volatilização» da atmosfera da África Austral, guardan-

Continua na pág 20

20 PÁGINAS

Nacional

Política diária

DIREITA E ESQUERDA

A sorte de uma «esquerda» que se divide entre o triunfalismo populista, o triunfalismo governamental e um beato optimismo, não poderá deixar de dar motivo a fortes apreensões. Enquanto a «esquerda» discursa, a «direita» organiza-se Ainda hesitante, ainda dividida. Mas de concessão em concessão, de cumplicidade em cumplicidade, a recuperação da «direita», no meio civil e no meio militar, tem sido facilitada. E alguns dos que facilitaram a recuperação da «direita», que ficaram a meio caminho na tarefa que se tinham atribuido ou que lhes tinha sido cometida, surpreendem-se agora, e com amargura que consideramos sincera, com a situação para a qual contribuiram por imprevidência, moleza e sectarismo.

A luta contra um real, ou imaginado, ou fomentado «golpismo de esquerda», abriu caminho à recuperação da «direita». Criaram-se condições para uma defesa da democracia que visavam a eliminação de forças políticas integradas no processo democrático e que aliciaram forças opostas na liquidação do processo democrático, saudosistas da «ordem velha», ansiosas pelo «regresso» e pela «desforra».

Não vamos analisar, hoje, a frágil base ideológica da movimentação da «direita», mas queremos anotar que é em nome da democracia que eles avançam para atacar a democracia e destruir as conquistas das classes trabalhadoras. Os pretextos oferecidos pela Reforma Agrária, pela situação das empresas nacionalizadas, pela situação escolar têm sido, e estão a ser, ardilosa e persistentemente exploradas. E devemos reconhecer que uma facciosa — imprevidente — culpabilização do chamado «gonçalvismo», tem facilitado caminho e irradiação a uma propaganda corrosiva contra o espírito revolucionário e as consequências do «25 de Abril». Um selectivo «anticomunismo» tem, inclusivamente, tirado partido da acção de grupos «marxistas-leninistas-maoistas» para iniciativas que favorecem a «direita» nas empresas, nas escolas, nos sindicatos, nos quartéis. A «crítica de esquerda» fornece argumentos positivos e negativos à «direita». Incapazes de ter batido, no seu terreno, a «direita» subversiva (com a qual em grande parte e por más razões se contemporizou), somos colhidos, sem armas e sem argumentação coerente, por uma «direita» que ataca em nome da «liberdade». As experiências recentes da RTP e do Conselho da Revolução são mais do que um aviso.

O «fascismo» não se esconde. O «fascismo» está na rua.

CDL CONTRA CR

Na floresta das siglas surgiram os CDL, de seu nome desdobrado em idioma vulgar: «Comités para a Defesa da Liberdade». Para o capitão Sousa e Castro, Conselheiro da Revolução e do CR porta-voz, trata-se de uma «organização de estrema-direita». Um texto anónimo que teve, nos meios militares, distribuição clandestina, alcançou benévola divulgação na Imprensa. Os CDL criticam a actual composição do Conselho da Revolução argumentando que «tal alteração desejada já pela maioria das Forças Armadas, é-nos também imposta pela Lei Fundamental». Será portanto, em nome da «Constituição», da Lei Fundamental deduzindo consequências legais, que os CDL atacam o Conselho da Revolução com o claro objectivo de o depurarem. Como escrevia há dias Eduardo Lourenço: «Não há dúvida: a direita é uma coerência».

Porque, na realidade, é coerente afastar do Conselho da Revolução homens como Melo Antunes, Vítor Crespo, vítor Alves, Pezarat Correia, Franco Caharais, Martins Guerreiro, Sousa e Castro. A «direita» não poupa aqueles que a pouparam. E um Castro Neves, e um Marques Júnior serão os senhores que se seguem num ofensiva de retaliação e de recuperação de posições. Existe uma «direita militar». Conhecem-se as suas posições internas e externas, ligações e actividades. E como, com belas razões de juridicismo burguês, se perdeu o impulso revolucionário, como se amortalhou a «Revolução» na legalidade de um compromisso com uma «direita» ainda forte e que tinha durante meio século monopolizado o «poder-de-Estado», assistimos à liquidação progressiva dos revolucionários militares e dos militantes antifascistas. Uns e outros suspeitos de serem... revolucionários; uns e outros suspeitos de terem aprendido, na experiência de uma arrastada resistência ao fascismo, que a «unidade» é preferível à «divisão».

Existe uma «coerência de direita» e existe uma «incoerência de esquerda». A incoerência da «esquerda militar» colocou o CR sob o fogo dos CDL.

DA CLANDESTINIDADE À DIFUSÃO NA IMPRENSA

O documento clandestino dos CDL foi divulgado por certa imprensa. Há uma imprensa especializada no serviço da reacção e do fascismo, na calúnia e na intriga, na intoxicação da opinião pública. Não é necessário indicar títulos. A Imprensa fascista e reaccionária cobre uma faixa do mercado, beneficia de apoios financeiros e publicitários, veicula a subversão. Não é uma «imprensa de oposição»; é uma «imprensa de subversão». O Secretário de Estado da Comunicação Social, Manuel Alegre, parece disposto a enfrentar o problema. Terá o nosso aplauso, mas devemos-lhe uma palavra de leal prevenção. O Secretário de Estado terá inevitáveis dificuldades para reduzir ao silêncio o fascismo que anda na rua, que em nome de «Liberdade» procura estrangular «as liberdades», dia a dia mais arrogante e provocador. E terá dificuldades grandes porque a seu lado haverá quem não saiba distinguir os «pretextos» e as «razões autênticas», porque de «ressentimentos» se fizeram «argumentos», porque o «antigonçalvismo» e o «anticomonismo» desencadearam um processo de recuperação da «direita». A democracia não será consolidada na perspectiva da divisão das forças democráticas e de «flirts» (esperamos que sem consequências) com forças representativas da reacção política e do conservadorismo social

CONVITE DE NETO FOI ACEITE

Fidel visitará República de Angola

HAVANA, 3 — (R) — Cuba e Angola avisaram a África do Sul, o Zaire e a Zâmbia para não autorizarem «elementos contra-revolucionários e mercenários» a utilizar os seus territorios como bases para ataques contra Angola.

O aviso surgiu no comunicado conjunto publicado em Havana pelo jornal «Granma» do Partido Comunista Cubano após a visita de uma semana a Cuba pelo presidente angolano, Agostinho Neto.

«Tais acções serão reprimidas com toda a decisão e bravura que exigem», dizia o comunicado.

«Cuba reafirma que estará firmemente ao lado de Angola no caso de novas intervenções do exterior contra a sua soberania e integridade territorial.»

O comunicado afirmava que o presidente Neto e o primeiro-ministro Fidel Castro concordaram que as tropas cubanas em Angola deviam retirar gradualmente — mas que algumas permaneceriam para treinar as Forças Armadas angolans e ajudá-las a repelir qualquer invasão.

O comunicado transmitia a gratidão do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), do presidente Neto ao povo cubano, ao Partido Comunista e ao Governo pelo seu euxílio contra «forças pró-imperialistas neocolonialistas, fascistas e racistas».

O MPLA agradecia, também, à União Soviética, Argélia, Congo, Guiné, Guiné-Bissau, Moçambique, Nigéria e Jugoslávia e a «outros países africanos» pela «sua posição internacionalista e apoio durante a resistência legítima à invasão».

O comunicado «condenava energicamente o papel odioso da chefia do Partido Comunista Chinês contra a República Popular de Angola e o movimento revolucionário internacional, demonstrado pelo seu auxílio a grupos secessionistas em Angola e à junta fascista chilena».

Cuba e Angola reafirmaram a sua «solidariedade para com a justa luta dos povos da Namíbia (Sudoeste Africano), do Zimbabwe (Rodésia) e da África do Sul». denunciaram «o recente genocídio» contra o bairro africano de Soweto, nos arredores de Joanesburgo.

O primeiro-ministro Fidel Castro aceitou um convite para visitar Luanda numa data posterior, dizia o comunicado.

O apoio à luta do povo palestiniano e à Frente Revolucionária de Timor-Leste (Fretilin) é também mencionado no comunicado. Além disso, os dois países condenaram a violaçãc da soberania do Uganda por Israel e a nova política americana relativamente à Africa.

COM BASE NUM DECRETO SAÍDO EM JULHO

Senhorios retornados desalojam inquilinos de longa data

«Na qualidade de senhorio da moradia em que V.Exª reside, e considerando-me enquadrado no artigo único do Decreto-Lei n.º 583/76, publicado no «Diário da República» de 22 de Julho de 1976, venho por este meio comunicar-lhe que o contrato de arrendamento cessará no próximo dia 31 de Outubro do corrente ano, cumprindo assim com o prazo estipulado no n.º 3 do referido artigo».

Esta carta foi enviada a Carlos Paulo Barata Simões, morador num apartamento em Olivais há cerca de três anos. O senhorio é retornado, veio de Moçambique, e está a fazer uso de um decreto-lei que saiu em 13 de Julho e permite «pôr na rua» os inquilinos dos andares que sejam propriedade de retornados ou emigrantes.

«Que culpa tenho eu que o meu senhorio seja retornado? Sempre paguei a renda. Tenho os recibos em ordem e agora recebo uma notificação para ir para a rua no prazo de três meses! Eu não tenho nada contra os retornados, mas sim com as consequências do decreto. Para onde vão agora os milhares de pessoas que vão ser «despejadas»? — pergunta o nosso interlocutor.

A situação em que vão ficar milhares de «inquilinos» de retornados não foi calculada pelo decreto. Para que se alberguem os retornados, vão ficar «desalojadas» milhares de pessoas, algumas delas a morar há anos nas casas. Este inquilino tem dois filhos, um de 3 e outro de 2 anos.

«Não saio enquanto não arranjar casa. Veremos o que acontece».

DESPEJO FALHADO

Não chegou a concretizar-se, dada a rápida movimentação do Sindicato dos Empregados de Garagens, Estações de Serviço e Stands de Automóveis, a tentativa de despejo do pessoal e de bens da firma de aluguer de automóveis «Sanel-Car», comandada pelo senhorio do prédio.

A pretexto da falta de pagamento de rendas anteriores (que se recusa a receber gradualmente), o eng. Joaquim Pereira Ruivo surgiu ali acompanhado de um oficial de diligências na passada quinta-feira pelas 17 e 30. Os trabalhadores, que se encontram em autogestão, tentam agora resolver o problema através da Secretaria de Estado dos Transportes e Comunicações.

FALTA DE MÉDICOS

Situação agrava-se dia a dia nos hospitais da província

BRAGANÇA, 3 — A falta de médicos e de camas no Hospital Distrital foi salientada no decurso de uma sessão promovida no salão da Biblioteca da Escola Preparatória Augusto Moreno desta cidade.

Durante a reunião, o cirurgião do Hospital Distrital de Bragança, dr. Monteiro de Morais, informou que a equipa cirúrgica constituida por um médico-cirurgião e uma anestesista, ao serviço 24 horas diárias durante os «365 dias do ano, desenvolve um esforço humanamente impossivel. Este médico salientou ainda que a média mensal de operações efectuadas pela equipa cirúrgica de serviço é de 120, embora a aconselhável não deva ultrapassar o número de 56.

O quadro de médicos comporta um total de 29, embora neste momento, no caso do hospital de Bragança existam apenas 12. Este estabelecimento de assistência necessita urgentemente de uma pediatra e de uma analista sendo este mês urgente arranjar um cirurgião, um anestesista e um ajudante de cirurgia, uma vez que os médicos agora em serviço se vão ausentar dentro de dias para férias.

Por sua vez, na Figueira da Foz, as dívidas elevam-se a 18 mil contos, segundo uma nota da respectiva comissão de trabalhadores. Os financiamentos atribuídos não têm sido suficientes. A soma de 375 contos foi há dois meses aumentada para 1600 contos sabendo-se porém que se gastam 3 mil contos mensais. Deste modo, as verbas destinadas a fins especiais acabam por ser canalizadas para pagar os vencimentos básicos dos trabalhadores e para satisfazer parcialmente os compromissos com os fornecedores.

O novo hospital encontra-se por motivo de obras impedido de alargar o seu serviço de assistência devido também à falta de verbas o que, segundo os trabalhadores, contribui para a fuga de doentes e para a superlotação dos hospitais centrais. O Hospital Distrital da Figueira da Foz serve ainda os concelhos de Pombal, Soure Cantanhede e Montemor-o-Velho, num total de largas centenas de milhareś de habitantes.

Falso alarme no A.C.P.

. «Dentro de um quarto de hora, vai explodir uma bomba aí no Automóvel Clube. É favor mandar evacuar.»

. Esta advertência feita ontem, cerca das 16.30, por individuo anónimo, ao telefone, foi cumprida à risca. O pessoal do A. C. P. veio «cá para fora», chamou a Polícia, mas da bomba nem vestigios.

A telefonista do A. C. P. diz-nos que se preparava para perguntar «donde fala?» mas o outro desligou logo.

O falso alarme levou a Brigada de Minas e Armadilhas da P. S. P. a passar as instalações do A. C. P. (R. Rosa Araújo) a «pente fino» sem que fosse encontrado qualquer engenho explosivo.

Entretanto, aos trabalhadores do Automóvel Clube de Portugal foram recomendadas medidas de precaução.

Quinhentos estudantes de abalada para o Alentejo

. Hoje de manhã cedo, do Terreiro do Paço e do Marquês de Pombal cerca de 500 estudantes integrados nas campanhas de alfabetização do Movimento Alfa propõe-se uma Alentejo. Aí permanecerão durante todo o mês de Agosto, podendo as campanhas prolongar-se por Setembro adentro. Mais que alfabetizar, o Movihento Alfa propõe-se uma prática de denúncia pública do analfabetismo que ainda não foi exterminado do nosso país. Ao mesmo tempo está nos seus projectos contribuir na medida das suas possibilidades, para um levantamento da história e da realidade actual das herdades colectivas do Alentejo, fruto, consequencia e consolidação da Reforma Agrária.

MOBÍLIAS USADAS

Por falta de espaço, vendo barato mobilias c. jantar, quartos, modernas, estilo Q. Anne, D. Maria, Século XVII, roupeiros, estantes, sofás-camas, carpetes, etc. Rua Alves Torgo, 18, cave (ao Chile, defronte igreja de Arroios).

MAPLES SOFÁS-CAMA

Compre no fabricante, todos os modelos.

REQUISITE MÓVEIS E ESTOFOS

Av.ª Almirante Reis, 110 (Perto da Praça do Chile)

post-scriptum

Estar ou não estar vivo, eis a questão

Fui à Caixa Geral dos Depósitos, na Rua do Ouro, para receber o meu subsídio de aposentação correspondente ao mês findo, e qual não foi o meu espanto ao me ser informado que o computador não registou a minha miserável pensão de 1.558$00. Para saber do motivo desta omissão, fui mandado para o 1.º andar, onde a funcionária me disse: «Isto é o castigo, porque o sr. não declarou no impresso especial que me entregou, que ainda estava vivo».

Parece que é uma norma, que eu ignorava, fazer-se essa declaração todos os anos no mês de Junho. Fiz então a tal declaracão, que entreguei à funcionária, e simultaneamente perguntei quando poderia receber a pensão. Respondeu-me que só para o mês que vem. «É castigo?», perguntei. Resposta: «é sim, e para a próxima vez já não se esquece».

Muito bem. Viva a democracia da C. G. D. Pergunto, será humano castigar velhos, nestes termos? Não basta já as reformas de miséria que a maioria deles recebem?

A caminho dos 72 anos, fiquei chocado e ofendido com esse «castigo» injusto. Por outro lado, aflito. Pois, como vou viver estes dias sem o mísero ordenado?

Senhores governantes, que ganhais num dia tanto ou mais do que eu (e muitos outros como eu) num mês: é esta a protecção à terceira idade, que tanto proclamais?

Se a resposta for afirmativa, então bolas para a protecção.

A. Beito Miralles — PONTINHA

O verdadeiro interesse da classe

Uma greve de operários para conseguir apenas aumento dos seus salários ou uma reivindicação dos camponeses apenas para que lhes sejam comprados os seus produtos a melhores preços, poderão ser consideradas como expressões do interesse da classe?

Reparemos que há dois aspectos fundamentais em cada um dos exemplos. O primeiro é o facto de se ter por objectivo conseguir apenas um maior bem-estar imediato, uma melhor participação na repartição da riqueza social, ou seja, em ambos os casos, pretende-se conseguir uma solução para um mal actual. É claro que estas reivindicações (e poderíamos apontar outras do género: maior assistência familiar, mais horas de desncanso etc.), em si mesmas, são boas (podem levar a classe a compreender o seu verdadeiro interesse de classe), mas deverá ter-se em conta que não podem transformar-se no objectivo final das aspirações reivindicativas que é a destruição do sistema de produção capitalista. Este o segundo aspecto fundamental e comum: não se tem em mente o verdadeiro interesse da classe: exactamente a destruição do sistema de exploração capitalista. Portanto as reivindicações que traduzem aspirações imediatas, espontâneas, não deverão ser consideradas, em sentido rigoroso, como sendo expressões do verdadeiro interesse da classe. Este, é também um interesse a longo prazo. E isto porque a consciência deste objectivo final não surge espontaneamente: é necessário que os operários e os camponeses aprendam a conhecê-lo. É necessário, portanto, e também, uma correcta educação ideológica.

A propósito, é importante chamar a atenção para a seguinte questão: entre os interesses imediatos e os interesses a longo prazo podem existir contradições. Por exemplo, se a obtenção de aumentos de salários não se faz acompanhar de uma correcta educação ideológica, pode servir para adormecer os operários e camponeses, tirando-lhes energias para lutar pelos seus interesses a longo prazo, ou seja, a luta pela destruição do sistema capitalista e a implantação do sistema socialista. A burguesia utiliza habilmente estas contradições, para continuar a sua dominação.

Não terá sido (e continuará a ser) um dos objectivos (interesses) da burguesia em Portugal?

Manuel José da Rocha Armada
— ALMADA

A situação dos contabilistas na DGCI

Relativamente à situação dos técnicos de contas da DGCI, com anos de experiência, por força das portarias 21247, de 27/4/65, 221, de 1/4/75 e 420, de 14/7/76, foram anuladas milhares de inscrições, com a consequente perda de tempo e de dinheiro. Feitas novas inscrições, sobre elas recairem maiores despesas e ainda um exame (provisório), depósito de 300$00 para cada uma; e por último, a «necessária» reprovação.

Por este andar de coisas, nós os contabilistas da prática dos longos anos de trabalho, e não «doutores», estamos sujeitos a perder o nosso pão em favor dos «economistas drs.» que boicotaram as inscrições de milhares de trabalhadores, em favor de acumulações de remunerações por simples visitas que os mesmos fazem às firmas sujeitas a tais portarias.

Trabalhadores como eu, com longos anos de experiência, mas com habilitações mínimas, mas satisfazendo os requisitos das portarias 21247 e 221, fizemos a entrega imediata da documentação exigida, no intuito de sermos considerados aptos para a continuação do desempenho das nossas funções.

Entretanto e pela portaria 420 de 14/7/76, as mesmas inscrições foram sistematicamente boicotadas pelos srs. drs. e economistas, prejudicando assim milhares de trabalhadores que continuam a ser os lacaios desses mesmos senhores.

Manuel P. Silva
— AMADORA

As "boas relações" de Pinochet com a Igreja

SANTIAGO DO CHILE (IPS) — Apesar da recente reafirmação, por parte do Governo do general Pinochet Ugarte, de que as autoridades chilenas alimentam o firme propósito de manter as melhores relações com a Igreja, a polémica provocada pela detenção do advogado da Vigararia da Solidariedade, Hernán Montealegre Klenner, parece confirmar a tese de que as diferenças existentes entre a Igreja e o Estado continuam a ser profundas.

O debate público foi suscitado por uma declaração que a Direcção Nacional de Comunicação Social do Governo militar chileno publicou, no passado dia 14 do corrente mês, e em que se afirma textualmente que o advogado da Vigararia de Solidariedade «tinha sido preso devido às disposições da lei de estado de sítio e por ser activista comprovado do clandestino e proscrito Partido Comunista». O mesmo documento, que foi entregue precisamente no dia em que se formou o Conselho de Estado, organismo adjunto e consultivo da Junta Militar, e a cujo acto assistiu o cardeal-arcebispo de Santiago, monsenhor Raul Silva Enriquez, especialmente convidado pelas máximas autoridades militares, diz que «as forças de segurança registaram 32 casas de apoio mantidas pelo proscrito Partido Comunista e numa delas, a sua própria casa, foi detido Hernan Montealegre, um dos mais notórios e activos membros desta colectividade fora da lei». Perante isto, e dado o tom com que foi publicado o documento governamental, o arcebispo de Santiago produziu por sua vez uma declaração em que refuta ponto por ponto tais afirmações e em que dá a conhecer que «lamenta profundamente que não se tenham explicado os verdadeiros motivos da detenção de tão ilustre profissional e que se baseie a acusação em delitos que não foram ainda devidamente comprovados, o que vai contra todas as normas legais ainda vigentes, assim como não tenha sido dada autorização ao cardeal nem ao bispo auxiliar de Santiago para visitar o advogado Montealegre no campo de Quatro Álamos, alegando que essa visita poria em perigo a vida do profissional».

O advogado Hernán Montealegre Klenner, membro do departamento jurídico da Vigararia de Solidariedade, a qual depende do arcebispado estava encarregado da defesa de várias pessoas que estão a ser julgadas «por delitos puníveis pela lei de segurança do Estado», entre elas alguns membros das Forças Armadas, tendo sido preso precisamente na altura em que devia dar início à defesa de 37 camponeses de Valdivia, uma cidade que se encontra a cerca de 850 km desta capital. Logo nos primeiros dias de Maio, mês em que foi enclausurado no campo de Quatro Álamos, na periferia sul de Santiago, foram apresentados em seu favor vários recursos ou «habeas corpus», os quais foram recusados pelo Supremo Tribunal e pelo Tribunal de Relação, tribunais máximos do país, «por não ser da sua competência nem da sua jurisprudência».

Uma nova declaração do Governo militar reafirmou nos seus sete pontos principais que «se pode concluir categoricamente que o advogado Hernán Montealegre se encontra preso na qualidade de activista do proscrito Partido Comunista». Afirma também que na mesma operação foi detido «um importante grupo de outros dirigentes comunistas clandestinos».

O documento da Direcção Nacional de Comunicação Social do Governo militar chama igualmente a atenção para o facto de que «as normas jurídicas que sempre regeram os estados de sítio no nosso país facultam o poder executivo para deter as pessoas que sejam consideradas perigosas para a segurança do Estado ou para a paz social, qualificação que juridicamente compete em exclusivo a esse poder». Além disso reafirma-se que «a característica própria deste tipo de detenções é precisamente o seu carácter preventivo, o qual não exige que seja acreditada uma comissão de delito nem que necessariamente se inicie o respectivo processo perante os tribunais de justiça». Declara-se também que a detenção de Montealegre se efectuou «numa das 32 casas de apoio do proscrito Partido Comunista, nas quais se transmitiam verbalmente ou por escrito as tácticas a seguir na clandestinidade, sendo uma dessas casas de apoio, segundo uma cópia assinada pela esposa do detido e actualmente em poder dos serviços de segurança, o domicílio particular de Hernán Montealegre». Por último a declaração do Governo militar sublinha que «o actual Governo não prende ninguém sem uma sólida razão de segurança nacional ou de ordem pública, dado que são muitas as pessoas cujo antagonismo ao Governo é pública e indiscutivelmente conhecido, vivendo e actuando livremente no Chile». Acrescenta ainda que «basta pensar que o Chile é hoje um oásis de tranquilidade e de paz no meio de um mundo assolado pela violência terrorista».

Pelo seu lado o arcepispado de Santiago, perante a última decisão, emitiu também uma declaração em que refuta todos os pontos referidos pelo regime militar, assim como indica que «é lamentável, em primeiro lugar, que a nova declaração omita toda e qualquer referência ao insólito tratamento de que foi objecto um membro do Sacro Colégio Cardinalício quando pretendeu visitar, como pastor, uma pessoa que tem direito e necessidade da sua presença». Acrescenta que «a preocupação e a dor da Igreja ante este facto excepcional na história do arcebispado de Santiago não obteve resposta».

O arcebispado sublinha por outro lado o facto de em nenhuma declaração do Governo se terem esclarecido as circunstâncias em que o advogado Montealegre foi detido. «Dado que ele foi intimado verbalmente, sem exibição de qualquer ordem de uma autoridade competente, e se a isso acrescentarmos que a sua própria casa foi considerada como uma casa de apoio, este caso deve ser julgado por um Tribunal de Direito (Juízo de Direito)». E acrescenta que «é especialmente lamentável a confusão em que incorre o novo documento oficial ao confundir as faculdades do estado de sítio com o direito de exercer um poder judicial supremo». Esclarece que, segundo a declaração do estado de sítio, o presidente da República só pode transferir as pessoas de um departamento para outro ou prendê-las em sua própria casa ou em lugares que não sejam cárceres nem estejam destinados à detenção ou à prisão de réus comuns. Como prova, o arcebispado faz referência, na sua declaraçao aos Decretos-Lei nºs 1008 e 1009, provenientes da própria Junta Militar e que indicam claramente que «durante um regime de emergência se aumenta de 2 a 5 dias o prazo constitucional para manter sob prisão o suposto culpado de infracções às normas de segurança nacional, após o que o detido será ou posto em liberdade ou à disposição do tribunal que lhe corresponda». Além disso, sublinha o arcebispado, a Comissão de Delitos contra a Segurança Nacional não foi pública e reservadamente imputada, mostrando-se a autoridade, sobre este ponto, renitente em dar início a um processo de Direito (ao tribunal competente, o que contrasta com a celeridade com que se adianta a toda a competência judicial.

Finalmente o arcebispado de Santiago esclarece que tal situação «contradiz de maneira flagrante a Carta Fundamental vigente, segundo a qual ninguém pode ser condenado se não for legalmente julgado», e que as acusações feitas contra o advogado Hernán Montealegre, no caso de não serem comprovadas com factos, «adquirem a categoria jurídica de calúnias e de injúrias», dado que a Igreja católica reafirma que só deseja a aplicação estrita das leis vigentes para o bem comum interno e para o bom nome do Chile fora das suas fronteiras.

DIZ O BISPO AUXILIAR DE LIMA

"A sociedade cristã identifica-se com os pobres"

LIMA (IPS) — «A identificação com os pobres é o termómetro que permite uma sociedade que se considere cristã» — afirmou o bispo auxiliar de Lima, monsenhor Luís Bambarén, quando se dirigiu ao Aeroporto Internacional de Lima para receber um prelado panamense.

Declarou também que actualmente a Igreja necesstia de optar prioritariamente a favor dos pobres e que quer ser fiel ao Evangelho.

No seu diálogo com os jornalistas o bispo, a quem chamam «dos povos jovens», afirmou que na recente reunião de bispos em Bogotá se efectuou uma avaliação do documento de Medellín, de grande importância para a Igreja Latino-Americana.

Monsenhor Bambarén é conhecido por «Bispo dos Povos Jovens» devido ao seu trabalho a favor dos «bairros de lata» de Lima, chamados precisamente «Povos Jovens».

Neste trabalho tem sido um dos pioneiros da organização dos moradores dos «Povos Jovens», tentando dar solução aos problemas mais prementes. Tem sido, em várias oportunidades, o conselheiro permanente dos chamados «invasores», ou seja moradores que, mais ou menos organizadamente, ocupam terrenos nos arredores da capital para aí construirem casas precárias como forma de solucionarem a falta de alojamento. Os protagonistas destas «ocupações» eram, e ainda são, provincianos que chegam à capital em busca de trabalho, de casa e de uma vida melhor do que a que se lhes oferece na serra. Evidentemente, ao verem frustrada a maior parte das suas aspirações, ficam desorientados na cidade e as mais das vezes sem um sítio onde viver.

Monsenhor Bombarén revelou aos jornalistas que tomou contacto com os membros que integram a Comissão de Reforma Judicial e demonstrou a sua preocupação pelo facto de um grande número de menores se encontrar sob prisão em Centros de Suspeitos absolutamente superlotados.

Acrescentou que na prisão de Lurigancho, arredores de Lima, se encontram mais de quatro mil detidos, quando a sua capacidade é apenas de dois mil. Em sua opinião, os menores que aí estão devem ser objecto de uma educação especial que tenda a reincorporá-los na sociedade.

Nacional

Mário Soares e o programa do Governo:

O País, através da Assembleia da República, tomou ontem conhecimento das linhas gerais do Programa de Governo.

Num discurso que se prolongou por cerca de quatro horas, o Primeiro-Ministro Mário Soares resumiu o texto programático, que cobre 260 páginas e que, tendo ontem sido entregue aos grupos parlamentares, foi hoje distribuído por todos os deputados a fim de se iniciar um debate que se prolongará pelos próximos cinco dias e que poderá conduzir à rejeição do programa.

«O Governo a que tenho a honra de presidir assumirá, e assume integralmente, as suas responsabilidades. Estou certo que a Assembleia não deixará igualmente de assumir as que lhe compete» — disse Mário Soares.

«Diz o art.º 191.º da Constituição — prosseguiu — que do programa do Governo constarão as principais medidas políticas e legislativas a adoptar ou a propor para a execução da Constituição. E eu devo começar por dizer a V.V. Ex. as que, através deste extenso e detalhado programa, o Governo procurou integralmente dar execução a este comando do art.º 191.º da Constituição. Fizemo-lo, julgamos nós, exaustivamente, contemplando todos os sectores da Administração pública.»

E noutro ponto:

«O debate que se vai iniciar hoje realiza-se num ambiente de extraordinária expectativa nacional, expectativa a que o Povo não atribui um significado enganador ou ilusório se se disser que é uma expectativa extraordinariamente receptiva e benevolente.

O País está cansado de ser governado por Governos Provisórios, está cansado de viver sob o provisório, sabe que existem grandes problemas nacionais e quer que esses problemas sejam rapidamente resolvidos. E daí que se tenha criado em redor deste Governo, não somente nos meios civis, mas também nos meios militares e entre as Forças Armadas, uma extraordinária expectativa. O Povo, ao contrário do que muitos julgam, sabe muito bem o que quer, mas eu posso garantir aos deputados que me escutam que o Governo também sabe aquilo que quer e vai realizar uma política que considera ser aquela que melhor serve os interesses nacionais. E vai fazê-lo com coragem, com determinação e com vigor.

«Nós pensamos, srs. Deputados, que a democracia é possível. Pensamos que a democracia é evidentemente difícil, mas que é possível e um dos testes da nossa própria maturidade política será a forma e a elevação como este próprio debate aqui decorrer.

O País está cansado de palavras e, mais do que palavras, quer hoje obras e realizações. E é nessa perspectiva de acção concreta, de realizações e de obras, que o Governo pensa programar as suas actividades. Vai fazê-lo também num ambiente não só de expectativa, mas também de indisfarçável crise nacional.

Definindo a meta a atingir como sendo o socialismo, Mário Soares definiciria a posição do seu Governo ao afirmar:

Para nós, o socialismo, terá que ser, é e será uma opção livre e consciente do Povo português no seu conjunto.

É neste sentido, aliás, srs. deputados, que nós entendemos dever consolidar, desenvolver e expandir aquilo que consideramos as grandes conquistas da Revolução.

«As grandes reformas que transformaram as instituições económicas deste País e que nós queremos que venham a transformar a vida económica deste País, o que é uma coisa bastante diferente, essas reformas são as nacionalizações, a Reforma Agrária, a nova legislação do trabalho, o controlo operário, reformas e conquistas que o Governo considera irreversíveis porque, a nosso ver, foram consagradas por três votos populares consecutivos.»

E a concluir:

Como foi dito no discurso de hosse, faremos uma política deversificada, mas uma política que claramente faz uma opção europeia. Portugal, no entender do Governo, é um país europeus e só tem a beneficiar, para o desenvolvimento das relações com as suas ex-colónias, com a intenção europeia. Por isso o Governo tenciona requerer a adesão de Portugal ao Conselho da Europa e a integração de Portugal na Comunidade Económica Europeia (Mercado Comum), através da abertura de negociações que são necessariamente negociações lentas e demoradas e que estimamos não poder dar por concluídas num prazo nunca menos de três anos.

necessidade de ultimar a lei eleitoral para as autarquias até 10 de Outubro por forma a que estas se possam realizar até 15 de Dezembro. Neste sentido, o Primeiro-Ministro revelou que o projecto de lei elaborado pelo VI Governo e remetido ao Conselho de Revolução seria requisitado pelo seu Governo para estudo e exame das possibilidades de ser aproveitado com carácter definitivo.

A descentralização regional e a autonomia dos arquipélagos dos Açores e Madeira foram outros dois pontos focados, insistindo-se na necessidade de incrementar a primeira e frisando-se que quanto à segunda se não deve confundir autonomia com separatismo.

Ainda dentro deste subcapítulo, a Comunicação Social mereceu especial referência. «O Governo deseja assegurar o pluralismo e o acesso por igual aos órgãos de Informação de todos os grupos, de acordo com a sua representatividade», disse o Primeiro-Ministro mostrando-se convicto de que os órgãos recentemente criados para dar orientação à RTP e à RDP assegurarão esse pluralismo. Quanto à Imprensa estatizada, destacou os 50 mil contos mensais que a mesma custa ao Povo português e a necessidade de a reestruturar por forma a torná-la menos pesada. O incremento e desenvolvimento da Imprensa regional e a criação de uma escola de jornalismo e de um instituto estatal para sondagens da opinião pública foram dois outros pontos realçados.

As formas de luta dos trabalhadores quando revestirem aspectos que caiam sob a alçada da lei penal — sequestros, nomeadamente — serviram para o Primeiro-Ministro evocar a autoridade legítima que o Governo tenciona assumir, partindo daqui para uma tomada de posição quanto à actividade da extrema-direita — bombas e agressões — que o Governo está na disposição de impedir.

A condição feminina, que permanecerá incluída no âmbito da acção do Ministério dos Assuntos Sociais, foi igualmente abordada. «O Governo está absolutamente decidido a traduzir o princípio constitucional da igualdade entre homens e mulheres», disse Mário Soares.

Mário Soares responde aos partidos: dúvidas e preocupações da esquerda e da direita por esclarecer

PLANEAMENTO E REORGANIZAÇÃO DA ECONOMIA

No segundo subcapítulo das «grandes linhas de actuação», a revelação de que o primeiro plano anual do Governo será apresentado à Assembleia até 15 de Novembro constituiu a abertura a este ponto feita pelo Primeiro-Ministro, que mais adiante desenvolveria a explicação daquilo que considera como «modelo original de socialismo».

«Estamos, hoje, numa situação particular em Portugal», começou por referir o Primeiro-Ministro. «Estamos — prosseguiu — a meio caminho, se assim poderei exprimir-me, entre as formas de capitalismo clássico e o socialismo. Vivemos uma situação que podemos definir como sendo de coexistência concorrencial entre o sector público e o sector privado e esta forma de coexistência concorrencial constitui, a nosso ver, de socialistas, o verdadeiro modelo original para uma sociedade socialista em liberdade e as transformações sociais em curso fazem com que esse modelo tenha um interesse não somente para Portugal, mas também para o resto da Europa.

«Quer isto dizer, senhores deputados, que não deve haver ilusões acerca deste ponto: nós não aceitamos a recuperação capitalista, não caminharemos nesse sentido, mas queremos também afirmar, que este Governo integrado por elementos do P. S., não caminharemos nunca para um capitalismo de Estado de fachada socialista.

«A originalidade deste modelo torna-se possível, na medida em que são irreversíveis aquelas que consideramos as conquistas da revolução, como as nacionalizações, a Reforma Agrária e as experiências que se têm vindo a fazer em matéria de intervenção dos trabalhadores na gestão das empresas. Entendemos que essas formas, extremamente importantes, devem ser acarinhadas e desenvolvidas, porque são elas que constituem o melhor e o mais original até agora feito pela nossa revolução.»

Referindo a reestruturação da actividade económica, foi posta a tónica na intenção de dinamizar o sector público — «mola real do arranque para o nosso desenvolvimento» — correndo paralelamente com a reanimação da actividade privada e a definição das regras para o investimento de capital estrangeiro.

Quanto à regularização e estatização das relações de trabalho, assinala-se a intenção do Governo de submeter à Assembleia da República legislação referente à baixa de produtividade e ao absentismo nas empresas; a revogação da lei da unicidade sindical; a revisão da lei da greve; a elaboração de um projecto de lei sobre o trabalho doméstico e de outro sobre a contratação colectiva; legislação sobre a segurança no trabalho, associações patronais e sindicais — tudo isto até 15 de Outubro. Por outro lado há intenção de, no prazo de seis meses, se proceder à reorganização dos serviços de Inspecção do Trabalho, integrar os tribunais de Trabalho no âmbito do Ministério da Justiça e criar um tribunal de conflitos colectivos de trabalho.

Quanto ao projecto de decreto-lei sobre o controlo de gestão, elaborado pelo VI Governo mas não promulgado pelo presidente da República cessante, o actual Governo tenciona reelaborá-lo até 15 de Outubro e enviá-lo à Assembleia da República.

A situação financeira do País foi delineada por Mário Soares em termos que passam pela queda da taxa de poupança entre 1973 e 1975 de 23 para 4 por cento, aumento do consumo total em 5 por cento e queda do investimento em 40 por cento. A isto soma-se o «deficit» da Balança de Pagamentos, que se vem sucessivamente agravando e já vai este ano em 24 milhões de contos, prevendo-se que se agrave até aos 30 ou 40 milhões o «deficit» do Orçamento Geral do Estado, que se encontra em 40 milhões de contos.

Para obviar a esta situação a política preconizada passa pela estabilidade financeira «a todo o custo» e pela austeridade. Quanto a esta última, Mário Soares prometeu, no entanto, que a mesma não visa a recuperação capitalista, mas antes sacrifícios necessários apontando para a construção do socialismo. E preconizou: restrição dramática das importações, aumento das exportações, regulamentação estrita em matéria cambial, incremento do turismo, captação da poupança dos trabalhadores e dos emigrantes. Relativamente à dívida externa foi dito que é de prever que a mesma se manterá por muitos anos, o que dificulta os créditos externos.

Para atingir a contenção do «deficit» orçamental nos 40 milhões de contos, Mário Soares preconizou a contenção de despesas e a programação do Orçamento para 1977 em novos moldes, bem como a revisão das taxas para a Previdência e de certos impostos locais e a necessidade de simplificar e

Passando à explanação do capítulo III do «Programa de Governo», Mário Soares evocou os sete subcapítulos em que se divide, nomeadamente «Construir o Estado democrático»; «Planear e reorganizar a economia»; «Assegurar a estabilização financeira indispensável à recuperação económica»; «Consolidar as estruturas produtivas, combater o desemprego e expandir a produção»; «Promover uma maior justiça na distribuição dos rendimentos»; «Responder às necessidades básicas da população e promover a qualidade de vida»; «Afirmar uma política de independência nacional e de cooperação internacional a favor da paz».

No que respeita ao primeiro destes subcapítulos — «Construir o Estado democrático» — referiu a organização e funcionamento deste Governo, dando ênfase ao facto de o mesmo incluir independentes, como sinónimo de uma certa insenção partidária. A economia de 18 postos governativos relativamente ao último Governo provisório foi também realçada, destacando que se não procurou fazer uma grande reestruturação do Governo mas apenas uma nova arrumação face às necessidades de operacionalidade.

Ponto a destacar passa pelo já anunciado nas colunas do «DL» quanto a uma grande reestruturação da Administração Pública, tarefa de que será incumbida uma comissão especialmente criada para o efeito.

Como dados imediatos, sobressai o reconhecimento da

Nacional

vencer a crise sem opções ideológicas

garantir certos meios para as autarquias locais.

Seguidamente, Mário Soares anunciou que o empréstimo a que chamou «Empréstimo Zenha», e que terá rendido «cerca de 15 milhões de contos», poderá ser alargado até ao final do ano.

Porém, Soares fez menção de dizer que o seu Governo poderia vir a recorrer a «certos esquemas de poupança forçada», tomando como exemplo um «possível» pagamento de 50 por cento dos subsídios de Natal em títulos de dívida pública. O Primeiro-Ministro salientou que aquela medida era apenas uma hipótese, mas que «é do estrito dever de um Governo falar a linguagem da verdade, por mais desagradável que ela seja».

Voltando à questão do relançamento económico, Mário Soares viria a defender que «teremos de viabilizar as empresas, torná-las rentáveis». Aliás, a falta de rentabilidade das empresas nacionalizadas foi considerada como susceptível de «Pôr em jogo e em causa as nacionalizações, a política das nacionalizações, que nós consideramos irreversíveis».

Sobre a reorganização da política monetária de crédito o Primeiro-Ministro afirmou que ela tem de se orientar para uma selectividade de créditos de acordo com as prioridades de investimento, e não «baseada em critérios ideológicos».

Dentro deste âmbito, Mário Soares revelou que serão dinamizados os mercados dos capitais e, eventualmente, reaberta a Bolsa, embora tal deva suceder apenas no fim de 1977.

Porém, antes de algo se fazer naquele sentido, o chefe do Governo disse que teria de ser resolvido, primeiramente, o problema das indemnizações aos accionistas afectados pela nacionalização da Banca.

CONSOLIDAR AS ESTRUTURAS PRODUTIVAS

Focando os problemas da consolidação das estruturas produtivas e do combate ao desemprego, Mário Soares anunciou vários programas.

No domínio da Agricultura e Pescas — prosseguimento da política da Reforma Agrária, fomento do associativismo agrário, encorajamento do cooperativismo agrícola, reestruturação da frota pesqueira e criação de uma rede nacional de frio.

Na Indústria e Energia — atingir a taxa de crescimento de 10 por cento, investimentos na indústria pesada, siderurgia, refinação de petróleos e pesquisa petrolífera, estudo da criação de uma central nuclear e a criação de mais centrais térmicas, melhoramento da rede de electricidade nas zonas rurais.

No Comércio Interno — garantir o abastecimento público, impedir o aumento súbito de bens essenciais, substituição de certas importações.

No Comércio Externo — estabelecimento de relações comerciais com todos os países do mundo, em particular com o bloco europeu, que beneficiará de condições preferenciais.

No Turismo — um vasto plano para 1977 e investimentos destinados a concluir empreendimentos que ficaram paralisados depois do 25 de Abril de 1974.

O Governo pensa também atacar as grandes carências no sector dos Transportes e Comunicações e nas Obras Públicas, cuja situação é precária, é intenção do Governo concretizar os planos de rega no Alentejo, no Nordeste Transmontano e outros, ampliar as estruturas de funcionamento do saneamento, básico a todo os país,concretizar a cobertura escolar do território, acelerar a construção de hospitais e obviar à degradação do património artístico e cultural nacional.

Para promover uma maior justiça na distribuição dos rendimentos o dr. Mário Soares referiu-se ao problema dos preços e dos rendimentos e salários.

Quanto ao primeiro problema o Governo submeterá à Assembleia um código dos preços e as linhas gerais desse projecto constam já do programa de Governo, afirmou Mário Soares. «em matéria de rendimentos de salários — disse o primeiro-ministro — teremos de reconhecer que existem diferenciações importantes no leque salarial, interprofissionais e intersectorais, que, na medida do possível não bruscamente, naturalmente, terão que ser corrigidos».

Mário Soares salientou que neste momento «estão em estudo, já pelo Governo toda a matéria da revisão do salário mínimo nacional» facto que é considerado pelo Governo como uma medida não só justa como necessária.

Um dos pontos fundamentais em que consiste a política de concertação «a definição dos níveis máximos dos aumentos salariais que possam vir a ser negociados anualmente entre os sindicatos, associações patronais e o Governo, será outro ponto crucial a ser encarado pelo Governo.

Durante as interpelações com Jorge Campinos ao lado, o primeiro-ministro relê um trecho do programa

NECESSIDADES BÁSICAS E QUALIDADE DE VIDA

Responder às necessidades básicas da população e promover a qualidade da vida, capítulo em que se inserem certos departamentos fundamentais como sejam a Justiça a Educação e Investigação científica, a cultura a segurança social, a saúde, a habitação e urbanismo, além de nele se incluirem também os problemas que dizem respeito ao Ambiente ou melhoramento das condições de vida nas zonas rurais, aos desalojados e aos deficientes, foram pontos abordados igualmente pelo dr. Mário Soares, na apresentação do programa do Governo. Dignificar a Justiça, os tribunais, a actividade dos magistrados e dos advogados como servidores do Direito e da Lei, são objectivos a que o Governo se propõe assim como a reestruturação dos Serviços Judiciários, dos Tribunais, dos serviços da Procuradoria Geral da República, dos registos e notariado e fundamentalmente, reestruturação dos serviços prisionais. «É um ponto de honra desta Revolução — disse Mário Soares — que haja reformas humanas e progressivas em matéria de sistema prisional».

O último capítulo abordado por Mário Soares foi o relativo à política de independência nacional e de cooperação internacional a favor da paz.

Preparar o País para situações que possam ser de emergência em matéria de defesa nacional, por a política externa ao serviço de desenvolvimento da economia nacional, insistir na opção europeia mediante a adesão ao Mercado Comum sem prejuízo das relações de Portugal com a EFTA e através de pedido de entrada no Conselho da Europa a formular já em Setembro e permanência na NATO enquanto o desmantelamento simultâneo dos blocos militares não for possível —, são os pontos principais do Programa do Governo neste capítulo.

Mário Soares manifestou o desejo, em nome do Governo, de normalizar as relações de Portugal com o Estado de Israel e estabelecer relações diplomáticas dom a República Popular da China, assim como com os países árabes e os do Terceiro Mundo.

Salientou também o desejo de estreitar e reforçar os laços que nos unem à Inglaterra, à Espanha, à França à Alemanha Federal e aos Estados Unidos, com o qual se deverão retomar o mais cedo possível as negociações soxbre o acordo dos Açores, para a utilização da bse das Lajes.

Referiu-se depois ao interesse de Portugal em manter as melhores relações com os países de expressão portuguesa, no qual se inclui o Brasil, numa base de cooperação e respeito mútuos. «O Governo pensa entretanto que está em condições de poder contribuir poderosamente — afirmou o Primeiro-Ministro — para a normalização que nós desejamos que ocorra a curto prazo, das nossas relações com Anlola e Moçambique.»

Sobre a política de emigração, o Chefe do Governo, manifestou o desejo de estabelecer com os emigrantes «laços efectivos de comunidade, negociar com os países que os acolhem, tratados e convenções que protejam efectivamente as condições de trabalho e as condições de vida dos nossos compatriotas no estrangeiro. Dar-lhes a garantia de que os bens e os valores que têm em Portugal e que enviam para Portugal são respeitados.

Este foi, em linhas gerais, o Programa de Governo posto à consideração da Assembleia da República, pelo Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares.

Sá Carneiro

Amaro da Costa

Carlos Brito

Acácio Barreiros

DEPOIS DO DISCURSO

Muitas interrogações e (várias) respostas adiadas

Cerca das 22 horas, e após intervalo de hora e meia que se seguiu ao discurso do primeiro-ministro, os representantes dos partidos usando da faculdade constitucional puseram numerosas questões ao Governo. De notar um certo paralelismo nas interrogações formuladas pelo PPD e pelo CDS (questão da «maioria presidencial», descentralização regional, sectores público e privado, nacionalizações, etc...) e das «reservas e apreensões» colocadas pelo PCP e pela UDP — medidas contra as actividades fascistas, pides, controlo de gestão, indemnizações e Reforma Agrária, nomeadamente.

«MAIORIA PRESIDENCIAL»

Sá Carneiro, iniciou o seu período de 15 minutos, saudando o significado do acto. Perguntou depois qual o entendimento dado pelo primeiro-ministro à expressão «maioria presidencial». Sobre esta questão, Soares respondeu igualmente ao CDS (que também a formulou). Frisou ter dado ao conceito um sentido aritmético e não político, não sugerindo, portanto, «laços especiais ou alianças» com os restantes partidos dessa «maioria».

O secretário-geral do PPD pediu ainda números sobre a dívida externa, reservas de ouro, empréstimos internacionais, rendimento nacional, etc.. Quis saber do alcance da descentralização regional proposta pelo governo; do «pluralismo» na informação; alcance do Instituto de Sondagens de Opinião; concorrência entre sector público e privado; se haverá novas bases para a Reforma Agrária e que tipo de integração se propunha face à Europa. Registe-se ainda que ao iniciar os seus pedidos de esclarecimento o dirigente do PPD (depois de demarcar o programa do seu partido do programa do Governo) disse não vi nem li estar «para hostilizar um tal Governo».

Ao responder a Sá Carneiro. o primeiro-ministro remeteu-o sistemàticamente para o Programa apresentado, pois, segundo indicou, ele contemplava as questões postas. Considerando no entanto o sentido político de algumas interrogações, Soares sublinhou, depois de dar alguns números sobre reservas, empréstimos e rendimento nacional) que não permitirá sectores privados concorrenciais com o público e considerou sobre a integração do País na Europa que ela ultrapassará a mera associação.

SOCIALISMO; SIM

A Amaro da Costa, Soares respondeu que «o programa das nacionalizações está efectivamente encerrado» exceptuadas alguns (e pequenos) casos pontuais; reafirmou, a propósito da interrogação posta à sua expressão «estamos a» meio caminho entre o capitalismo e o socialismo» que a meta «é efectivamente o socialismo» e sublinhou a sua irreversibilidade.

Sobre a possibilidade de o presidente da República assistir às reuniões do Conselho de Ministros, Soares afirmou que tal ocorrerá quando o Governo ou o presidente o entenderem, porém cincou estarmos em regime semi-presidencialista e que o princípio de separação de poderes é o desejável e há que respeitá-lo. Respondeu ainda que acabaram os saneamentos ideológicos e manifestou esperança que o CDS colabore no regresso dos técnicos.

MUITAS INTERROGAÇÕES

O maior número de questões veio da parte do PCP, por intermédio de Carlos Brito que referiu logo de início as «muitas interrogações e reservas» suscitadas pelo Programa apresentado.

O deputado comunista quis saber se o Governo encarava medidas de assegurar liberdade em todo o território, combater a propaganda e actividade fascistas, julgar os pides e impedir a sua integração em serviços de Estado; não prejudicar os esforços da Intersindical no sentido da unidade sindical; combater o separatismo; se procederia a desnacionalizações; acerca da concorrência ao sector público e eventual participação de capital privado nesse sector ou empresas do Estado; que formule do controlo de gestão pelos trabalhadores, sobre o respeito pela vontade dos trabalhadores em nomeações de comissões directivas; aplicação da Reforma Agrária e qual o apoio às unidades colectivas e cooperativas; Lei do Arrendamento Rural; actualização dos salários; democratização do ensino e cultura; relações com Angola e Moçambique; impedir despedimentos sem justa causa; evitar despejos e desalojamentos; impedir importações de artigos sumptuários ou de luxo; atacar o analfabetismo; anular o «numerus clausus» nas universidades; proteger a economia face à entrada no Mercado Comum, etc...

A isto Mário Soares remeteu invariàvelmente para o «cumprimento da lei» (no caso dos pides, propaganda fascista, separatismo, etc) não respondeu a muitas das questões, afirmando entretanto que não es-

RTP transmite interpelações dos partidos

A RTP transmitirá hoje entre as 18 e 30 e as 20 e 30, através do seu I Programa, uma reportagem ontem gravada na Assembleia da República e que documenta a fase posterior à apresentação pelo Primeiro-Ministro da síntese do programa do Governo.

Trata-se, portanto do período em que os partido não governamentais representados na Assembleia interpelaram Mário Soares e do que encerro-Ministro a todas as questões que lhe foram postas.

respostas do Primei-

Nacional

"A FLORESTA EM BREMERHAVEN"

Vida de um casal de emigrantes dá prémio a Olga Gonçalves

À beira dos quarenta anos, Olga Gonçalves atravessou o Verão passado, um dos períodos mais difíceis da sua vida. «O meu pai tinha morrido, perdi a fortuna em Angola. Fiquei reduzida ao emprego, que acabei por perder também. Sentia-se despojada de tudo mas pensava que tinha saúde e era capaz de escrever. Peguei em dois bikinis, duas blusas, umas calças, umas tamancas e um chapéu e fui para Porto Covo porque tinha lá estado dois meses antes e dei-me conta que aí viviam muitos emigrantes.»

Olga acreditava que se encontrasse alguma coisa que valesse a pena ser registada não deixaria de escrever. Seria o seu primeiro livro de prosa, depois de três de poesia, já publicados. Sente-se segura sempre que pega na caneta e no papel, desde criança que lhe elogiam os escritos. Pôs de lado a ideia de ir para uma pensão e começou à procura de quarto em casa de emigrantes. Acabou por ir bater à porta de um pedreiro que estivera três anos na Alemanha e cuja casa, comprada a uns ricaços e atolhada de móveis, não tinha água canalizada. Olga procurou condições melhores.

«Encontrei quartos com chuveiro e tudo mas os donos não tinham as características daquele casal porque se eu for lá para casa de novo escrevo outro livro de certeza. Eu ou outro escritor que não seja cego». —«Instalei-me», continua Olga, «e comecei imediatamente a tomar apontamentos. Tenho um glossário que ainda não utilizei todo porque frases idiomáticas surgiram a toda a hora».

À medida que ouvia falar o pedreiro, Manuel, e a sua mulher, Natércia, a escritora certificava-se de que não conseguiria escrever o livro em Lisboa e portanto tornava-se necessário permanecer em Porto Covo para continuar o registo diário da experiência narrada pelo casal de alentejanos obrigado a emigrar para a Alemanha. Acabou por tomar as refeições lá em casa. De manhã, ia à praia, regressava para o almoço. De tarde ouvia a mulher, à noite o homem.

Logo na primeira noite a conversa prolongou-se até à meia-noite e Natércia pasmou que o seu homem, ao ouvir quem se interessava pelos seus problemas, perdesse assim o conto às horas.

Para registar o quotidiano daquele casal Olga pensou em recorrer ao diário tradicional mas abandonou rapidamente a ideia. «Reparei que eles tinham mais piada a falar do que eu, por isso pensei em pô-los a falar do princípio ao fim fazendo de conta que os estava a ouvir. Parece que o processo resultou. Voltei a Porto Covo porque tive dificuldades, sobretudo na reconstituição do trabalho na fábrica de conservas».

«A Floresta em Bremerhaven», livro que há dias recebeu o prémio Ricardo Malheiros da Academia de Ciências, é o produto do registo das conversas de catorze dias de férias em Porto Covo e dois em Albufeira. Surge a curiosidade de perguntar a Olga se recorreu à técnica para o registo dos diálogos.

«Nunca trabalhei com gravador», responde a escritora, «criei intimidade com eles e com o seu modo de falar de tal maneira que ao regressar a Lisboa a minha irmã afirmou: —«Agora falas à moda do Alentejo». Não conversei praticamente com mais ninguém. Tenho, aliás, grande facilidade em falar exactamente como os outros. Se um dia não conseguir ser mais nada, serei imitadora».

As recordações dos tempos na Alemanha misturadas com a vida de todos os dias de Manuel e Natércia foram passando assim da memória à escrita e no saco de praia de Olga foram-se avolumando os papéis das notas tiradas com a pressa de quem não quer perder nenhuma frase.

Olga Gonçalves: «Este livro foi para mim uma experiência de comunicação humana»

«Uma das vezes», continuou Olga, «o Manuel estava na sala e eu comecei a escrever. Tinha já duas folhas cheias quando ele perguntou: — **A senhora está a escrever o que eu digo?** Aí ficou muito atrapalhado e perdeu a naturalidade. Assim não me interessava. Desisti».

Dia a dia, passou para o papel a experiência de um homem que aos sete anos **«andava estaforado pelos lavradores sempre a trabalhar pra diante com um bordão atrás de si e que acarretava água para o monte antes do nascer do Sol os pés dormentes com o frio»**. Natércia, a sua mulher, «que não conheceu paladar de outro homem», fez sua a vontade dele e acompanhou-o até à Alemanha onde «dando a língua muda e os braços» o pedreiro conseguiu dinheiro para comprar uma casa.

«Quis que o livro, para mim uma experiência de comunicação humana, fosse acima de tudo documento deste tempo», afirma Olga Gonçalves referindo-se a «A Floresta em Bremerhaven. Este pedreiro, que trabalhou numa fábrica alemã, fazendo sacrifícios enormes, regressou outro, sem ter resolvido os problemas da desadaptação, por ter dinheiro, uma casa com um mobiliário que detesta e o sofrimento provocado pela cobiça e inveja da população. Eles hoje não são amados.»

MULHERES PRÓ ENXOVALHO

Embora no livro se faça referência à mulher de um emigrante que o deixou para viver com um alemão que lhe dá mais prazer, as opiniões sobre a mulher são conformes a um machismo ortodoxo interiorizado pelas próprias mulheres como acontece com uma jovem de 19 anos, Guida, que divide as mulheres em dos grupos: as virgens à espera de casamento e as que são «pró enxovalho».

«Guida representa a nova burguesia», salienta Olga, «a quem a emigração deu dinheiro suficiente para comprar dezenas de vestidos, sapatos e botas, depois exibidos como símbolo de uma ascenção social».

Divorciada desde os 25 anos, Olga Gonçalves é apologista de uma revolução cultural que ponha termo à opressão da mulher defendendo contudo «a libertação desta ao lado do homem de modo a evitar o agudizar do sexismo que não conduz a nada».

Um dia Olga perguntou ao Manuel porque razão uma mulher não tinha o direito a ter mais que um homem. «Credo, credo, o que a senhora está a dizer, exclamou escandalizado o pedreiro, antes queria ver a minha filha no caixão». Foi o único dia em que ele se zangou comigo e disse: —«Vou para a horta; quando o jantar estiver pronto chamem-me.»

UMA HOMENAGEM EM TÍTULO

Na véspera da partida de Olga para Lisboa, Natércia disse-lhe: «Oh minha senhora, no café dizem que temos cá em casa uma escritora. Bem que não é assim, que é só escritora de versos. Em que é que a nossa vida pode interessar a uma escritora?».

«Minha senhora, pensando bem», disse Natércia, «quando nós íamos para a mata da estação, aquilo que eu chamava floresta, em Bremerhaver, era muito bonito e eu bem me lembro que a senhora gostou de ouvir e esteve com muita atenção. A senhora pode fazer versos à floresta».

Olga levantou-se porque não quiz chorar à frente de Natércia e em sua homenagem decidiu pôr ao livro o nome de «A Floresta em Bremerhaven», onde ao Domingo os emigrantes portugueses iam buscar um pouco de beleza.

HELENA BALSA

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

4.ª Vara

ANÚNCIO

Proc. 2219/A 2.ª Secção

Execução de sentença

Exequente — José Vicente e Outro
Executada — A Represental — Departamento de Vendas e Representações, Ld.ª, com sede na Praça do Chile, 15 - 1.º em Lisboa.

No dia 11 de Outrubro próximo, pelas 14,30 horas, nesta 4.ª Vara Cível, sita no Palácio da Justiça, e nos autos acima referidos, hão-de ser postos pela primeira vez em praça, para serem arrematados pelo maior lanço oferecido acima do respectivo valor indicado no processo, vários móveis e o direito ao arrendamento e trespasse da sede da executada, dos quais é fiel depositário o sr. Fermin Gallego, Av. 5 de Outubro, 23 - 1.º em Lisboa.

Lisboa, 23 de Julho de 1976

O Juiz Corregedor
Armando Figueira Torres Paulo
O Escrivão de Direito
Henrique Pereira da Cunha

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE CASCAIS

ANÚNCIO

Por este Juízo e 2.ª secção correm éditos de 30 dias, que se contarão da data da publicação do anúncio, citando o réu DELFIM DA SILVA ALMEIDA, casado, residente em parte incerta e com último domicílio na Rua António Enes, 25, em Luanda-Angola, para, no prazo de VINTE DIAS, findos os éditos, contestar, querendo, a acção de divórcio n.º 1298, que lhe move a autora, sua mulher, Adélia de Jesus Matias Carvalho da Silva Almeida, moradora em Cascais, com fundamento nas al. h) e i) do Artigo 1778.º, do Código Civil, sob pena de, não contestando, prosseguir o processo à sua revelia.

Cascais, 5 de Julho de 1976.

O JUIZ DE DIREITO
(Rui de Almeida Mira)

O ESCRIVÃO DE DIREITO
(José António Marques Pacheco)

"SOCIQUIM — SOCIEDADE DE PRODUTOS QUÍMICOS, LIMITADA"

TERCEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA Notário — Lic. António Manuel Rodrigues Hespanha

CERTIFICO para efeitos de publicação que, por escritura lavrada no dia treze de Maio do ano em curso de folhas 53 a 55 verso do livro de notas para escrituras diversas F-15 deste Cartório, LUÍS MELENDEZ SANTOS e MANUEL GONÇALVES DE OLIVEIRA, constituíram a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com o seguinte pacto:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação «SOCIQUIM — Sociedade de Produtos Químicos, Limitada», tem a sede e estabelecimento em Lisboa, provisoriamente na rua Um, número vinte e um, Bairro da Calçada dos Mestres e durará por tempo indeterminado a partir de hoje.

SEGUNDO

A sociedade tem por objecto a actividade de representações e a importação e fabrico de produtos químicos, e qualquer outro ramo de comércio ou indústria que delibere explorar.

TERCEIRO

O capital social é de quinhentos contos, integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma das seguintes quotas: uma de trezentos e trinta e cinco contos do sócio Manuel Gonçalves de Oliveira.

QUARTO

São permitidas prestações suplementares de capital até ao limite de mil contos nas condições que forem estabelecidas por deliberação de assembleia geral.

QUINTO

A cessão de quotas a sócios ou a estranhos fica dependente de autorização da sociedade, com a observação das seguintes condições:

A) — O sócio que pretender ceder a sua quota notificará por escrito a sociedade dessa intenção, identificando a pessoa a quem pretende fazer a cessão e indicando o preço ajustado, o modo como ele será pago e todas as demais condições que estabelecer;

B) — Nos quinze dias subsequentes ao recebimento da notificação, reunir-se-á a assembleia geral da sociedade para decidir se ela deseja ou não preferir, adquirindo para si a quota pelo preço e condições constantes da notificação;

C) — Se a sociedade deliberar não preferir poderão os sócios usar desse direito nas mesmas condições que usaria a sociedade;

D) — Salvo acordo em contrário, se mais de um sócio preferir será a quota cedenda dividida por eles em partes iguais;

E) — Se a divisão da quota em partes iguais não for legalmente possível e não houver acordo dos sócios preferentes sobre a sua atribuição, será a divisão efectuada nas fracções mais aproximadas às que a lei admitir e que serão atribuídas por sorteio;

F) — Exercido qualquer direito de preferência a escritura de cedência deve ser outorgada no prazo de trinta dias a contar da data da reunião da assembleia geral referida na cláusula b), sob pena de já não poder fazer-se;

G) — No caso de, tanto a sociedade como os sócios não cedentes não se pronunciarem no indicado prazo de quinze dias, o sócio que pretender ceder a quota poderá fazê-lo livremente, considerando-se o silêncio como acordo à cessão proposta.

SEXTO

A sociedade poderá amortizar qualquer quota nos casos seguintes:

A) — Insolvência ou falência do sócio titular;

B) — Arresto, arrolamento ou penhora da quota;

C) — Venda ou adjudicação judiciais.

Parágrafo primeiro: A amortização será realizada pelo valor da quota determinado pelo último balanço aprovado, que será pago em cinco prestações trimestrais iguais;

Parágrafo segundo: Considera-se realizada a amortização com o depósito efectuado na Caixa Geral de Depósitos, à ordem de quem competir, da primeira prestação correspondente ao valor da quota apurado nos termos do parágrafo anterior.

SÉTIMO

A sociedade será representada em juízo e fora dele, activa e passivamente, por dois sócios gerentes, ficando desde já nomeados gerentes os dois outorgantes desta escritura, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral.

Parágrafo primeiro: Para que a sociedade fique validamente obrigada nos seus actos e contratos torna-se necessária a intervenção conjunta de dois gerentes ou de seus representantes.

Parágrafo segundo: Os sócios gerentes poderão delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência noutro sócio ou em pessoa estranha à sociedade, com o acordo desta, mediante procuração.

Parágrafo terceiro: Fica expressamente proibido aos gerentes obrigar a sociedade por avales, fianças, assinaturas de favor e em actos e contratos estranhos aos negócios sociais.

OITAVO

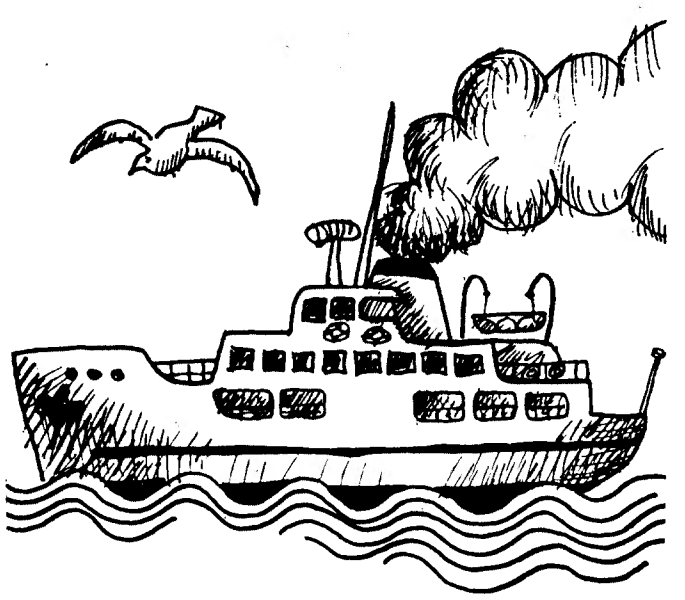
Por morte ou interdição de qualquer sócio a sociedade não se dissolve, continuando com os sócios sobrevivos ou capazes e com o representante do interdito ou dos herdeiros do falecido.

Parágrafo único: Quanto aos herdeiros do sócio falecido estes exercerão em comum todos os direitos inerentes à quota enquanto esta se encontrar indivisa, devendo fazer-se representar por um só.

NONO

As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com, pelo menos, oito dias de antecedência, salvo se a lei não prescrever outra forma de convocação e prazo.

ESTÁ CONFORME. Lisboa, 18 de Maio de 1976.



Cruzeiro a Troia

Dias 25 de Julho
8 e 22 de Agosto
5 e 19 de Setembro

Uma iniciativa do GITUS
levada a efeito
numa das modernas embarcações
dos Caminhos de Ferro Portugueses

Preços adultos 150$00
crianças 70$00
Suplemento para almoço 50$00

Horário estação do Terreiro do Paço
embarque 08.00 horas
desembarque 20.30 horas

bilhetes à venda
nas estações de Lisboa
no GITUS
(telef. 53 98 71-36-25 01-68 11 78)
e no teu Sindicato

Caminhos de Ferro Portugueses

Olhe, a vantagem maior que eu vejo
nas Obrigações do Tesouro é...
ter o dinheiro seguro e a... render
alguma coisinha que se veja.
A gente tem de se defender, não é?

Geral

Há dezassete anos em Bissau

Massacre dos estivadores do Pidjiguiti apontou caminho para a luta armada

Completam-se hoje 17 anos sobre um acontecimento sangrento registado em Bissau que iria mudar qualitativamente a luta contra o colonialismo português passando-a à sua forma superior e estruturalmente transformadora da sociedade: a luta armada de libertação nacional.

A 3 de Agosto de 1959, três horas e meia da tarde, a tropa colonial, polícia e colonos armados, descarregaram as espingardas sobre estivadores e trabalhadores marítimos em greve no cais do Pidjiguiti, em Bissau. Ao fim da tarde, empilhavam-se os corpos no cais, dentro das pequenas embarcações de pesca (onde os marítimos se tinham tentado refugiar), no hospital, onde foram descarregados em camionetas. Nas águas revoltas do Geba, outros morriam por afogamento, quando procuravam, desesperadamente, fugir do local da morte.

Nunca se soube exactamente o número de mortos e feridos: mas entre o pranto das viúvas e o choro das crianças, entre a gritaria feroz da tropa colonial que nesse dia patrulhou as ruas de Bissau com fulgor assassino no olhar e as conversas encosas dos responsáveis do Partido que rapidamente passaram à clandestinidade resultou o consenso de que pelo menos, meia centena de cidadãos perdera a vida e uma centena fora ferida de uma maneira ou doutra.

O colonialismo português revelava a sua natureza à luz do sol africano, em tudo o que tinha de mais primário, mais retrógado e mais assassino. Recorrendo às balas e à pólvora começava a cavar a sua própria sepultura e apontava o caminho aos que o combatiam: o caminho da guerra, da violência, da luta armada.

LUTA POLÍTICA

O Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde havia sido fundado três anos antes, a 19 de Setembro de 1956, por Amílcar Cabral. Desde então dedicara-se à politização e organização dos trabalhadores de Bissau principalmente dos trabalhadores do comércio e dos estivadores e marítimos. Poucos meses antes, uma greve vitoriosa, exactamente no cais, apontava para a intensificação da luta política. O trabalho clandestino do PAIGC começava a surtir efeitos e a provocar o pânico entre as autoridades coloniais.

Ao trabalho político partidário responde o governo central da única maneira que conhecia: instalado a PIDE na colónia.

Em 1958 a Guiné francesa, ali vizinha, tornara-se independente e os ventos sopravam do Sul trazendo novas forças aos patriotas. A greve no porto de Bissau estava marcada para 31 de Julho. Reivindicara-se um pequeno aumento salarial, a expulsão de dois ou três dos seus maiores carrascos e a melhoria das regalias sociais. Os salários no cais andavam entre os 300 escudos mensais, o mais elevado, e 50 escudos, o mais baixo. Como os salários não fossem pagos nesse dia a greve foi adiada. A 3 de Agosto baixaram os braços no Pidjiguiti. Entre a satisfação das reivindicações, conforme ordem dada de Lisboa pela gerência da Casa Gouveia, e o afogar da revolta, em sangue, as autoridades coloniais escolheram esta última.

«Resolveram massacrar os trabalhadores e estavam dispostos a massacrar a própria população de Bissau, se esta manifestasse, abertamente, nas ruas o seu descontentamento», como disse Amílcar Cabral no 12.º aniversário do massacre.

«Uma onda de repressão colonial terrorista, da mais bárbara invadiu os bairros nativos da capital, ameaçando afogar em sangue a maioria da população africana de Bissau», conta, ainda o fundador do PAIGC. «E isso só não aconteceu, porque os responsáveis do nosso Partido e dos trabalhadores, vigilantes, souberam a tempo controlar os elementos mais excitados pelo crime, acalmar a população que queria manifestar, em massa, a sua indignação e não permitir assim que o povo africano de Bissau sem armas, caísse na armadilha assassina dos colonialistas portugueses e dos seus miseráveis agentes. Evitámos o pior mas o povo da nossa terra, em particular a população de Bissau e todos os africanos honestos e patriotas jamais esquecerão o massacre do Pidjiguiti, o dia 3 de Agosto de 1959».

A LUTA ARMADA

Os ecos da tragédia chegaram a Luanda onde Amílcar Cabral trabalhava como engenheiro agrónomo, pois era proibido residir em Bissau ou em Cabo Verde. Rapidamente arrumou as suas coisas e voou para a Guiné aproveitando o período anual em que era autorizado a visitar os parentes. A 19 de Setembro — mês e meio depois da tragédia, no terceiro aniversário do PAIGC — reúne a Direcção do Partido e conclui que o único caminho para a independência e para combater um colonialismo tão retrógado e sanguinário era a luta armada.

Em função desta conclusão decide o PAIGC mobilizar e organizar, prioritariamente, as massas camponesas, mobilizar os emigrantes residentes nos países vizinhos, a iniciar a preparação política e militar dos quadros, transferir o Secretariado para Conakry e arrancar com os preparativos para a luta armada.

As tarefas preparatórias levariam quatro anos a desenvolver-se. Pelo caminho, a 3 de Agosto de 1961, inicia-se a acção directa (sabotagens, cortes de vias de comunicação, destruição de instalações) culminando esta fase com o ataque à caserna de Tite em Janeiro de 63.

A luta armada fora desencadeada. A balas e a pólvora conseguiriam aquilo que o colonialismo, por via pacífica, se recusou a conceder. É por isso que hoje se diz que o sangue dos mártires do Pidjiguiti não foi em vão: ele foi, apenas, o prenúncio da alvorada da libertação.

E o colonialismo português aprenderia à sua própria custa que o sangue do massacre também poderia tingir a sua própria vida.

O dramático é que se tenha chegado ao que o PAIGC pretendia, pacificamente até Agosto de 59, após tantos anos de guerra e extermínio!

O dramático é que, pelo caminho, ficaram muitos dos melhores filhos do Povo português e do povo da Guiné-Bissau que hoje não podem viver na paz a nossa mútua libertação!

ANO I • N. 56 • SÁBADO • 2 DE AGOSTO DE 1975 — TRISSEMANÁRIO NACIONAL • PREÇO: 2$50

NÔ PINTCHA

• ORGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO •

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3737/3738 — BISSAU

1959 - 3 DE AGOSTO - 1975

3 de Agosto de 1959: no cais do Pidjiguiti, tropa, polícia e colonos portugueses voltam as suas armas contra os trabalhadores africanos do porto. Em menos de meia hora ceifam mortos cerca de cinquenta dos nossos irmãos e mais de cem ficam feridos. O crime consumou-se: os colonialistas portugueses massacram o povo da Guiné, que ousa revoltar-se contra a miséria e a exploração de que é vítima.

O P.A.I.G.C. fundado em 1956, realizara intenso trabalho político de mobilização e organização na cidade de Bissau, sobretudo entre os empregados e funcionários do porto. Conscientes dos seus direitos e dos abusos de que são vítimas, os homens do Pidjiguiti dispõem-se a reclamar e a protestar perante as autoridades coloniais e as empresas capitalistas implantadas na nossa terra.

(Continua na última página)

MENSAGEM de Aristides Pereira

Este 3 de Agosto de 1975 reveste-se de características muito particulares e de uma grande importância para a nossa luta, visto que as comemorações se efectuam no momento em que o Programa Mínimo do nosso Partido foi cumprido.

(Continua na última página)

HONRA E GLÓRIA AOS MÁRTIRES DO PIDJIGUITI

O MASSACRE DO PIDJIGUITI 16 ANOS DEPOIS-EDIÇÃO ESPECIAL 14 págs.

Primeira página do «Nô Pintcha», órgão do PAIGC, de 2 de Agosto do ano passado, por acasião do 16.º aniversário do morticínio

PUB

UNIDOS RECREATIVO CLUBE

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de 22 de Julho do corrente ano lavrada de folhas 99 verso do livro A-750 a folhas 3 do livro A-751 ambos de notas deste 14.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Lic. Domingos Rodrigues Gomes, RUFINO PEREIRA, VITOR MANUEL CORREIA MARQUES, CARLOS ALBERTO CARDOSO DA SILVA, JOSÉ LUIS TORRES DOS SANTOS, FRANQUELIM MARIA ALVES RODRIGUES, CARLOS BERNARDO RODRIGUES, HERNANI JOSÉ FERREIRA PEREIRA, JOSÉ JULIO MARQUES ALVES, JOSÉ MANUEL TOMÁS DE CARVALHO E CARLOS ALBERTO LOURENÇO TEIXEIRA constituiram uma associação, nos termos dos artigos 157 e seguintes do Código Civil e do Decreto-Lei n.º 594/74 de 7 de Novembro, que se regerá pelos seguintes estatutos:

ART.º 1.º Sob a denominação de «UNIDOS RECREATIVO CLUBE», é constituída uma associação, que tem a sua sede em Lisboa, no Casal Ventoso de Cima, letras A. P., freguesia de Santo Condestável;

ART.º 2.º A associação tem por fim a promoção cultural desportiva e recreativa dos seus associados, sendo indeterminado o prazo da sua duração;

ART.º 3.º Os associados obrigam-se ao pagamento de uma jóia inicial de vinte escudos e de uma quota mensal de dez escudos, alteráveis por deliberação da assembleia geral;

ART.º 4.º São órgãos da associação «Unidos Recreativo Clube»: A Mesa da Assembleia Geral, a Direcção e o Conselho Fiscal;

ART.º 5.º A competência e a forma de funcionamento da assembleia geral são as prescritas nas disposições legais aplicáveis, nomeadamente os artigos cento e setenta a cento e setenta e nove do Código Civil;

ART.º 6.º A Mesa da Assembleia Geral é composta por três associados, competindo-lhe convocar, dirigir e redigir as actas dos trabalhos das assembleias gerais;

ART.º 7.º A Direcção é composta por treze associados, e compete-lhe a gerência social, administrativa, financeira e disciplinar, devendo reunir semanalmente;

ART.º 8.º O Conselho Fiscal é composto por cinco associados, competindo-lhe fiscalizar os actos administrativos e financeiros da Direcção, verificar as suas contas e relatórios e dar parecer sobre os actos que impliquem aumento de despesas ou diminuição de receitas sociais, e deverá reunir pelo menos uma vez em cada trimestre;

ART.º 9.º No que estes estatutos sejam omissos, rege o regulamento geral interno, cuja aprovação e alterações são da competência da assembleia geral.

Está conforme ao original, nada havendo na sua parte omitida em contrário ou além do que neste extracto se narra e transcreve.

Lisboa e referido 14.º Cartório Notarial, aos vinte e nove de Julho de mil novecentos setenta e seis.

O Ajudante,

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE VESTUÁRIO, LAVANDARIA E TINTURARIAS DO DISTRITO DO PORTO

INFORMAÇÃO SOBRE O CASO CORONADO

Não quis este Sindicato tomar posição pública sobre a actual situação da Coronado sem ouvir o novo ministro do Trabalho do I Governo Constitucional dr. Marcelo Curto.

Assim fomos recebidos no dia 30/7/76 pelo ministro que referiu o seguinte:

1 — O despacho que ordenou a reabertura da Coronado pretendeu ser não uma cedência face à posição do Patronato, mas sim uma prova de boa vontade do Governo, demonstrativa de que por este meio se deverá caminhar para garantir o direito ao trabalho a todos os trabalhadores, incluindo obviamente as 36 trabalhadoras suspensas.

2 — O Governo na pessoa do ministro vai activar as negociações com o patrão da «Coronado», a fim de resolver as situações de suspensão arbitrária de trabalhadores.

3 — O ministro não aceita como válidos plenários que decidam contra os interesses dos próprios trabalhadores, como é o caso evidente dos plenários feitos em S. Romão do Coronado.

4 — O Governo na pessoa do ministro aconselhará o patrão a assumir as suas responsabilidades, pois encontra-se disposto a exigir a reintegração dos trabalhadores, podendo substituir a gerência da empresa se a tal for obrigado, determinando a intervenção do Estado.

5 — O ministro do Trabalho assegurará o pagamento integral dos salários às trabalhadoras suspensas, até à data da sua reintegração.

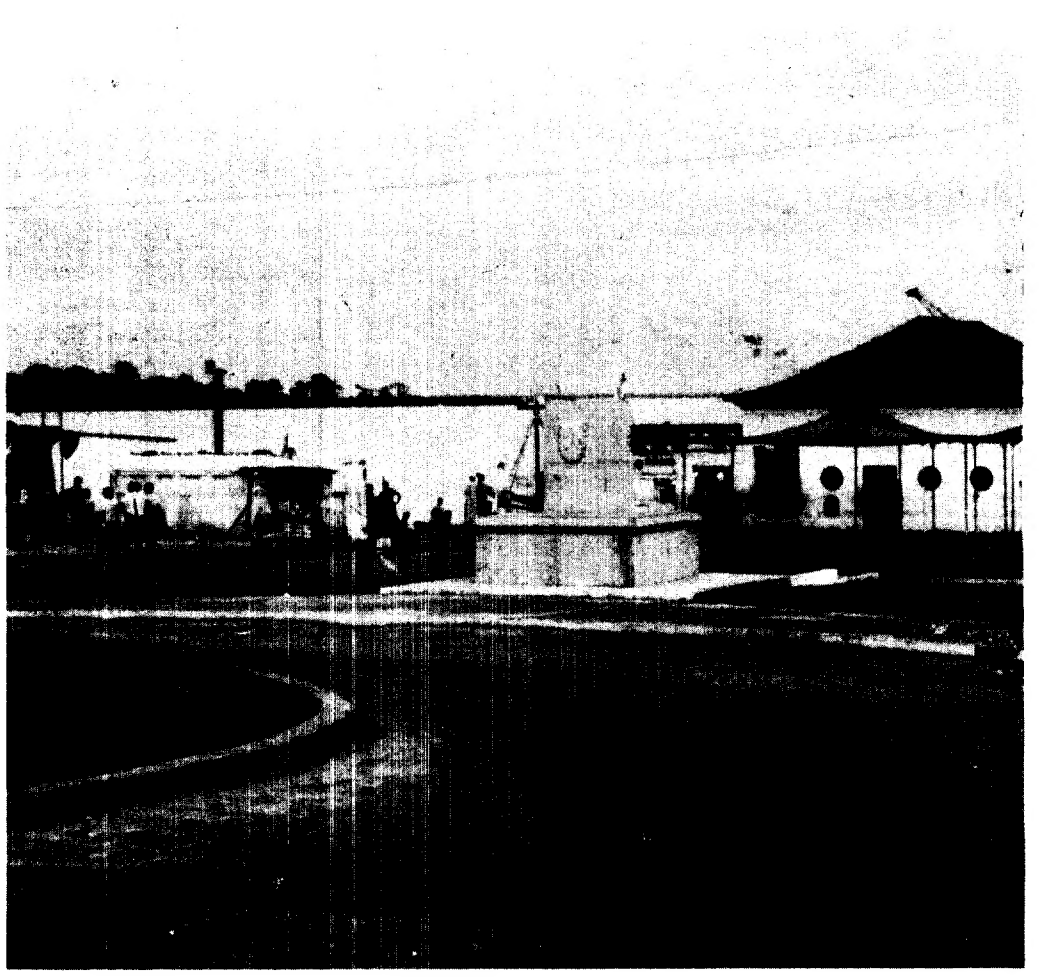
Acerca das afirmações do ministro dr. Marcelo Curto este Sindicato toma a seguinte posição:

a) Fica aguardando activamente o desenrolar das ditas negociações, que não poderão conduzir a outro resultado que não seja a reintegração.
b) Faz lembrar que há mais de seis meses aquele Ministério vem mandando «medidas» que na prática não resolvem o problema.
c) Reafirmamos a nossa posição de intransigente defesa do direito ao trabalho de todos os trabalhadores da Coronado. Estamos certos que só a luta e a Unidade das 36 trabalhadoras, arbitrariamente suspensas tem contribuído para resolver este caso de flagrante atentado à liberdade.

ATÉ A VITÓRIA FINAL

UNIDOS ORGANIZADOS VENCEREMOS

A DIRECÇÃO



Este é o local do massacre: ao fundo da avenida hoje chamada Amílcar Cabral, em torno da estátua (hoje derrubada) e no pequeno cais que se abre, até ao rio, junto aos armazéns. Como escreveu um dos jovens poetas da Guiné-Bissau, «os transatlânticos não chegaram ao Pidjiguiti/mas os estivadores morreram/de fome e de balas no Pidjiguiti»

Trabalho

GREVE NAS FARMÁCIAS
Depois do dia 6 qualquer data é boa

Os ajudantes de farmácia entrarão em greve em qualquer altura depois do dia 6, data em que termina o prazo de dez dias de antecedência mínima para aviso de greve, previsto na lei. Tal aviso prévio foi feito neste caso, como também estipula a lei, ao Ministério do Trabalho e à Associação Nacional de Farmácias, que representa a entidade patronal nas negociações.

Esta greve, que deverá ser total e contínua, só poderá ser evitada no caso das entidades patronais resolverem aceitar a parte do clausulado que se encontrava por negociar na altura da ruptura das negociações e que se referem ao quadro de densidades, prestação de serviço extraordinário e classificação das farmácias.

Entretanto, como alternativa para a greve, em regiões onde o encerramento das farmácias possa causar grandes prejuízos na assistência medicamentosa, os profissionais de farmácia poderão optar pela abertura dos estabelecimentos, praticando no entanto um desconto de 20 por cento nos medicamentos vendidos.

Sobre esta outra forma de luta, os delegados sindicais de Setúbal, reunidos em plenário, aprovaram uma moção em que afirmam que a greve é a única forma de resolver o conflito e que o desconto nos medicamentos só deve ser adoptado em vez da greve a titulo excepcional.

Recomeçaram os trabalhos na refinaria de Sines

Os trabalhadores da refinaria de Sines que se encontravam paralisados desde ontem de manhã, altura em que a Comissão Central de Trabalhadores decidiu encerrar as instalações, foram hoje retomados. A decisão do recomeço das actividades foi tomada em plenário de trabalhadores efectuado esta manhã, depois dos membros da Comissão de Trabalhaores terem afirmando a disposição da Petrogal de ofectuar o pagamento de quatro dias de greve.

No entanto, o Conselho de Gerência da Petrogal, segundo nos infomaram, condicionou o pagamento dos quatro dias ao recomeço do trabalho «com mais fervor para compensar o tempo perdido». Os trabalhadores aceitaram esta proposta no plenário que se efectuou esta manhã.

Os quatro dias da paralisação efectuada há mais de cinco semanss na sequência da morte de um operário que chamou a atenção para os problemas relacionados com a assistência médica no complexo de Sines, serão portanto pagos pelas empresas empenhadas na construção da refinaria de Dines, à semelhança do que já aconteceu noutras onde os trabalhadores aderiram, na ultura, aquela forma de luta.

No entanto, segundo nos afirmou um membro da Comissão Central de Trabalhadores da refinaria, a questão ainda não está completamente resolvida, uma vez que ontem o hospital de Santiago de Cadém se encontrava em greve de zelo, porque o respectivo pessoal não teria recebido alguns pagamentos a quem tem direito. Em contacto com este hospital apurámos que a greve já terminou.

Mas, o mesmo informador da C.C.T. disse-nos que os problemas relacionados com assistência médica se encontravam longe de ter solução. Os pontos principais parecem ser a passagem dos médicos militares a civis, e os relacionados com o seu alojamento e transportes, além de condições de trabalho (postes clínicos e outras).

Por esse motiv, os membros da Comissão de Trabalhores deverão voltar ainda hoje a Lisboa a fim de retomarem as negociações com o Conselho de Ferência da Petrogal.

CONGRESSO DOS SINDICATOS
Discordâncias podem ser ultrapassadas
— assegura a "Inter" após reunião de sexta-feira

Dos 31 artigos do projecto de regulamento do II Congresso dos Sindicatos Portugueses, elaborado pelo Secretariado da Intersindical e apresentado na reunião geral de sindicatos realizada na sexta-feira à tarde, apenas onze suscitaram divergências de pormenor ou de funso entre as representações presentes, de diversas linhas sindicais.

A questão de fundo que deu origem ao desacordo em relação a alguns artigos é a participação no Congresso da estrutura sindical criada e desenvolvida pelos trabalhadores portugueses — diz o gabinete de Informação da Intersindical. Saliente-se que foram objecto de aceitação unânime alguns aspectos fundamentais, tal como a ordem de trabalhos (alteração dos estatutos; análise, discussão e aprovação do programa de acção; lei sindical; eleição do secretariado; etc.) ou a proposta apresentada quanto à data da realização do Congresso.

«Do conjunto das posições definidas nas intervenções, ressaltou a certeza de que é possível ultrapassar as discordâncias», garante a Intersindical. «Esta reunião criou, de resto, as condições para que a preparação do Congresso decorra agora de forma unitária e para que cessem definitivamente as iniciativas paralelas».

Recorde-se que, de acordo com uma proposta então aprovada, a «mesa» ficou encarregada de promover todos os contactos necessários para se efectivar rapidamente uma nova reunião geral de sindicatos, onde será eleita a comissão organizadora do Congresso; ficou também mandatada para recolher as sugestões apresentadas, de modo a poder propor, tendo em conta os pontos sobre os quais se chegou a um consenso, um projecto de regulamento do Congresso, a distribuir por todos os sindicatos.

Na reunião da última sexta-feira estiveram presentes 244 sindicatos (35 dos quais não filiados na Intersindical), cinco federações e treze uniões, representando cerca de um milhão 466 mil trabalhadores, dos quais 259 mil inscritos em organizações sindicais que não aderiram à central sindical.

Vasco da Gama recebe Intersindical

O Secretariado da Intersindical avistou-se, na sexta-feira passada, com o Presidente da Mesa da Assembleia da República, a quem fez entrega dos documentos aprovados no Plenário da «Inter» do dia 12 de Julho. A Intersindical felicitou, também, o dr. Vasco da Gama Fernandes pela sua eleição para aquele cargo, e manifestou-lhe o seu «agrado por essa escolha ter recaído sobre um homem de uma grande coerência política, com um passado de luta antifascista que é uma sólida garantia de que sob a sua condução, a Assembleia da República zelará pela defesa das conquistas democráticas, pelo respeito e aplicação da Constituição e pelo avanço da revolução democrática rumo ao socialismo».

Segundo informa a «Inter», Vasco da Gama Fernandes exprimiu a sua «determinação de estar em permanente contacto com os trabalhadores antifascistas, comprometendo-se a dar conhecimento à Assembleia da República das preocupações e anseios das classes trabalhadoras».

SINDICALISTA SUSPENSO

Em telegrama aos órgãos superiores do poder, o secretariado da Intersindical protesta «veementemente contra a suspensão arbitrária do dirigente sindical dos metalúrgicos de Viseu, José Figueiredo, trabalhador da Fapa». A «Inter» considera que se registou, neste caso, uma violação evidente da Lei Sindical e desrespeito pelos trabalhadores da empresa, do Sindicato e do delegado do Ministério do Trabalho naquela cidade, exigindo, por isso, o imediato levantamento da suspensão e a intervenção das instâncias competentes na resolução do conflito.

José Figueiredo foi suspenso pelo patrão da empresa onde trabalha, a Fapa.

Portuários aderem à luta nas conservas

Os trabalhadores das indústrias de conseva continuam a sua luta de retenção das conservas nas fábricas, como forma de levar o patronato a aceitar as suas propostas para o Contrato Colectivo de Trabalho.

Como resposta ao comunicado das associações dos industriais de conservas publicado hoje num matutino, segundo o qual os sindicatos teriam decretado no decurso das negociações, novo boicote à saída dos produtos, o que contrariava compromisso anteriormente assumido, um porta-voz do sindicato dos trabalhadores conserveiros de Matosinhos declarou-nos que a luta recomeçou porque o patronato não aceitou até agora a clausula das 45 horas de trabalho semanais, já estabelecida pelo secretário das Pescas. Os trabalhadores conserveiros trabalham actualmente 24 horas semanais durante quatro meses e 32 nos restantes oito meses, o que limita substancialmente os seus salários.

Entretanto, a Federação Nacional dos Sindicatos dos Trabalhadores Portuários aderiu a esta luta, não procedendo à exportaçao de conservas.

Na próxima quinta-feira às 18 horas, os conserveiros de Matosinhos concentram-se diante do Município local para entregar uma exposição em que solicitam a intervenção do Município como representante dos trabalhadores junto do Governo.

OLIVEIRA E FERREIRINHAS
Subsídio de férias ainda não apareceu

Os trabalhadores da empresa metalúrgica Oliveira e Ferreirinha, de Matosinhos, mantinham-se esta manhã nos seus postos de trabalho, depois do malogro dos contactos ontem feitos pela sua Comissão de Trabalhadores com o Banco Português do Atlântico e com a delegação do Porto do Ministério do Trabalho.

De acordo com um comunicado da C.T. hoje distribuido na fábrica, os seus elementos foram recebidos no corredor por um membro da Comissão de Gestão do B.P.A., dr. Ricardo Tavares, que afirmou não haver nada a fazer no banco.

Por esse motivo, a Comissão de Trabalhadores decidiu deslocar-se a Lisboa com o objectivo de tentar obter do Ministério das Finanças um documento que autorize aquele estabelecimento bancário a proceder ao pagamento de férias do pessoal, que apesar de estar na altura das férias anuais, continua nos postos de trabalho, sem desenvolver qualquer actividade.

A situação decorre do facto de não existir dinheiro, 5.000 contos, para pagamento dos subsídios e de, por outro lado, a Comissão de Gestão do B.P.A., que detém 31 por cento do capital da empresa, não se decidir a cobrir aquela quantia. Por esse motivo, os 1034 trabalhadores entraram em greve no dia 22.

na forja

TRABALHADORES SOCIALISTAS APONTAM MEDIDAS AO GOVERNO

Os elementos da secção do Partido Socialista da Lisnave reunidos pela primeira vez depois da tomada de posse do Governo, emitiram um comunicado em que preconizam que «o Governo empreenda o indispensável dinamismo governativo na caminhada irreversível para o socialismo. «No documento, os trabalhadores garantem que tudo farão pela independendência económica do país «base indispensável para se alcançar a independência nacional». Entre outras medidas que esperam do novo Governo, os trabalhadores socialistas da Lisnave apontam: a apresentação para análise de legislação sobre «controlo de gestão», reorganização da Previdência e dos esquemas de segurança social; redução dos leques salariais tendo em conta especialmente os salários abaixo de 7000 escudos e criação de escolas de educadoras de infância para que «as trabalhadores portugueses possam em segurança e sem problemas ver seus filhos a beneficiar dos infantários de jardins de infância».

TRABALHADORES AGRÍCOLAS LUTAM POR SINDICATO

Os trabalhadores agrícolas do distrito da Guarda não têm Contrato Colectivo de Trabalho, laborando na situação de trabalhaores eventuais, sem trabalho certo nem assistência médico-social nem férias pagas. «Para termos tudo isto, nós temos que criar um Sindicato que nos proteja e que lute por estas regalias», afirma num comunicado a Comissão para a Formação do Sindicato dos trabalhadores Agrícolas do Distrito da Guarda, recém-constituída. A comissão pede a todos os colegas de trabalho que enviem o seu apoio, pedidos de esclarecimento ou de informações para a sede provisória da comissão no edifício do ex-Grémio da Lavoura, em Pinhel.

IMPUGNAÇÃO REJEITADA

A Comissão Eleitoral do Sindicato dos Técnicos de Desenho rejeitou o pedido de impugnação das eleições para os corpos gerentes do sindicato apresentado pela lista B. Segundo esta, o atraso dos CCT na distribuição da correspondência não permiriu que todos os sócios pudessem exercer o direito de voto, tendo vencido as eleições a lista A. Segundo a Anop, a lista B vai recorrer ao Tribunal de Trabalho.

RETORNADOS RECLAMAM JUSTIÇA

Os reformados da margem sul do Tejo reuniram em plenário, com a presença de mais de 700 pessoas para debater a sua situação. Alguns dos presentes, entre eles elementos da sua comissão de luta salientaram a injustiça de se arranjar 35 milhões de contos para indemnizar latifundiários e capitalistas e de se estabelecer como ordenado mensal para os deputados, 35 contos, enquanto que para aumentar as suas magras pensões o Governo diz não ter verba. Na reunião foi ainda focado o problema dos deficientes das Forças Armadas e dos sinistrados do trabalho.

300 TRABALHADORES EM RISCO DE DESEMPREGO

A Comissão de Trabalhadores das fábricas Lufapo, de Coimbra, enviou telegramas ao Presidente da República, Primeiro-Ministro e ministro da Indústria e Tecnologia, solicitando intervenção estatal a fim de evitar o desemprego dos seus 300 trabalhadores. Segundo declarou à Anop a Comissão de Trabalhadores, o principal problema da fábrica é a falta de investimentos.

CONSTRUÇÃO CIVIL DOS AÇORES

A maioria dos trabalhadores da Construção Civil do distrito de Angra do Heroísmo, inscritos no respectivo sindicato, vai sofrer aumentos salariais da ordem dos quinze por cento. O novo Contrato Colectivo de Trabalho que entrou em vigor no dia 1, estabelece entre outras regalias, períodos de férias que vão de 15 a 30 dias anuais e a atribuição do décimo terceiro mês.

Nacional

PARA QUE O FASCISMO NÃO VOLTE NUNCA MAIS

OS CRIMES DE MOR

DA PI

Completaram-se dois anos sobre o derrube do regime fascista sem que se efectuasse em Portugal um único julgamento político. Será possível não haver culpados por cinco décadas de repressão, de prepotência oligárquica, de aviltamento moral e político do Povo português?

O general Manuel Ribeiro de Faria, num relatório recente do Serviço de Coordenação da Extinção da Pide/DGS e LP, justificando a libertação de agentes da polícia política fascista, afirma que «a Pide, como instituição, pertence ao nosso passado histórico e está extinta». Mas a Pide matava, e consideramos débil castigo para os seus crimes o facto de muitos elementos da ex-DGS viverem agora «uma vida muito dura, muitos deles vendo-se, no seu próprio País, reduzidos à condição de párias ou mendigos», como diz o senhor general. Aliás, estas vítimas de «um meio que lhes é hostil e sem esperança» têm feito falar de si nestes últimos tempos, aparecendo como protagonistas de muitos eventos singulares, desde perseguições e agressões a democratas no Centro e Norte do País até ao cerco, em pleno dia e numa das zonas centrais da capital, a um antifascista que só conseguiu ver-se livre de cinco agressores ex-pides exibindo uma arma de fogo...

«Temos de banir totalmente as sequelas do fascismo e realizar integralmente o 25 de Abril», afirmou o general Ramalho Eanes, na mensagem proferida imediatamente a seguir ao acto da sua tomada de posse como Presidente da República. Libertar sem julgamento malfeitores que não observavam quaisquer preceitos jurídicos e morais decorrentes do respeito pela pessoa humana equivale a deixar vivas as sequelas do regime deposto, a deixar que prolifere, descauterizada, a gangrena do fascismo.

A ENGRENAGEM

A polícia política fascista, criada logo no início do regime, começou por se chamar Polícia de Informação, tomando depois o nome de Polícia de Vigilância e de Defesa do Estado (PVDE). Em 1945, adoptou a designação de Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), aumentando consideravelmente os seus poderes e melhorando-os. Após a morte de Salazar, a pseudoliberalização de Caetano «renovou» a Pide na «continuidade»: passou tecnocraticamente a chamar-se Direcção-Geral de Segurança (DGS).

Nos primeiros anos do Estado Novo, Salazar reservou-se o comando das forças repressivas do regime, impulsionando e dirigindo directamente a ofensiva fascista contra as liberdades democráticas. Foi sob a sua direcção e com a colaboração e assistência técnica de peritos da Gestapo, como o nazi Krammer, que se criou e desenvolveu o vasto e centralizado aparelho policial do Estado Novo, onde cabia à polícia política o papel de «pivot».

Os milhares de agentes da Pide, especialistas do terrorismo político, dispunham de escolas para a formação de quadros, laboratórios, ficheiros, bibliotecas e museus especiais. Esse gigantesco aparelho estimulava, coordenava e dirigia a repressão fascista em todos os organismos do Estado, comandando ainda as outras polícias e as forças militarizadas no assalto às manifestações populares e nas operações de intimidação, no decorrer das quais regiões inteiras foram por vezes submetidas a um verdadeiro regime de ocupação, como repetidamente aconteceu no Alentejo e também por ocasião das grandes greves de Maio de 1944, no baixo Ribatejo.

Após as lutas operárias era ainda a Pide que probia os patrões de aumentar os salários; era a Pide também que impedia a concessão de bolsas aos estudantes e aos intelectuais hosteis ao regime: que orientava os serviços de censura; que controlava o recrutamento dos funcionários e impunha o seu afastamento; que vigiava os quadros militares e interferia nas promoções dos mais liberais; que proibia a formação de novas escolas e associações e encerrava as que já existiam; que recusava a passagem de passaportes a inúmeros portugueses, assim como não admitia o regresso ao País de muitos emigrados.

Era a Pide que encerrava em «gavetas» de 2 metros quadrados (Aljube) os lutadores antifascistas, sem livros, sem jornais, sem lápis nem caneta, sem roupa no catre, durante longos meses, no mais rigoroso isolamento.

Foram os médicos da Pide, entre os quais o dr. Mira da Silva, que elaboraram uma espécie de manual da arte de bem torturar, compilação de regras empíricas destinadas aos agentes tacanhos. Esse regulamento definia as regiões do corpo humano mais interessantes para efeitos de pancadaria, as regiões mais dolorosas, as menos perigosas e aquelas onde a dor é susceptível de crescer sempre, mesmo depois de prolongadas sessões de tortura.

A «ESTÁTUA»

A «estátua» era a tortura mais utilizada pela Pide. Consistia em obrigar o preso a manter-se de pé, imobilizado ou não, por períodos que podiam ir de 5 a 10 dias e noites, por vezes mais. A «estátua» tinha variantes, mas em todas elas o objectivo era impedir o preso de dormir. Tratava-se de uma tortura refinada, que não deixava vestígios, mas provocava grandes perturbações no funcionamento do organismo humano, sobretudo na circulação do sangue e na irrigação do cérebro, susceptíveis, em alguns casos, de causar a morte dos supliciados.

O facto de não dormir provocava na vítima, a partir do 3.º ou 4.º dia, alucinações visuais e auditivas cada vez mais frequentes, assim como perturbações nervosas e cardíacas.

A perda de peso das vítimas, após serem submetidas a essa tortura, podia ir de 5 a 15 e até mesmo a 20 quilos, sem contar com as várias doenças contraídas por sua causa, entre as quais a flebite, por exemplo.

A «estátua», na sua forma «clássica», tinha consequências ainda mais trágicas. As pernas inchavam excessivamente. Em princípio completamente insensíveis, depressa se transformavam numa fonte de dores permanente. No caso de **Francisco Miguel,** preso em 1949 e que, antes da sua última fuga, já tinha cumprido mais de 20 anos de prisão, as consequências foram terríveis. Obrigaram-no a permanecer de pé durante mais de um mês, em três períodos, dos quais um de 11 noites e 11 dias seguidos. Francisco Miguel não se atirou para o chão a fim de provar a todos os democratas e à Pide que a «estátua» não pode obrigar os homens honestos a trair. Conseguiu aguentar-se até ao termo do seu suplício, mas no fim a carne caía-lhe aos pedaços sobre os sapatos, de tal forma as suas pernas tinham inchado.

CRIMES DE MORTE

A narrativa do que foi a Pide, do que era a sua actividade tenebrosa, dos crimes que cometeu, algum dia se fará. Hoje limitamo-nos apenas a avivar a memória dos nossos leitores com a divulgação de uma lista incompleta dos seus bárbaros crimes de morte. Alguns dos assassinatos aqui evocados não foram cometidos directamente pela Pide, mas por outras forças da repressão fascista. Porém, achámos justo não os omitir, na medida em que essas forças actuavam quase sempre sob o controlo e a direcção da polícia política.

7 de Novembro de 1932 __ O jovem democrata **Alfredo Ruas** é ceifado, em Lisboa, por uma rajada de metralhadora durante as manifestações comemorativas do aniversário da Revolução de Outubro.

Abril de 1934 __ **Manuel Vieira Tomé** dirigente do Sindicato dos Ferroviários, um dos organizadores da greve geral de 18 de Janeiro de 1934 contra a fascização dos sindicatos, é flagelado e torturado pela Pide com tal violência que caiu morto. A polícia transportou-o à pressa para a cadeia do Aljube e pretendeu apresentar o seu assassinato como um caso de suicídio, mas o médico que examinou o cadáver concluiu que fora vitimado por espancamento.

24 de Setembro de 1937 __ **Augusto Martins,** operário de Lisboa, não resiste às bárbaras torturas que lhe são infligidas e morre às mãos da Pide.

10 de Fevereiro de 1938 __ **Rui da Silva,** operário de Lisboa, preso em 1936, morre na prisão em consequência das torturas sofridas.

1 de Dezembro de 1938 __ Morrem no Tarrafal, assassinados pela Pide, o dirigente operário **Alfredo Caldeira** e o jovem torneiro **Francisco Esteves,** brutalmente torturado.

Janeiro de 1942 __ Morre na prisão o operário têxtil **Gervásio Costa,** vitimado por uma tuberculose contraída em consequência das sevícias sofridas.

8 4 de Julho de 1942 __ O médico **Ferreira Soares** é assassinado pela Pide no lugar da Ribeira, perto de Espinho. A polícia tentara prendê-lo por várias vezes, mas Ferreira Soares era um homem profundamente ligado ao Povo da sua região, tinha em cada casa um esconderijo e a Pide não conseguia agarrá-lo.

A polícia armou-lhe uma cilada. Um dos pides fingiu-se vítima de um acidente de automóvel e houve quem de boa-fé o levasse e aos que o acompanhavam à presença do médico. Logo que se encontraram diante dele, abateram-no, à frente da irmã, a tiros de metralhadora. Os agentes assassinos, António Roquete, Larangeira e Coimbra foram julgados em Tribunal Militar, mas ficaram impunes, sendo absolvidos graças às pressões da Pide.

2 de Setembro de 1942 __ Vítima dos maus tratos e da falta de assistência médica, **Bento Gonçalves,** secretário-geral do PCP, morre no Tarrafal.

1944 __ Preso por tentar provar __ apoiado em documentos que depois lhe foram roubados __ a cumplicidade de Salazar com os nazis alemães no caso dos Açores, durante a Segunda Guerra Mundial, morre no Forte da Trafaria o general **José Garcia Marques Godinho.**

Os médicos do hospital tinham avisado que a gravidade do estado do ilustre militar desaconselhavam a sua transferência para o Forte da Trafaria, has a polícia, obedecendo a uma ordem directa do ministro da Defesa, Snatos Costa, levou-o para lá. Poucos dias depois, o general falecia.

28 de Maio de 1945 __ **Germano Vidigal,** de Montemor-o-Novo, dirigente do Sindicato dos Operários da Construção Civil, finava-se nos antros da Pide. Os agentes cortaram-lhe as costas a cavalo-marinho, massacraram-lhe a cabeça e o rosto, aplicaram-lhe socos no estômago e no fígado, torceram-lhe os testículos, espezinharam-no, projectaram-no contra a parede da sala de «interrogatórios». A família

Tienza, um dos assassinos de Humberto Delgado, cumprimenta Ian Smith. À sua direita outro notório torcionário da Pide: o inspector Abílio Pires

RTE DE

Sepultura de Bento Gonçalves, no Tarrafal

conseguiu vê-lo no caixão, e as marcas das feridas, as unhas arrancadas, o corpo todo massacrado, mostravam claramente as causas da sua morte.

Junho de 1945 — **Ferreira Marques,** de Lisboa, empregado de escritório, é assassinado no Forte de Caxias. Encontraram-no enforcado na cela, numa tentativa da Pide para fazer acreditar que ele se tinha suicidado. A autópsia, porém, revelou que a morte sobreviera em consequência de lesões orgânicas provocadas por espancamentos.

4 de Julho de 1945 — O destacado dirigente operário **Alfredo Diniz (Alex)** é assassinado a tiro, pela Pide, na estrada de Bucelas. Segundo acusações formuladas na imprensa clandestina do PCP, os assassinos teriam sido o inspector Fernando Gouveia e o chefe de brigada José Gonçalves.

21 de Junho de 1947 — **José Patuleia,** camponês de São Romão (Vila Viçosa), é espancado até à morte no 3.º andar da sede da Pide, em Lisboa.

5 de Dezembro de 1949 — Morte do escritor **Soeiro Pereira Gomes,** membro do Comité Central do PCP. Perseguido pela Pide, passou os últimos anos da sua vida na clandestinidade, impedido de se tratar da grave doença que havia de levá-lo.

23 de Janeiro de 1950 — **José Moreira,** responsável pelas tipografias clandestinas do PCP, morre na tortura, sem que a Pide tenha conseguido arrancar-lhe uma única palavra. A polícia salazarista quis subtrair-se às responsabilidades de mais este crime, lançando de uma janela do último andar do edifício da António Maria Cardoso, sobre o cimento do pátio interior, o corpo torturado e frio de José Moreira. Não fora, porém, possível esconder os golpes que lhe rasgaram a carne e desfiguraram o rosto.

2 de Fevereiro de 1950 — **Militão Ribeiro** morre de inanição na Penitenciária de Lisboa, lentamente assassinado pela Pide. Preso em 25 de Março de 1949, juntamente com Álvaro Cunhal e dois tipógrafos do «Avante» clandestino, foi transferido com os seus companheiros para a Penitenciária de Lisboa, onde os quatro seriam submetidos ao mais odioso e completo regime de isolamento individual que é possível conceber-se. Tudo lhes estava proibido: livros, jornais, material de escrita ou objectos de qualquer espécie; nem mesmo podiam ter consigo toalhas de mãos ou de rosto e roupa do catre. O ambiente impessoal de cada cela, acentuado pela crueza de uma forte lâmpada eléctrica permanentemente acesa, tornava-se ainda mais insuportável com a porcaria e os percevejos, já que a Pide, no seu afã de aproveitar todos os meios para torturar os presos, ordenou que durante os meses de isolamento nunca fosse feita limpeza às celas, nem autorizou os presos a limpá-las.

Vexames e provocações constantes mantinham os detidos em permante tensão nervosa. A **José Martins**, fortemente míope, tiraram os óculos. Durante meses, foi como se estivesse cego, pois nem os alimentos distinguia. Enlouqueceu passado cerca de um ano, ficando com a saúde abalada ao ponto de morrer pouco tempo depois. O mais jovem, António Lopes, foi transferido para outra cadeia ao fim de seis meses daquele regime feroz. Álvaro Cunhal esteve nesse total isolamento até ser julgado no Tribunal Plenário, em Maio de 1950. Depois do julgamento, esteve ainda incomunicável mais cinco anos seguidos, embora já pudesse ler e escrever. Foi o mais longo isolamento conhecido de um preso político português, sob a mais desumana das vigilâncias, pois até durante as visitas da família (com dias e horários muito restritos), um agente da Pide, a seu lado, tomava nota, uma por uma, de todas as palavras proferidas.

Militão Ribeiro, então com a saúde muito abalada por longos anos de prisão e duas deportações no Tarrafal, não pôde resistir a este regime, agravado pela falta de assistência médica, que a Pide se negava a prestar-lhe. Antes de morrer, a razão por vezes soçobrava-lhe, mas a sua força moral impediu-o sempre de trair o seu povo. Escrita com o próprio sangue, conseguiu fazer chegar uma carta, entre as muitas que foram interceptadas pelos carcereiros, à direcção do seu partido: «...Tenho sofrido o que um ser humano pode sofrer. Nem sei como tenho tido forças para tanto. Mas com todo este sofrimento nunca deixei de ter fé na nossa causa. Sei que venceremos. Desde sempre mantive a disposição de dar a vida pelo Partido, assim como a dou de uma forma horrível e cheia de sofrimento. Mesmo quase já um cadáver ainda fui esbofeteado por um agente. Dores, insónias, fome, agonias, tudo tenho sofrido nestes sete meses, quase sempre de cama, sem me poder mexer...»

4 de Junho de 1950 — **Alfredo Lima,** jovem assalariado agrícola, é assassinado em Alpiarça, no decorrer de uma greve pelo aumento das jornas. Os grandes proprietários ameaçaram: «Haveis de trabalhar, nem que seja sob a mira das armas!» A 4 de Junho, chegou a GNR. Alfredo Lima foi morto e 15 camaradas ficaram gravemente feridos. **19 de Maio de 1954** — Assassinato em Baleizão da camponesa **Catarina Eufémia**. O seu «crime»? Participara na greve de 2.000 trabalhadores da sua terra contra os salários de miséria que os grandes agrários pretendiam impor-lhes. Conseguira mesmo, com outros camaradas, convencer os trabalhadores de Penedo Gordo, uma aldeia vizinha, a entrar na luta.

Mas a polícia tinha uma opinião diferente. De metralhadora em punho, decidira que em Penedo Gordo os braçantes trabalhariam, custasse o que custasse.

Os assalariados defendem-se com firmeza e constituem uma delegação composta por Catarina e 14 companheiros. O acolhimento foi brutal: «Que queres, idiota?», pergunta-lhe o tenente Carrajola, que comandava as forças da GNR. A camponesa, altiva, responde-lhe: «O que eu quero é pão para matar a fome aos meus filhos. Quero paz. Tenho fome». A resposta do criminoso foi afastar os pés do filho que Catarina trazia ao colo, encostar o cano da metralhadora ao ventre desta valente camponesa e disparar três tiros. Mas não ficou por aí. Desvairado, volta-se para as companheiroas de Catarina e pretende massacrá-las a todas. Estas refugiam-se atrás do latifundiário Nunes, que lhes serve de resguardo às balas. O Carrajola então, para não matar também o seu cúmplice, limita-se a disparar umas rajadas de metralhadora para o chão, cobrindo de pó as camponesas.

15 de Fevereiro de 1957 — **Lemos de Oliveira,** operário de Fafe, é assassinado no Porto, após 9 dias de suplício da «estátua». São responsáveis por este crime o inspector da Pide Costa Pereira e os agentes da sua brigada.

3 de Março de 1957 — A Pide rouba a vida a um antifascista de Viana do Castelo, **Manuel da Silva Junior,** de 69 anos de idade, supliciando-o até à morte. Setenta e dois advogados de Lisboa, Porto e Coimbra protestam contra as torturas usadas pela Pide durante a instrução preparatória dos processos políticos e exigem com urgência a abertura de um amplo e rigoroso inquérito às condições dos «interrogatórios» e às causas da morte de Joaquim Lemos de Oliveira e Manuel da Silva Junior. Nenhuma explicação veio a público, nenhum agente da Pide foi expulso ou acusado de crime de morte.

Março de 1957 — **José Centeio,** jovem democrata de Alpiarça, é assassinado pela Pide.

24 de Junho de 1958 — Em Montemor-o-Novo, a polícia salazarista mata **José Adelino dos Santos,** assalariado agrícola. Com centenas de outros camponeses, reclamava melhores salários e protestava contra farsa eleitoral do 8 de Junho. Na mesma ocasião, foram presos 150 trabalhadores.

31 de Julho de 1958 — A Pide tortura selvaticamente **Raul Alves,** operário de Vila Franca de Xira, e acaba por lançá-lo da janela do sinistro 3.º andar da António Maria Cardoso. Durante alguns instantes, Raul Alves consegue agarrar-se ao parapeito da janela, gritando desesperadamente por socorro; depois cai e vem esmagar-se contra o lajedo do pátio.

De uma janela fronteira, a embaixatriz do Brasil assiste ao assassinato de Raul Alves. Indignada, exprime no próprio dia toda a sua comoção em carta dirigida ao cardeal Cerejeira, o qual, à guisa de resposta, faz chegar ao seu conhecimento, 15 dias depois, um bilhete do Ministério do Interior, onde podia ler-se o seguinte: «Não há motivo para ficar tão impressionada. Trata-se apenas de um comunista sem importância».

11 de Novembro de 1961 **Cândido Martins,** de 17 anos, operário corticeiro, é assassinado em Almada a tiros de metralhadora, numa manifestação antifascista que mobiliza cerca de 10.000 pessoas.

19 de Dezembro de 1961 Uma brigada de cinco agentes da Pide mata a tiros de pistola na Rua dos Lusíadas, em Lisboa, o escultor **Jose Dias Coelho**. Crivado de balas e mortalmente ferido, é levado num automóvel pelos criminosos. Duas horas depois, dois cúmplices do assassino (agente Domingues, autor dos disparos), os agentes Manuel Lavado e Pedro Ferreira, conduzem o moribundo ao hospital de São José. Entretanto, ignoram-se os tratos a que José Dias Coelho foi submetido até chegar ao hospital. Sabe-se apenas que lhe roubaram 20 contos, dos fundos do Partido, o cartão de identidade e a fotografia da filha.

28 de Abril de 1962 Assassinato, em Aljustrel, de **António Adângio e Francisco Madeira,** metralhados pela GNR quando, à frente de 500 pessoas, protestavam contra prisão de 15 democratas. Este tiroteio sem aviso, além das duas mortes referidas, provocou dezenas de feridos graves

1 de Maio de 1962 A polícia salazarista mata, em Lisboa, o jovem operário **Estevão Giro,** no decorrer da grande manifestação antifascista que comemora o dia dos trabalhadores.

1 de Maio de 1963 As forças repressivas assassinam a tiro, em Lisboa, o tipógrafo **Agostinho Fineza,** por ocasião das grandes manifestações antifascistas que assinalam esse dia.

13 de Fevereiro de 1965 A Pide simula um encontro de elementos da oposição e atrai o **general Humberto Delgado** a fronteira hispano-portuguesa, perto de Badajoz. Delgado vai. É assassinado, assim como a sua companheira de luta, a cidadã brasileira Arajarir Campos.

1969 Assassinato de **Eduardo Mondlane**.

12 de Outubro de 1972 No Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, a Pide abate a tiros de pistola o estudante de Direito **José António Ribeiro Santos**.

1973 Assassinato de **Amílcar Cabral**.

25 de Aril de 1974 A repressão e o assassínio por parte da Pide continuariam até ao último momento de vida da instituição. Das janelas do edifício da António Maria Cardoso, os pides atiram ao acaso sobre manifestantes desarmados. **Cinco mortos** e mais de uma dezena de feridos.

Muitos outros crimes se devem somar a estes. Na longa lista de vítimas, morreram também às mãos da Pide, baleados ou em consequência de torturas: **Américo Gomes, Aurélio Dias, Armando Ramos, Ferreira de Abreu, Joaquim Lopes Martins, Manuel Simões Júnior, Rui Ricardo da Silva** e muitos outros lutadores fascistas.

Medalhas do fascismo: ao centro o sinistro Seixas, que foi chefe dos guardas no Tarrafal e mais tarde guarda-costas de Salazar

O CAMPO DA M... LENTA

No Tarrafal, a malária, os trabalhos forçados (sem qualquer fim específico que não fosse destruir a saúde dos presos e quebrar o seu moral), as injecções de água destilada a fingir de quinino, a «frigideira», os espancamentos brutais,

Continua na pág 12

Geral

António Domingues, assassino de José Dias Coelho.

OS CRIMES DE MORTE DA PIDE

Continuação da pág 11

a alimentação inadequada, a falta de assistência médica, as arbitrariedades e provocações constantes, tudo isso contribuia para abalar o ânimo e a resistência física dos presos. O pide Seixas, superintendente dos guardas, costumava dizer: «As pessoas que vêm para qui, vêm para morrer»; e nisso era corroborado pelo dr. Pais Pratas, o médico do campo: «Não estou cá para tratar ninguém, mas para passar certidões de óbito. E espero passar muitas... «Aliás, o primeiro director do campo, Manuel Reis, costumava acolher os presos recém-chegados com um discurso cuja tónica era dada pelas seguintes palavras: «Quem passaquela porta perde todos os direitos; passa a ter apenas obrigações».

No meio de atrozes sofrimentos, lá ficaram sepultados **António Guerra, Joaquim Marreiros, Francisco Nascimento, João Dinis, António Montes, Abílio Belchior, Albino Coelho António Branco, Alves Borges, Casimiro Ferreira, Edmundo Gonçalves, Fernando Alcobia, Francisco Pereira, Guedes da Silva, Henrique Domingues, Mário Castelhano, José Ribeiro, Jacinto Vilaça, Jaime Sousa, Manuel da Costa, Martins Pereira, Sousa Guerra, Manuel Reis, Paulo Dias Tobias, Pedro Filipe,** e tantos outros nomes que se erguem hoje como uma recordação trágica dessa longa noite de crimes cometidos por sicários sem escrúpulos pagos pelos fascistas para executar as suas ordens.

Alguns nomes de carrascos do Tarrafal: além dos já citados inspector Seixas, Manuel Reis e dr. Pais Pratas, mencionemos ainda os capitães João da Silva, Olegário Antunes e Filipe de Barros, e os agentes da Pide Teixeira Travessa, Mateus, Cardoso, Gaspar, Almeida, Rui de Paula, José Maria, Adelino, Silva e Gorila.

A PIDE matava. Como aplicar os preceitos jurídicos e morais decorrentes do respeito pela pessoa humana a malfeitores que não respeitavam as suas vítimas e adversários? Libertá-los sem julgamento equivale a deixar vivas as sequelas do regime deposto, a deixar que prolifere, descauterizada, a gangrena do fascismo.

A "GUERRA DO PETRÓLEO"

Pequim decepciona interesses dos E.U.A.

PIERRE PARIS

NOVA YORK (IPS) — Até há relativamente pouco tempo a indústria petrolífera norte-americana, sempre em busca de novos poços, pensava que a China poderia converter-se numa espécie de novo Médio-Oriente, um mercado pujante para a tecnologia dos «States»

Ultimamente esta opinião modificou-se em resultado de uma conferência em que participaram cerca de 200 directores de empresas de petróleo dos Estados Unidos, representantes de companhias como a Exxon, Shell, Hughes, Tool, Texaco e outras, que durante algun tempo tentaram fazer negócio com a China mas estao decepcionados com os resultados conseguidos até agora.

A Central Intelligence Agency CIA também participou da conferência e um dos seus veteranos na China, James Lilley, falou durante o jantar de encerramento e disse, entre outras coisas, que não há nada que irrite tanto os chineses como pensar que eles começam a depender outra vez do Ocidente. Depois lembrou aos seus ouvintes que durante o século XIX o controlo ocidental, tanto militar como económico, sobre a China foi conseguido em boa parte com o auxílio das companhias petrolíferas europeias, e que agora o principal dilema enfrentado por Pequim é precisamente lançar-se na expansão económica criando a sua própria tecnologia ou importando-a de outros países.

Politicamente, segundo Lilley, o futuro imediato da economia chinesa dependerá em grande parte do resultado da luta pela sucessão na era pós-Chu-en Lai.

Segundo o funcionário da CIA, a eliminação de Teng-Hsiao-Ping e a sua substituição por Hua-Kuo-Feng são uma solução provisória. Esta é uma das razões pelas quais a venda de maquinaria petrolífera para a China ficará por agora paralisada, apesar de que, segundo os peritos o grande país asiático tem reservas de cerca de 70.000 milhoes de barris de petróleo, tanto em terra firme como ao longo da costa. A produção chinesa actual é de 1.600.000 barris diários. (Nos EUA a produção é de 8 milhoes e na URSS de 10 milhões).

O optimismo inicial sobre o petróleo chinês foi devido, em parte, a artigos publicados na revista norte-americana «Foreign Policy», que só reflecte pontos de vista semioficiais, e também às declarações do Conselho de Importação de Petróleo Sino-Japonês, mas logo de seguida técnicos do Governo e da indústria dos EUA analisaram e eliminaram tais pontos de vista.

Hoje em dia pensa-se que o potencial petrolífero chinês é inferior ao dos Estados Unidos e que o verdadeiro gigante neste sector é potencialmente a União Soviética, ainda que o seu atraso tecnológico tenha impedido, até agora, que assumisse a liderança mundial do mercado. Além disso os chineses tendem a comprar maquinaria em pequenas quantidades. Melhores resultados têm sido obtidos com as vendas para os japoneses.

O parque automóvel chinês, embora gigantesco, é formado exclusivamente por viaturas do Estado, Forças Armadas incluídas

NOVIDADE EM ITÁLIA

Carros oficiais só para serviço

ROMA — (IPS) — Acabou-se um privilégio para os superburocratas italianos: doravante terão de ir de casa para o emprego e do emprego para casa nos transportes públicos ou nos seus carros particulares.

É este o primeiro resultado do protesto dos motoristas do Ministério dos Transportes italiano, que se negam a ir buscá-los a casa e a acompanhá-los fora do serviço.

Graças a uma tradição consolidada há várias décadas, os funcionários superiores dos ministérios italianos tinham adquirido o hábito de utilizar os motoristas e os automóveis do serivço estatal como se se tratasse de táxis pessoais. A princípio, da casa para o trabalho e vice-versa. Depois, aumentou o costume de considerar o carro de Estado como coisa pessoal, e o motorista começou a acompanhar os filhos do funcionário à escola, a mulher do funcionário a fazer compras, e até a empregada doméstica do funcionário nas suas idas à praça.

Nos últimos meses, porém, numerosos jornais da capital, estimulados pela exigência de saneamento da Administração Pública, começaram a desenvolver uma campanha contra os pequenos escândalos, que são o primeiro degrau que permite chegar aos grandes.

As fotografias dos automóveis oficiais que deixavam os filhos «funcionários» na escola ou as senhoras «funcionárias» nos mais diversos pontos da cidade, começaram a aparecer nas páginas da crónica da cidade com as matrículas, os nomes dos funcionários «proprietários» do automóvel e os seus cargos.

Os funcionários mais discretos começaram a reduzir essa utilização abusiva, ensinando os filhos e a mulher a utilizarem os transportes públicos, mas a maioria continuou a aquecer os assentos dos carros do Estado com os traseiros dos seus privilegiados parentes e amigos. Os motoristas, embora ofendidos na sua dignidade, não tinham outro remédio senão aguentar.

Mas a bomba explodiu quando um motorista do Ministério dos Transportes foi acusado judicialmente «por cumplicidade no peculato» tendo sido considerado co-responsável da utilização do automóvel oficial, ao transportar um funcionário a casa.

Perante, isto, os motoristas negam-se a acompanhar seja quem for, e pedem para isso uma ordem por escrito que especifique os motivos e o itinerário da deslocação, o que evidentemente não pode ser assinado pelos abusadores porque fazer passar por «necessidade do serviço» o trajecto habitual casa-emprego dum funcionário (e sobretudo dos seus parentes) é muito arriscado.

A campainha de alarme soou nos outros ministérios, e o ministro das Finanças apertou o torniquete, reduzindo a onze o número dos felizardos com direito a carro.

Por agora, os ares andam turvados, e o próprio presidente do Conselho de Ministros terá de estabelecer medidas para resolver o «escandalo dos automóveis azuis».

Morreu Fritz Lang

LOS ANGELES, 3 (FP/R) — O realizador Fritz Lang morreu, na segunda-feira, em Los Angeles. Contava 86 anos.

A causa da sua morte não foi divulgada. O célebre cineasta encontrava-se doente há já vários meses.

Lang, austríaco de nascimento, foi responsável por dois dos maiores clássicos da idade de ouro do cinema alemão «metropolis» e «M».

Adolfo Hitler pediu a Lang para assumir a direcção da indústria cinematográfica nazi em 1933. O cineasta recusou-se a fazê-lo e fugiu para a França, de onde seguiu, após um ano, para Hollywood, a convite do produtor David O. Selznick.

Os filmes que dirigiu nos Estados Unidos incluiram «Fury», interpretado por Spencer Tracy, «Man Hunt» «The Woman in the Window», «The Big Heat» e «While The City Sleeps».

Lang era filho de um arquitecto e estudou para seguir a profissão do pai.

Dirigiu o seu primeiro filme em 1919 e, no fim da sua carreira, passou a escrever argumentos para o cinema.

Após fugir para Paris, Lang dirigiu «Liliam», com Charles Boyer.

Retirou-se da indústria cinematográfica e regressou à sua terra natal em 1972 para receber a medalha de Ouro da Cidade de Viena, a maior honraria do município da capital austríaca.

Foi condecorado também pelos Governos jugoslavo e italiano. Uma retrospectiva de 40 anos dos filmes de Fritz Lang realizou-se no Museu de Munique, em 1975.

Ao ser-lhe perguntado que género de filmes gostaria de fazer se voltasse aos estúdios, o célebre director disse: «Como está hoje o mundo, penso que os filmes seriam muito críticos e agressivos. Pretenderia demonstrar a forma como a televisão roubou aos jovens a sua imaginação, mas isso seria apenas uma pequena parte de tudo o que teria para dizer.»

DE FÉRIAS COM O
Diário de Lisboa
Aceitam-se assinaturas de férias pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 4$00 por exemplar
NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA

Estrangeiro

VITÓRIA DO TERCEIRO MUNDO

Aprovado sem oposição um projecto dos "77"

GENEBRA, 3 – (ANOP) – As Nações Unidas aprovaram ontem nesta cidade – sem oposição dos países capitalistas industrializados – um projecto do Terceiro Mundo para tornar actuante a «Carta dos Direitos e Deveres Económicos dos Estados», sancionada pela Organização, em 1974.

O projecto tinha sido apresentado pelo chamado «Grupo dos 77» – que representa as nações menos desenvolvidas –, no passado dia 29 de Julho, ante o Comité Económico do Conselho Económico e Social das Nações Unidas (ECOSOC).

A votação registou seis abstenções e nenhum voto contra, apesar da oposição que o projecto defrontou nos debates prévios.

O objectivo do projecto agora aprovado é criar um mecanismo que permita acelerar a implementação e conhecer os progressos da Carta, considerada pelos países do Terceiro Mundo como um dos pilares básicos de uma «nova ordem económica internacional».

Na prática, a Carta serviria para limitar os excessos económicos e todo o género de grandes empresas multinacionais que operam nos países pouco desenvolvidos.

O país que mais pugnou por este projecto na ECOSOC foi o México, que foi apoiado pelos países do Terceiro Mundo.

O projecto preconiza a criação urgente de um «mecanismo idóneo» para por em execução a Carta, aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1974.

O projecto ontem aprovado pede ao Secretário Geral da ONU que «prepare uma informação sobre os progressos realizados pelos governos na sua aplicação» e a apresente à ECOSOC para que seja tratada pela Assembleia Geral em 1977.

O facto do projecto não ter recebido ontem votos contra, por parte das potências capitalistas industriais – que vêem na Carta uma ameaça às suas posições no âmbito mundial –, é considerado em Genebra, uma verdadeira vitória para o Terceiro Mundo.

As potências capitalistas que votaram contra a carta e que desta vez se limitaram a abster-se, são os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, o Japão, a Alemanha Federal, a França e a Bélgica.

Foi também a primeira vez que votaram a favor, algumas nações capitalistas industrializadas, como a Dinamarca e a Itália e que um projecto sobre este tema, foi aprovado sem emendas.

Bispos apelam para nova ordem

FILADÉLFIA, 3 – (R) – Dirigentes católicos da Europa, América e África lançaram em Filadélfia um apelo para uma nova ordem internacional, destinada a aliviar a miséria e a fome no Terceiro Mundo.

Discursando no 41.º Congresso Eucarístico, representando os 683 milhões de católicos do mundo, o bispo James Sangu de Mbeya, na Tanzânia, afirmou que nenhuma porção de auxílio poderia acabar com a miséria na Terra.

No primeiro dia de debate geral, o arcebispo Helder Câmara de Olinda e Recife, no Brasil, condenou um sistema que tornava pequenos grupos de países constantemente mais ricos, mas a maior parte da Humanidade cada vez mais pobre.

O arcebispo lembrou aos norte-americanos os enclaves do «Terceiro Mundo», dentro das suas próprias fronteiras – os negros, índios, chineses e latino-americanos.

Gás venenoso

VIETNAME PODE DESINTOXICAR A ITÁLIA

ROMA, 3 – (FP, ANOP, «DL») – Os conhecimentos adquiridos pelos vietnamitas para escapar dos gases tóxicos com que eram atacados pelos norte-americanos podem ser úteis à Itália. o governo deste país através da sua embaixada em Hanoi pediu ao dr. Ton That, profundo conhecedor do assunto, para ajudar os trabalhos de desintoxicação da zona de Seveso, próxima a Milão, contaminada por emanações de gás venenoso, de uma fábrica de produtos químicos – a ICMESA – multinacional suíça.

Mais de 500 pessoas já foram internadas ou tratadas em hospitais, apresentando doenças de pele, fígado, rins e queimaduras. Outras centenas já abandonaram as suas casas. Entretanto, os médicos italianos desconhecem a influência do gás TCDD sobre o corpo humano e dizem que poderão passar semanas ou meses antes de os seus efeitos aparecerem totalmente. As crianças e mulheres grávidas de duas aldeias da região de Seveso serão brevemente evacuadas, por ordem das autoridades.

Entretanto a nuvem de gás venenoso já atingiu o povoado de Corano, oito quilómetros ao sul de Milão e já matou três coelhos e dois gatos. Até domingo, o gás já tinha matado mais de 300 aves, coelhos e pequenos animais em Seveso.

O pedido de auxílio ao Vietname deve-se ao facto do dr. Ton That Thut, do hospital de Viet Duc, ter criado um método de desintoxicação que atenua os efeitos do gás, também conhecido por «Diosima». Os seus conhecimentos foram adquiridos durante a guerra quando os Estados Unidos empregaram este mesmo gás para atacar as populações. A fábrica suíça está encerrada, o seu director está preso no domicílio por «desastre culposo» e no edifício ainda há depósitos de cianeto e cloro.

Em Pequim ameaçada

Estrangeiros evacuados e vida normal nas ruas

PEQUIM, (ANOP, FP, R) – As autoridades chinesas limitaram os acessos a Pequim, em razão da ameaça de novo tremor de terra. Um avião da «JAL», companhia japonesa, chegou ontem com apenas dois passageiros. Os restantes 78 foram convidados a desembarcar em Xangai. O aparelho havia saído de Tóquio com 80 pessoas e muitas delas regressaram ao Japão. O desejo de manter as pessoas afastadas de Pequim é paralelo às operações de evacuação da cidade que, entretanto, prosseguem. A população estrangeira da capital da China começou a chegar a Tóquio e a Hong Kong, no momento em que as notícias insistem em informar que haverá outro abalo sísmico no Nordeste do país e que, nos últimos dias, já se verificaram outras 110 réplicas.

Segundo a «Nova China», afluem a Tangshan brigadas de socorros vindos de todos os pontos do país. A mesma agência diz que a maioria esmagadora dos mineirsos de carvão regressou em segurança para a superfície e que muita gente da cidade está, agora, fora de perigo. A região tem recebido alimentos, cereais, medicamentos, tendas, artigos de cozinha, cobertores, roupas, colchões, madeira, cimento e casas prefabricadas. Os caminhos-de-ferro, as estradas, os fornecimentos de água e electricidade e as telecomunicações estão a ser pouco a pouco restabelecidos normalmente.

Em Pequim, actualmente, toda a população vive nas ruas. Já se vê água corrente nas tendas, fogões a gás, de carvão e até eléctricos, como resultado de engenhosas ligações om as redes subterrâneas. Os seis milhões de habitantes foram advertidos para permanecerem alerta contra actos de sabotagem e epidemias ao mesmo tempo que se recomenda união nas precauções contra novos terramotos. Cartazes espalhados pela cidade, recomendam: «Aumentai a vossa vigilância e reprimi severamente os actos de sabotagem por parte dos inimigos da classe»; «Não receeis dificuldades nem a morte»; «Uni-vos na luta contra os sérios desastres naturais». O alerta de cinco dias contra a ameaça de um novo sismo, permanece em vigor, com as autoridades dando grandes atenções para os aspectos ligados à saúde da população. Foram montadas latrinas e sítios temporários para o depósito de lixo. Num posto de primeiros socorros, um grande cartaz recomenda: «Fazei um bom trabalho quanto à higiene do meio ambiente e evitai as doenças».

No momento em que o Governo chinês reconheceu oficialmente os estragos causados pelos sismos, um funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros avisou ontem que «tornamos as coisas muito claras para vocês e não haverá hoje novo comunicado». As autoridades evacuaram todos os estudantes estrangeiros de Pequim, enviando-os para viagens turísticas pelo Sul. As despsas são pagas pelo Governo que, optando pelo oferecimento do «passeio» procura afastá-los das consequências de eventuais abalos na capital.

Começa a evacuação de Tel Al-Zaatar

BEIRUTE, 3 – (R) – Uma brigada da Cruz Vermelha Internacional entrou hoje na área do campo de refugiados palestinianos de Tel Al-Zaatar, a fim de iniciar a evacuação de pessoas feridas em consequências do cerco de seis semanas feito por forças direitistas, segundo anunciou um posto de rádio da direita.

Rádio Amshit informou que a equipa da Cruz Vermelha estacionara os seus camiões e ambulâncias num campo de futebol abandonado, perto de Tel al-Zaatar, às 10.30 horas locais (8,30 de Lisboa) e estava já a exercer a sua obra humanitária.

Artilheiros direitistas, que cercam o campo palestiniano, observavam um acordo de cessar-fogo a partir das oito horas locais, acrescentou a rádio.

A Cruz Vermelha tenciona evacuar 80 pessoas gravemente feridas que se acham no campo.

Entretanto, após observarem 53 outras tréguas anteriores não se concretizarem devido a nova efusão de sangue, poucos libaneses mostram agora qualquer excitação por causa do cessar-fogo proposto para amanhã.

Por outro lado, o dr. Mamdouh Mena, um médico egípcio director do Hospital Palestino do Crescente Vermelho, no Líbano, afirmou hoje, segundo notícia o jornal Al Ahram, que pensa que o total de feridos na guerra civil libanesa poderia andar à volta de 150.000

ARGENTINA:

Mais guerrilheiros mortos nas informações oficiais

BUENOS AIRES, 3 – (ANOP-FP-«DL») – Segundo informações oficiais, quatro guerrilheiros e um polícia foram mortos durante um choque na cidade de Rosário, a 240 quilómetros a norte de Buenos Aires. As fontes do Governo militar indicam que os guerrilheiros pertenciam ao ERP – Exército Revolucionário do Povo. Outro comunicado oficial diz que mais um guerrilheiro, também do ERP, foi abatido em Mar del Plata, a 400 quilómetros ao sul da capital da Argentina. A julgar pelas informações dadas pelo exército, numa semana foram mortos 18 guerrilheiros e segundo as estatísticas publicadas nos jornais foram mortos 102, durante o mês de Julho. O ERP nega a veracidade desses dados e acusa a Polícia de mentir para atingir fins propagantísticos e de matar presos políticos, apresentando-os depois como «guerrilheiros em recontros».

O Exército Revolucionário do Povo justifica esta explicação dizendo que, a caso fossem verdadeiras todas as notícias dadas pelo exército e pela Polícia, há muito tempo todos os guerrilheiros da Argentina estariam mortos e no entanto, a guerrilha continua.

Entretanto, até ao fim de Julho, era de 600.000 o número de desempregados na Argentina, número que corresponde a 6 por cento da população activa. O Governo apenas admite que os desempregados são 60.000, despedidos do funcionalismo público quando Videla assumiu o poder. O desemprego é o mais alto desde 1972 e o sector automobilístico é o mais atingido.

MÉXICO

Os latifundiários do Noroeste do México querem marchar até à capital, para protestar contra o Ministério da Reforma Agrária. Numa acção política pouco frequente, a Igreja Católica mexicana anunciou publicamente o seu apoio aos latifundiários.

Caleidoscópio

MADRID, 3 (ANOP) – Trinta e três membros da ETA, grupos separatista basco, e mais nove presos políticos continuam a greve da fome iniciada ontem na prisão de Carabanchel, em Madrid, como protesto contra o que consideram o âmbito limitado da anunciada amnistia política.

PASADENA, 3 (R) – O braço telescópico da sonda da Viking 1 norte-americana recebeu comandos para entrar hoje, às 12,19 horas de Lisboa, em acção, a fim de recolher novas amostras do solo para se solucionar um enigma acerca da existência de vida em Marte.

LONDRES, 3 – (FP) – O Governo filipino informou os Estados Unidos de que deseja tomar o comando da Base Aérea de Clark e das duas bases navais de Ubio Bayn, localizadas na ilha de Luçon. A decisão foi revelada ao público pelo ministro filipino dos Negócios Estrangeiros, general Carlos Romulo, em entrevista hoje publicada pelo «Times».

BERLIM, 3 (FP) – O «Obserscharfuhrer» Herbert Drabant, cujo julgamento começou, segunda-feira, num tribunal de Berlim Leste, é acusado de ter participado no assassínio de pelo menos 4.400 cidadãos soviéticos, na Segunda Guerra Mundial, indica, na segunda-feira, a agência da RDA (ADN).

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 3 – (ANOP) – A terceira conferência das Nações Unidas sobre Direito Marítimo principiou o seu quinto período de sessões, esperando-se que se chegue a negociações decisivas para um acordo geral sobre a matéria.

ISLAMABAD, 3 (FP) – Morreram 50 pessoas no Norte do Paquistão, vítimas das chuvas torrenciais que se abateram sobre a região do Pendjab e da fronteira ocidental do país nestes últimos dias. As linhas férreas e as estradas estão cortadas entre as principais cidades da região.

SIDNEY, 3 (ANOP) – O ministro australiano da Defesa, Jim Killen, deu por concluídas as investigações acerca da alegada chacina de 27 civis vietnamistas por tropas australianas, em 1970 «Enquanto não tiver mais provas, provas concretas, o assunto está encerrado» declarou Killen.

LONDRES, 3 (ANOP) – Cerca de um milhão de residentes na Gales do Sul a partir da próxima semana ficarão privados de água, 12 horas por dia, anunciaram ontem as autoridades galesas. O abastecimento será suspenso entre as 07,00 e as 20,00 horas locais, enquanto a pior seca registada na Inglaterra nos últimos 250 anos se agrava.

HARRISBURG (Pennsylvania), 3 (ANOP) – Pelo menos 14 pessoas que participaram numa convenção estatal da Legião Americana efectuada o mês passado em Filadélfia morreram de doença misteriosa e mais de 35 foram hospitalizadas.

Recordar Hiroshima

TÓQUIO, 3 FP) – Duas reuniões internacionais contra a proliferação de armas nucleares assinalaram ontem, no Japão, o 31.º aniversário dos bombardeamentos atómicos sobre Nagasaki e Hiroshima.

Em Tóquio, uma assembleia convocada pelo Conselho Japonês contra as Armas Atómicas e as Bomas de Hidrogénio teve uma reunião de dois dias sobre as vítimas das bomas A nas duas cidades bombardeadas em 1945.

Em Quioto, a antiga capital, o Congresso Japonês contra as Armas Atómicas e as Bombas de Hidrogénio aprovou um plano de acção contra o uso da engergia atómica mesmo para fins pacíficos.

Geral

Crítica de Música

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Quartetos de cordas e Zés Pereiras

Escrevo estas linhas com a ajuda de Mozart. No gira-discos corre o Quarteto de Cordas em ré menor — o segundo dos seis dedicados a Hayden. O apelo da música é irreistível: interrompo o trabalho para me concentrar só nela. Quantas vezes terei ouvido eu este quarteto? Não sei, nem interessa precisar. O que importa não é a quantidade das audições mas a **novidade** de cada audição. A novidade, na música, e fora dela: penso e repenso a vida através de Mozart. Tudo se torna mais claro para mim, a ponto de, paradoxalmente, quase «perder o sentido da realidade».

A verdade está ali na expressão superior de um pensamento organizado que soube sintetizar, na forma musical de um quarteto, o homem total, a suprema sabedoria e as supremas paixões. Iluminismo? Sim, se quisermos. Mozart será na música o expoente máximo do iluminismo. Mas o ter-se assumido como tal tem um sentido mais fundo. Mozart foi, no seu tempo, o tempo futuro: na sociedade em que viveu, a sociedade futura; no circunstancial setecentista da luta pela Liberdade, a prefiguração da Libertação completa. Por isso ele continua a ser hoje, para nós, o tempo futuro, a sociedade futura, a Libertação completa que a Humanidade há-de alcançar. A verdade está ali, sem dúvida, mas não é um refúgio. E m vez de, por ela, voltarmos as costas à realidade, enchamo-nos dela para transformar a realidade.

Retomo o trabalho, sem música, e sou, de novo, forçado a interrompê-lo. Por associação de ideias pensei em Haydn e nos seus seis quartetos op. 20. Irresistível, agora, a lembrança do «bloco» constituído pelo **Capeicio Adagio** e o **Minuetto**, da segunda peça desta colecção. O Quarteto completo no gira-discos e o tempo de o ouvir. Um curso infindável de reflexões. A noção de que o pensamento organizado de Mozart não existiria sem o pensamento organizado do seu predecessor contemporâneo e sobrevivente Haydn (nem este sem aquele). No mesmo tempo histórico-social a mesma **verdade**, segundo duas gerações.

Prossegue o debate entre a música que se quer ouvir e o trabalho que é preciso fazer. Regresso ao **Quarteto em ré menor** de Mozart e encontro a linha para abordagem do assunto, o qual é, muito simplesmente, o concerto da Radiodifusão Portuguesa há dias realizado no Coliseu.

António Vitorino de Almeida juntou Zés Pereiras ao coro e à orquestra: «Sinfonia Concertante» que tem a ver com dois anos de mudança

A SINFONIA DE VICTORINO D'ALMEIDA

Do ponto de vista cultural, o facto mais saliente foi a audição, pela segunda vez em Lisboa, da **Sinfonia Concertante**, de Victorino de Ameida, numa interpretação da Orquestra da Radiodifusão, elementos da Banda da GNR, Coro Gulbenkian, pianista Olga Prats e doze Zés Pereiras, sob a direcção de Álvaro Cassuto. Composta para um vasto contingente vocal-instrumental (como se vê), esta obra de Victorino de Almeida tem um programa, que o seu autor se encarregou de explicar ao público do Coliseu, numa breve intervenção inicial. Em duas palavras, o que se pretende exprimir são algumas linhas de força da história de Portugal, conduzindo ao «caos» de opressão fascista: quando se está prestes a atingir o ponto de desagregação, o povo, representado pelos Zés Pereiras, irrompe em cena, faz calar coro e orquestra e impõe a sua vontade. A obra foi escrita e realizada em público (Festival de Vilar de Mouros) ainda antes do derrubamento do fascismo, sendo, naturalmente, ilustrativa do estado de espírito dos homens progressistas deste País que, como Victorino de Almeida, tinham a noção de que o regime apodrecia e a revolução era iminente. Depois disso, a obra voltou a ser apresentada mais duas vezes, o que é altamente positivo: há que dar realização prática ao direito dos compositores portugueses de ver estimulado o seu trabalho criador e de poder testá-lo, a tempo e horas, em concertos públicos. Quando falo em testar o trabalho criador, falo, por exemplo, do confronto entre os resultados e as intenções, da receptividade junto do público (ou dos públicos), dos intérpretes e da crítica, etc.

No que se refere ao apetrechamento técnico do compositor, esta obra de Victorino de Almeida representou, na altura, um importante passo em frente, que iria produzir novos frutos na ópera «Canto da Ocidental Praia». O que se me afigura, porém ser uma etapa ainda a vencer por Victorino de Almeida é o fazer prevalecer sobre a abundância das ideias e dos meios a lógica interna do desenvolvimento musical. Um simples quarteto pode conter **mais música** do que uma peça escrita para centenas de vozes e instrumentos. De resto, há compositores de grande nomeada que não resistem à prova do quarteto e haverá outros que, prudentemente, preferiram não a ensaiar.

A **Sinfonia Concertante** reflecte, de toda a evidência, o carácter extrovertido do compositor, é inseparável da sua personalidade no sentido em que não será fácil aceitá-la (à sinfonia) sem se conhecer previamente o seu autor e, de preferência, sem tê-lo ali, à frente, a falar-nos dela e a ajudar-nos a ouvi-la. Victorino de Almeida tirará as lições do que se passou no Coliseu: durante a obra, verificou-se considerável êxodo do público, mas no final, quando entraram os Zés Pereiras, já ninguém queria arredar pé, obrigando-os a tocar sucessivos números e esquecendo-se do resto. Não foi por **efeito demagógico** que os Zés Pereiras electrizaram o Coliseu: foi pela força real, **telúrica**, da sua música, marcada pela espontaneidade, não sofisticada, medularmente sincera. Quando se trata de arte popular autêntica, o povo cria, por assimilação duma tradição secular, profundamente enraizada, aquilo que os artistas «savants» (como dizem os franceses) só conseguem à custa de muito trabalho. Os Zés Pereiras fazem a proeza equivalente à dos grandes compositores de quartetos: com uma dúzia de caixas e bombos transmitem-nos a energia criadora, a imaginação, a força, a **verdade** de um povo. Enquanto toda a música que Victorino de Almeida escreveu para a Sinfonia Concertante está longe de dar uma pálida imagem do ambicioso projecto que a motivou. Se a entrada dos Zés Pereiras, no Coliseu, foi, por assim dizer, a Revolução, foi-o não apenas com alcance político mas também com alcance musical.

Quando Victorino de Almeida encarar a composição como profissão principal e absorvente, decerto logrará o equilíbrio entre **forma e conteúdo** que desta feita ainda não conseguiu e dará uma efectiva contribuição musical para a transformação da realidade.

Na primeira parte do concerto, a Banda da GNR, dirigida pelo maestro Alves Amorim, interpretou brilhantemente a **Abertura 1812**, de Tchaikovsky, precedida de uma peça sobre temas mexicanos de Owen Reed.

ESTREIA HOJE

TRABALHADORES DE TEATRO DA CASA DA COMÉDIA
rua de s.francisco borja nº 24
tel.607299 lisboa 3
SÓ DURANTE O MÊS DE AGOSTO
TEATRO

HORAS DE LUTA
GUERRA JUNQUEIRO
4ª feiras às 10 horas
5ª 6ª e sábados 21,30
CONVITES AOS ESTUDANTES

"Tarzan" sem "Chita" aos 70 anos

BUENOS AIRES, 3 (Por J. L. Fermosel, da EFE — Exclusivo da Anop) — Sem a macaca «Chita», 72 anos sobre os ombros ainda erguidos, quase dois metros de altura, Johnny Weissmuller, campeão mundial de natação no seu tempo e protagonista de uma longa série de filmes de «Tarzan», disse à sua chegada ao aeroporto de Buenos Aires que «Todas as crianças do mundo deviam aprender a nadar».

«Fui uma criança franzina e aqui me vêem com 72 anos, ainda em forma» — acrescentou.

Esta é a segunda vez que Weissmuller visita a Argentina.

A primeira foi em 1969. Em Buenos Aires irá actuar num programa de televisão.

As suas actuacões cinematográficas na década de 40, sempre acompanhado por Maureen O'Sullivan, «Jane», não fizaram esquecer as suas proezas desportivas: 67 recordes mundiais de natação, 52 campeonatos nos Estados Unidos e cinco medalhas olímpicas de oiro.

Dos 16 «Tarzans» do cinema mudo, sonoro e da televisão, segundo uma opinião generalizada, Weissmulher foi o mais «Tarzan» de todos, foi o verdadeiro e único intèrprete cabal dos contos de Edgard Rice Borroughs.

Festival de Taormina

Taormina, Itália, 3 (Anop)
O realizador argentino Leopoldo Nilsson obteve o prèmio da melhor realização no VII Festival Cinematográfico de Taormina com o filme «Pedra Livre».

A obra que lhe valeu o galardão «faz — segundo o júri — com singularidade de estilo e profundidade, a análise de uma sociedade decadente».

Mereceram também prémios especiais os filmes «Canção Amena para um Povo Ameno», do venezuelano Juan Carlos Ferrer, e «A Hora de Maria e o Pássaro de Oiro», do argentino Rodolfo Kihn.

O grande prémio do Festival foi atribuido à película australiana «Piquenique em Handing Rock», de Peter Wein.

Os discos mais vendidos na Europa

Depois do enorme sucesso comercial com «Save your kisses for me» (Grande Prémio do Festival da Canção) o conjunto «Brothehood of man» volta a alguns «hittparades» com «My sweet Rosalie»

MADRID, 3 (ANOP, EFE) — Foram os seguintes os discos mais vendidos durante a semana que findou nos paises da Europa Ocidental:

ESPANHA

1 — Fly Robin Fly (Silver Convention); 2 — You See the Trouble (Barry White); 3 — Eso no va a Cambiar El Mundo (Joe Dasis, Los Angles); 4 — Echame a mi la culpa (Albert Hammon); 5 — Me Gusta Amar (Tina Charles); 6 — Propuesta (Roberto Carlos); 7 — Viva América (Versão original); 8 — Save your kisses for me (Brotherhood of Man); 9 — Love to Love you Baby (Donna Summers); 10 — Gloria (Patti Smith).

FRANÇA

1 — Patrick mon Cheri (Sheila); 2 — Il etait une fois nous deux (Joe Dassin); 3 — Derriere l'amour (Johny Halliday); 5 — T'aimer encore une fois (Romina Power, Albano); 6 — Je vais t'aimer (Michel Sardou); 7 — Fanny, Fanny (Frederic François); 8 — Tu sais, je t'aime (Shake); 9 — it's so long (Jerome); 10 — Right back where we start from (Maxime Nigtingale).

BÉLGICA

1 — Blueberry Hill (Fats Domino); 2 — Arms of Mary (Sutherland Brothers); 3 — Whow me the Way (Peter Frampton); 4 — Nice and Slow (Jesse Green); 5 — My sweet Rosalie (Brotherhood of Man); 6 — If you know what i mean (Neil Diamond); 7 — Jungle Rock (Hamk Mizell); 8 — I'll go where your music takes me (Jimmy James); 9 — Shake your boot kk. (K.C. and Sunshine Band); 10 — You'll never walk alone (Lee Towers).

ITÁLIA

1 — Fernando (Abba); 2 — Get up and Boogie (Silver Covention); 3 — Non si puo morire dentro (Gianni Bella); 4 — Europa (Santana); 5 — Amore mio perdonami (Julie and Juli); 6 — Dolce amore mio (Santo California); 7 — Resta cu'me (Marcella); 8 — Nuda (Mina); 9 — Soul Dracula (Red Blood); 10 — Could it be Magic (Donna Summer).

GRÃ-BRETANHA

1 — Don't go Breking my heart (Elton John and Kiki Dee); 2 — A litte be more (Doctor Hook); 3 — The Roussos Phenomenon (Demis Roussos); 4 — Mistly Blue (Dorothy Moore); 5 — Kiss And Say Goodbye (Manhattans); 6 — Heaven must be missing an Angel (Tavares); 7 — Young hearts run free (Candi Stanton); 8 — If only lakes a minute (100 ton and a feather); 9 — You're my best frined (Queen); 10 — You are my love (Liverpool Express).

HOLANDA

1 — Whow me the way (Peter Frampton); 2 — Nice and slow (Jesse Green); 3 — Standing on the inside (Fulhouse); 4 — Kiss and say goodbye (Manhattans); 5 — You to me are verything (Real Thing); 6 — Doctor Bernhard (Bonnie St. Clair); 7 — Arms of Mary (Sutherland Brothers); 8 — I'll go where the music takes me (Jimmy James); 9 — Sunshine baby (Classics); 10 — Blueberry hill (Fats Domino).

CABELEIREIROS AVISAM SENHORAS
NÃO TRABALHAM AO SÁBADO — O AGOSTO — SÓ
SÉRGIO E MARGARIDA
AV. DA REPÚBLICA, 5 — TEL. 57 24 01
(ao Saldanha Metro)

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

QUATRO HORAS: A MARATONA INQUIETANTE

O dr. Mário Soares falou. Falou durante quatro horas o que, nos limites da Televisão, deve constituir novo recorde nacional.

Soubemos, por sua informação, que lá fora, não disse onde, há também quem fale durante tanto tempo e até mais. Não desminto. Só que ele nos disse estar o País farto de palavras.

Pois não parece, doutor, Em que ficamos?

NÃO ADMIRA

Quatro horas naquilo. Balança da esquerda para a direita, tira os óculos, balança da direita para a esquerda, põe os óculos, torna a balançar, tira os óculos, balança mais para a direita, põe os óculos.

Ao fim de quatro horas não admira que o cansaço se apodere ele.

E de nós.

MAIS UM INQUÉRITO

A partir de certa altura, verificou-se que a terceira bobina não gravara a imagem. Acontece. Acontece mesmo quando o material não é da idade da pedra electrónica.

Acontece, mas parece que se vai proceder a inquérito. Para tranquilizar os espíritos, quem sabe.

Deixem lá, deixem lá os espectadores compreendem tudo, perdoam tudo, pagam tudo. Olhem que muitos até pagavam para não verem certas figuras que certas pessoas fazem.

Quanto aos inquéritos, ainda não lhes passou essa mania? Porque não substituem os inquéritos por material capaz?

Não cacem bruxas. Cacem eficácia.

DEMAGOGIA COR-DE-ROSA

O novo Presidente do Conselho, entre as muitas e desvairadas coisas de que tratou, entreteve-se a dissertar sobre a Televisão a cores. Que se está a pensar nisso. Que o nosso povo tem direito.

Claro. Compreende-se. As cores do quadro eram tão negras que havia necessiade de acenar com o arco-íris.

Mas a Televisão colorida é assim um produto de tão primeira necessidade? Ou será que, nas medidas de austeridade, ela jogará importante papel?

C Com tão precário branco-preto, tem sabor a anedota esta sugestão da TV colorida.

Tem sabor a anedota e demagógica.

HÁBITOS

Quem fala durante quatro horas há-de forçosamente dar o seu escorreganço. O Presidente do Conselho deu muitos. Daí a suspeita de a culpa não ser do falar muito, mas tão simplesmente e unicamente de falar.

Não leu o programa, disse, porque só nessa tarefa levaria dez horas o que seria penoso iara todos e também para ele porque... *não tem grandes hábitos de leitura.*

Era exacta e infelizmente isso mesmo que eu temia.

LUTA DE CLASSES?

Claro que o Partido Socialista acredita na luta de classes. Sim, sim, a luta de classes. A luta de classes, evidentemente.

Mas, segundo o Presidente do Conselho, o Partido Socialista fará e acontecerá sem *preconceitos ideológicos.* Além disso, tudo se pode resolver pelo diálogo, pela negociação. E depois, o Governo socialista *quer ser o Governo de* todos *os portugueses...*

Todos? Dos camponeses e dos grandes agrários? Dos sindicatos e das CAP's? Dos progressistas e dos facistas? Dos produtores e dos sabotadores?

A certa altura, a língua ia-lhe fugindo para a verdade. Em vez de *cooperativismo*, foi a primeira sílaba de corporati*vismo* que se insinuou.

RIQUEZA

Claro que é preciso trabalhar no duro. Porquê? Porque sem trabalho não há riqueza. E para que é preciso a riqueza? Para a distribuir, não se pode distribuir o que não há.

Certo, certo. Mas distribui-la-quem? E por quem?

Ah, as perguntas incómodas!

ARMA APONTADA AO CORAÇÃO DOS TRABALHADORES

O discurso do Presidente do Conselho está semeado de escolhos e de inquietações. Não é um discurso: é um arame farpado. Embora com os trabalhadores sempre na boca, nenhuma afirmação deixa de se acompanhar de um *mas...*

Controlo operário mas como experiência; Reforma Agrária mas expurgada disto e daquilo; nacionalizações mas viabilizadas (e a respeito de nacionalizações, nem mais uma!); aumento do custo de vida, não; mas aumento de custo de vida, sim.

O factor mais inquietante assenta na ameaça de decretar a abolição da unicidade sindical. Isto é: por um lado, prega-se a necessidade da estabilização; por outro lado, semeiam-se os ataques desestabilizadores!

Romper a unicidade sindical, golpear a unidade dos trabalhadores serve a alguém, mas não aos trabalhadores. E se nos vierem depois dizer que ao romper a unicidade sindical se está a caminhar para o socialismo — quem há que se sustenha e não cuspa de nojo?

A história moderna do movimento sindical mundial mostra como ao leme da divisão dos trabalhadores se descobre a mãozinha do imperialismo. O novo Presidente do Conselho, como é homem de poucas leituras, talvez ignore isto. Mas, com mil raios, não haverá no Partido Socialista ninguém que lho lembre?

VOCÊ?

As posições direitistas do Presidente do Conselho vieram brutamente ao de cima para poderem ser ignoradas.

Para ele, todo o carinho, todo o amor do seu coração, vão para a Inglaterra, para os Estados Unidos, para a Alemanha Federal. A respeito desta última, chega ao cúmulo de dizer: *Nos momentos difíceis, a República Federal da Alemanha teve uma compreensão que é justo sublinhar, num espírito de amizade e de simpatia para com os portugueses...*

Ó homem! Que Salazar e Caetano dissessem isto da Alemanha Federal, ainda se entendia. Mas você?...

FOMOS VÍRGULA

Sem dúvida. Há que diminuir os focos de tensão. O que passa pela eliminação dos blocos militares. Sem dúvida.

Em relação ao nosso país, o problema que se coloca não é sair da NATO e ingressar no Pacto de Varsóvia. Desafia-se quem quer que seja a provar que alguma vez o contrário disto foi afirmado.

Uma coisa é certa: a NATO é uma organização do imperialismo, uma arma de ataque aos países socialistas, Portugal nada tem a ganhar com a sua presença nela antes pelo contrário: *está sujeito a sérios perigos.*

Para justificar (e defender) a presença de Portugal na NATO, Mário Soares recorda que fomos sócios fundadores.

Fomos, vírgula. Sócio fundador da NATO foi o fascismo que se serviu da NATO e a quem a NATO carinhosamente serviu.

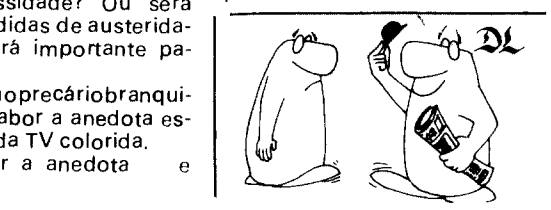
É assim ou não é, doutor?

A LIÇÃO

Em resumo: os apelos ao direitismo, no discurso de Mário Soares, foram uma constante. Por vezes de maneira imprópria na boca de um chefe de Governo, como quando se referia aos «países *ditos* socialistas». Outras vezes de maneira inábil e demagógica quando preconizava a modificação dos programas escolares de forma a impedir que Camões fosse *saneado* em favor de Samora Machel...

Infelizmente, o Presidente do Conselho parece não querer ouvir os sinais do perigo. Recusar a unidade da esquerda, namorar a direita, eis como se põe verdadeiramente em perigo a democracia. Esta lição escusamos de a vir buscar longe! Nós a recebemos já, depois do 25 de Abril.

Ó Soares, depois não diga que ninguém o avisou.



Hoje

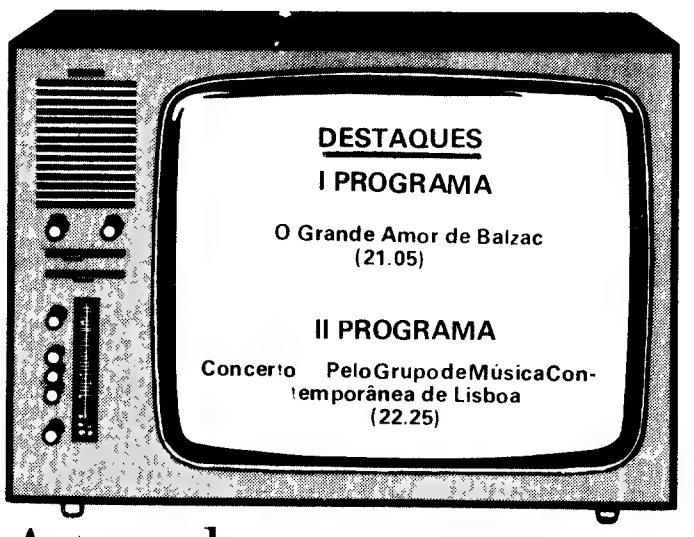
Jorge Peixinho

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **«A ILHA DO TESOURO»**
19.25 **A Pedra Branca** — Série filmada. Com Júlia Hede e Of Hasseltorps. Realização de Geran Graffman.
19.55 **Ver** — **O Símbolo** — As informações visuais. Como um signo pode conter uma informação suficientemente concreta para constituir uma linguagem.
20.30 **Telejornal** — 1.ª edição
21.05 **O Grande Amor de Balzac** — Esplendor e Miséria. Com Pierre Meyrand (Honoré de Balzac) e Beata Tys Briewicz (Mme. Hanska) e Daniele Ajoret. Realização de Wojtek Solarz
22.00 **Responde o C. D. S. em debate**
23.00 **Telejornal** — 2.ª edição.
23.15 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **Vickie, o Vicking** — Desenhos animados
20.25 **Os Goodies** — O «non sense» inglês uma série da BBC
20.55 **Passatempo** — Magazine quinzenal
21.50 **Telejornal**
22.25 **Concerto** — Pelo Grupo de Música Contemporânea de Lisboa sob a direcção de Jorge Peixinho
22.55 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

19.00: Abertura e Volta ao Mundo em 80 Dias; **19.25**: Memória de Azedo Gneco — Um programa de Arca-Filmes sobre o conferencista e jornalista e a Fundação do Partido Socialista; **19.50**: Educação permanente; **20.00**: Segredos do Mar... A Lagosta. Um programa realizado por Helder Mendes; **20.30**: Telejornal — 1.ª edição; **21.05**: Totó Torce o Pepino (Chise ferma a perduto) um filme produzido em 1962 e realizado por Sergio Corbucci com Peppino de Filippo e Jaqueline Pierreaux; **23.05**: Telejornal — 2.ª edição; **23.30**: Fecho

II PROGRAMA

20.00: Abertura e o Mundo de Wodehouse — Série filmada; **20.30**: Cancioneiro — um programa dedicado ao poeta popular António Aleixo; **21.00**: Sweeney — Serie filmada; **21.55**: Telejornal; **22.25**: Sabe quem foi Rafael Bordalo Pinheiro? Realizacao e apresentação de Ruy Ferrão; **23.20**: Fecho

Desporto

EM JOGO PARTICULAR

Sporting de Hagan perdeu em Marselha (3-2)

A harmonia de actuação dos três compartimentos do «Sporting-de-Hagan» deve ter evitado que os leoninos fossem, numa Marselha que não deixa de cheirar a marijuana e «vida fácil», amplamente derrotados. Verificou-se, no primeiro encontro que os pupilos do técnico britânico disputaram (e logo no estrangeiro, e logo contra uma equipa tão conceituada como este Marselha), volvidas duas semanas de preparação que meteram o «duro», exercícios insistentes e variados, que este conjunto leonino pode ir longe esta época.

O encontro, que era particular e mesmo assim atraiu ao Estádio alguns milhares de espectadores, teve lances de bom recorte técnico, podendo mesmo dizer-se que constituiu agradável surpresa pela movimentação que o caracterizou. E, sendo parte do clausulado na transferência de Yazalde para a equipa francesa, não atentou contra o seu «espírito»: «Chirola» actuou bem (solto, desempoeirado e aguerrido) inaugurou o «placard» e catapultou a equipa marselhesa (sem cantar o hino francês) para uma excelente exibição e para um triunfo que de oportuno se pode considerar auspicioso para quem aspira a um lugar ao sol no campeonato gaulês.

Os leoninos ripostaram no mesmo tom (velocidade e movimentação dos seus três sectores), empatou cinco minutos após o recomeço e, dez minutos depois, estava na posição de vencedor depois de excelente trabalho de Valter (o homem da igualdade) que o «herdeiro» de Yazalde culminou da melhor forma (por «herdeiro» entenda-se Manuel Fernandes). Vinte minutos depois, ainda no rol dos tentos, era Bareta que repunha tudo como dantes, estabelecendo o 2-2 quase final. Seria ainda o ex-Saint Etienne, pequeno, veloz e desconcertante nos seus 31 anos, que a três minutos do termo da contenda, depois de se escapar como um galgo Vítor Gomes centrou com peso, conta e medida para Nogués, o qual, praticamente à vontade (Laranjeira e Mendes foram batidos pela rapidez do lance) colocou o Marselha em vencedor.

Numa apressada apreciação global não ficará a verdade ofendida se realçarmos o bom comportamento dos leoninos neste limiar da época, sobretudo (e individualmente) Barão, que rendeu Camilo (Académico) na segunda metade da melancia. Aliás, até Camilo actuou a nível superior, como que a dizer que a sua efémera passagem pelo Académico lhe serviu de relançamento futebolístico, Valter, Manuel Fernandes, Matos e Laranjeira, parecendo demonstrar melhor apuramento de forma que os restantes companheiros, estiveram, também, em bom plano.

No Estádio do Marselha e sob a arbitragem de Espié, as equipas alinharam e marcaram: Marselha: — Charrier; Banlier; Treson; Zvunka e Bracci; Albaladejo, Buigos e Émon; Yazalde, Nogués e Bereta. Suplentes que actuaram: Halle Jransart, Fernandez e Sladarik. Sporting: — Matos; Vítor Gomes, Laranjeira, Mendes e Da Costa; Fraguito; Baltasar e Valter; Camilo, Manuel Fernandes e Manuel.

Substituições: Barão rendeu Camilo e Amândio rendeu Valter, passando Mendes para defesa-direito e Vítor Gomes para médio; e Valter foi rendido por Onofre.

Marcadores: 1-0, Yazalde, aos 27 minutos.
1-1, Valter aos 50 minutos.
1-2, Manuel Fernandes, aos 60 minutos.
2-2, Bereta aos 80 minutos.
3-2, Nogués aos 87 minutos.

Maximiano Afonso apitou pela última vez na sua carreira, no Estádio «Pina Manique»: e, pode dizer-se, que entre amigos. Na despedida, ao cabo de 25 anos de tardes de êxito e de contrariedes, Maximiano Afonso teve os seus «velhos amigos» de liça representando a FPF e a DGD, o Benfica e outros clubes de Lisboa

Lauda: vida por um fio

Os médicos lutam para salvar a vida do campeão mundial de automobilismo, Niki Lauda, gravemente ferido quando o seu carro se despistou e explodiu durante o Grande Prémio da Alemanha.

Um boletim médico dizia que o condutor austríaco, de 27 anos de idade, que sofreu graves queimaduras e lesões internas, estava consciente, mas necessitava de um pulmão artificial para respirar. O professor Klaus Peter, encarregado da unidade de tratamento intensivo da clínica da Universidade de Mannheim, onde Lauda está a ser tratado, disse que os próximo 14 dias seriam cruciais. «Só depois desse período poderemos dizer se Lauda pode ser salvo», afirmou o dr. Peter.

O seu boletim acrescentava: «Lauda está consciente. Mas a sua vida ainda está em perigo» a traqueia, as membranas mucosas e os pulmoes do campeão foram afectados quando este inalou fumos do seu carro em chamas. Um maxilar partido e fracturas múltiplas no tórax estao a complicar ainda mais o seu tratamento.

Lauda, que tem a cabeça envolvida em ligaduras devido a uma série de queimaduras, foi visitado no hospital por sua mulher, Marlene (que desposou há cinco meses) e por seus pais.

Mesmo se sobreviver, o futuro de Lauda como condutor de primeira classe estará em dúvida. Fontes médicas disseram que os seus ferimentos, particularmente as queimaduras, talvez tenham afectado gravemente os seus reflexos.

Niki havia conquistado um importante avanço no campeonato de condutores durante a primeira metade desta época, mas estava a ser gradualmente ultrapassado antes desta corrida pelo britânico James Hunt, que ganhou facilmente a corrida de anteontem depois de esta ter sido interrompida após o desastre de Lauda. O acidente poderá constituir o último revés nas tentativas para manter o circuito de Nurburgring aberto para grandes prémios apesar do circuito ter sido palco de corridas de primeira classe durante quase 50 anos. Alguns condutores e fabricantes de automóveis têm feito campanhas para o encerramento da pista que tem 22,8 quilómetros de comprimento e mais de 70 curvas. O próprio Lauda a classificou como «extremamente perigosa».

ANÉIS OLÍMPICOS

O SUSPEITO «NEW YORK TIMES»

O «New York Times» segundo a Reuter, acha que os Jogos Olímpicos deviam ser abandonados, « não ser que possa encontrar-se bom-senso chão e flexibilidade, algures na organização olímpica». «As Olimpíadas estão numa tal porcaria nacionalista que nem sequer os melhores atletas do mundo conseguem encobrir o odor nauseabundo» — screve, num editorial intitulado «A Chama Moribunda».

«A chama olímpica que se extinguiu ontem à noite, em Montreal, levou consigo alguns momentos emocionantes de proeza individual», mas levou também, «algumas manifestações absolutamente desagradáveis de chauvinismo político de especuladores ávidos de dinheiro e de gastos deslocados de energia e ideais» — remata o «New York Times».

LAVAGEM

Dirigentes da delegação olímpica da União Soviética concederam em Montreal uma conferência de Imprensa a propósito do caso do saltador Seigei Nemtsanov, que pediu asilo no Canadá. Anatoly Kolesov, vice-chefe da missão olímpica soviética, declarou que na reunião efectuada, sabádo, entre ele, o treinador da equipa de saltos, Gerdt Burov, e o saltador, «tivemos a impressão de que Sergei Nemtsanov tinha sido do alvo de uma lavagem ao cérebro por uma equipa de especialistas profissionais. Ele estava muito deprimido, pálido e repetia como se fosse um papagaio «escolhi a liberdade». Os dirigentes soviéticos, que voltaram a exigir o regresso imediato de Nemtsanov, preveniram novamente o Governo canadiano da possibilidade de a equipa soviética de hóquei no gelo não comparecer aos jogos do Campeonato do Mundo, marcados para o Canadá em Setembro.

«Se a situação não for normalizada, se Nemtsanov não regressar, não excluimos essa possibilidade» sublinhou Kolesov, que considerou a fuga de Nemtsanov «parte de uma deliberada série de actos provocatórios dirigidos contra a delegação soviética desde a sua chegada a Montreal».

A MELHOR PRENDA PARA FIDEL

Uma medalha de ouro em Judo foi, sem dúvida, a melhor prenda que os dirigentes desportivos cubanos tiveram. Apesar de haverem sido treze as medalhas obtidas por Cuba, país que a nível desportivo tem vindo a progredir segundo esquema idêntico ao da Alemanha do Leste.

O desporto cubano, que em Montreal atintiu o objectivo que se tinha proposto (alcançar mais medalhas que em Munique) foi buscar o modelo da sua organização à Alemanha do Leste: o trajecto «escota primária-élite». Os resultados perfeitamente surpreendenetes dos atletas da RDA explicam, em parte os dos cubanos. Uma medalha de outro em Judo, uma de bonze em Voleibol masculino, e um lugar no torneio final de gutebol, são as provas mais sifnificativas da ascensão cubana., maus que as duas mafnifivas medaqhas de outro do excepcional Alberto Juantorena, e que as do boxe, dado que tanto umas como outras são resultado de uma tradição com alicerces já fimes.

O judo e o futebol são (caras novas», no desporto cubano, que constitui um completo importante da política de Fidel Castro. Por outro lado, são já grandes os esforços dispendidos em modalidades como o Remo, os desportos equestres ou a Esgrima: decerto teremos oportunidade de ver os frutos desses, esforços nos Jogos Pan-Americanos de Porto Rico, em 1979, e nos Olímpicos de Moscovo, em 1980.

DESPESAS

Será provavelmente publicado dentro de três semanas um nquérito do Governo Provincial do Quebec, a todos os aspectos dos Jogos Olímpicos anunciou em Montreal o chefe do Governo do Quebec, Robert Xourassa. «Seria de grande utilidade», afirmou Bourassa, z1que todas as partes interessadas fizessem chegar até nós todas as informações de que dispõem».

Membros da oposição no Conselho Municipal de Montreal e vários grupos de cidadãos têm pedido um inquérito público aos custos dos jogos, que ultrapassaram em 1.500 milhões de dólares os 250 milhões inicialmente previstos. Bourassa acrescentou que as implicações financeiras dos jotos serão discutidas, tal como a aparente recusa de Montreal em pagar 200 milhões de dólares, para cobrir o défice olímpico.

DESPEDIDO

Um empregado da comissão organizadora dos Jogos Olímpicos (C.O.J.O.) de Montreal foi despedido, sábado, por ter tentado incitar membros da delegação soviética a pedirem o asilo politico no Canadá, revela, na sua edição de ontem um jornal anglófono desta cidade, «The Gazette».

George Mogiljanskay, estudnte de 21 anos, nasdo no Canadá, cujos pais abandonaram a União Soviética depois da Segunda Guerra Mundial, foi libertado depois de ter sido nterrogado durante várias horas por polícias do Quebec acerca das suas actividades na Aldeia Olímpica, onde desempenhava a função de recepcionista na zona da delegação soviética.

O jovem confessou ter introduzido literaturahantisoviética e livros publicados pela casa editora da R.F.A. «MTS» e elaborado um sistema de informações por telefone, no intuito de ajudar os atletas que pretendiam ficar no Canadá depois dos jogos. No entanto, esse sistema não chegou a funcionar.

UPI VOTA LASSE VIREN

Lasse Viren, o «finlandês voador», o primeiro corredor a ganhar os 5000 e os 10.000 metros em duas olimpiadas seguidas, foi designado o atleta mais notável dos Jogos de Montreal pelos jornalistas da UPI que fizeram a reportagem da competição.

A Viren, que recebu 15 votos, seguiu-se a nova «estrela» da ginástica Nadia Comaneci, da Roménia, com 12 pontos. O terceiro nomeado com cinco votos, foi Bruce Jenner, dos Estados Unidos, vencedor do decatlo.

URSS APRESENTA BOAS-VINDAS

No justo momento em que em Montreal terminavam os Jogos Olimpicos, em Moscovo, local das próximas Olimpíadas, mais de quinhentos desportistas e representantes das Repúblicas Sovieticas convidaram todo o Mundo para os Jogos de 1980.

A cerimónia, transmitida por satélite para Montreal, incluiu a apresentação do emblema dos vigésimos segundos Jogos Olímpicos (uma chama sobre um fundo vermelho), a apresentação de boas-vindas, ditas em russo, inglês e francês, e a formação, pelo desportistas, dos cinco anéis olímpicos.

TRÊS MILHÕES ESTIVERAM LÁ

Desde 17 até 31 de Julho afluiram aos locais dos Jogos Olímpicos 2.894.789 espectadores, podendo-se calcular que mais de três milhões assistiram ao desenrolar da 21.ª olimpíada tendo em conta as que ontem assistiram ao Grande Prémio das Nações do torneio hípico e à cerimónia de encerramento.

MODERAÇÃO

O presidente do Comité organizador dos Jogos Olímpicos de 1980, a realizar em Moscovo, prometeu uma Olimpíada bem organizada mas **moderada e económica** anuncia o jornal «Sovietsky Sport».

Moderação, economia e eficiência servem melhor o princípio olímpico disse Ignaty Novikov, advertindo (no entanto) que os planeadores soviéticos não pensam em ultrapassar quaisquer Jogos anteriores na proporção das construções ou em outras medidas a tomar.

ATITUDE

Seis poetas que ganharam dólares numa sessão de leitura de poesia doaram os seus proventos a 20 famílias pobres, como protesto contra o que designaram de despesas excessivas nos Jogos.

Este dinheiro do Comité Olímpico auxiliára a manter um grupo de pessoas que a cidade ignora constantemente, enquanto continua a gastar uma quantia astronómica pelos 14 dias das Olimpíadas disse o porta-voz dos poetas (Madelane Gagon). Acrescentando que as famílias não podem pagar renda e vivem em salas de aula desocupadas.

Montreal é teste para o hóquei português

. A selecção portuguesa de hóquei em patins entra hoje em estágio, no Instituto Nacional de Educação Física, com vista ao Campeonato do Mundo, que decorrerá em Oviedo (Espanha), de 11 a 21 de Setembro. À noite, no Pavilhão dos Desportos, o treinador-seleccionador Torcato Ferreira e os seleccionados convocados Ramalhete, Rendeiro, Sobrinho, Chana e Salema (todos do Sporting); Reis (Infante de Sagres); Fernando Pereira (Salesiana); Livramento (Sotto Mayor); Garrancho (Académica da Amadora); e Cristiano (F. C. do Porto), iniciam a preparação com vista, também, à presença portuguesa no Torneio Quadrangular de Montréal, que se disputará de 11 a 20 de Agosto.

Nesse torneio participam, igualmente, as equipas da Espanha, República Federal da Alemanha e Itália. A partida para o Canadá está marcada para o dia 11 do mês corrente e o regresso para 20 do mesmo mês.

Nacional

Nitratos de Portugal vai participar no relançamento da indústria adubeira

A empresa Nitratos de Portugal, que acaba de ser autorizada superiormente a proceder à concretização de uma instalação de produção de ácido nítrico concentrado, correspondente a um investimento de 10 000 contos, sendo a capacidade de produção prevista de 3 mil toneladas anuais de ácido nítrico 98/99 por cento, apresentou ao Ministério da Indústria e Tecnologia um conjunto de projectos industriais, sns relacionados com a remodelação e ampliação das suas actuais fabricações, outros voltados para uma diversificação de produções dentro da indústria química fina, correspondente a tecnologia de ponta.

«Todos esses projectos» — declarou à ANOP um administrador da Nitratos de Portugal — «foram concebidos no sentido do aproveitamento de matérias-primas nacionais, de origem mineral ou vegetal, pretendendo-se com as novas fabricações satisfazer as necessidades do mercado nacional e comparticipar no premente reequilíbrio da balança comercial, antevendo-se até exportações de valor acrescentado muito maior».

Referindo-se especificamente ao sector adubeiro, actualmente em reestruturação, aquele dirigente salientou que «o conjunto de projectos a ser realizados por empresa públia a constituir englobam a ampliação da produção do ácido nítrico diluído e do nitrato de cálcio, a remodelação da produção de adubos compostos e ainda o fabrico de adubos líquidos — um novo tipo de adubo que tem tido grande expansão não só nos Estados Unidos, primeiramente, como agora na Europa, de que se destacam a França, a Espanha, os países nórdicos e ultimamente a União Soviética (com quatro realizações nos últimos três meses), bem como outros países socialistas — fabrico esse que implica a produção do polifosfato de amónio».

Depois de acentuar que, «integrado na produção actual de pesticidas, se previu o fabrico de matéria activa oxicloreto de cobre, a partir da calcopirite nacional», o administrador da Nitratos de Portugal acrescentou:

«Além disso, e a partir das matérias-primas aguarrás e pez, obtidas da gema do pinheiro e já fabricados em Portugal, que mantém o segundo lugar de maior produtor mundial (o primeiro é a China), e cuja exportação em 1974 atingiu cerca de 1,8 milhões de contos, previu-se o investimento em instalações capazes de trabalharem essas matérias-primas de origem florestal e introduzirem, não apenas no mercado nacional como no mercado estrangeiro, os produtos semiacabados indispensáveis às indústrias das colas, adesivos industriais e cirúrgicos, produtos farmacêuticos, perfumes e cosméticos, têxtil, detergentes, tintas industriais e de impressão, borracha, madeira prensada, construção, plásticos, etc. Tudo isso com uma dupla finalidade: aumentar o valor acrescentado por 3 ou 4, fazendo comparticipar estes produtos na Balança Comercial não por 1,8 milhões de contos, mas por cerca de 6 a 7 milhões de contos, e possibilitar o lançamento de inúmeras pequenas e médias empresas que, a partir dos produtos semiacabados, abasteçam o mercado nacional com os produtos finais comercializáveis.

«Desta indústria dos resinosos prevê-se ainda o fabrico de matérias activas correspondentes a 5 ou 6 pesticidas, ou produtos similares para a agricultura».

«Um dos projectos também considerados» — «prosseguiu — «foi o lançamento em breve tempo de um Laborátio de Produtos Industriais que, a partir de matérias-primas minerais extraídas do solo nacional, permita a preparação dos inúmeros produtos inorgânicos que actualmente se importam e são indispensáveis à vida normal da indústria portuguesa, e cujo montante se pode considerar desde já superior a 400 000 contos».

OUTROS INVESTIMENTOS

Desde os sais mais variados aos ácidos e hidróxidos, passando por produtos para pigmentos inorgânicos, abrasivos e cloroderivados, este laboratório, de investimento monetário reduzido, envolve a aplicação de conhecimentos e técnicas das mais evoluídas na indústria química.

«Por outro lado, sabendo-se que uma das mais importantes matérias-primas da industria dos detergenes é o tripolifosfato de sódio produto normalmente fabricado a partir das matérias-primas necessárias à industria adubeira, e de que Portugal já importa cerca de 100 000 contos, foi apresentado o anteprojecto de sua fabricação, que se vê agora impulsionado pelo Ministério da Indústria e Tecnologia».

«Estes projectos têm, para além de um investimento limitado a cerca de um milhão de contos, a potencialidade de criação de postos de trabalhos directos nunca inferiores a 500» — declarou ainda o administrador da Nitratos de Portugal.

Entretanto, a Secretaria de Estado da Indústria Pesada, além de autorizar a referida instalação de produção de ácido nítrico concentrado, recomendou ao mesmo tempo àquela empresa «que proceda a um rápido aprofundamento dos estudos relativos às propostas de investimento a seguir indicadas, com vista à apresentação da respectiva fundamentação economicofinanceira: fabrico de oxicloreto de cobre, laboratório industrial de produção, derivados terpénicos e fabricos de triplifosfato.

No mesmo despacho a referida Secretaria de Estado dá conta de que decidiu também «submeter os projectos propostos por Nitratos de Portugal e pertencentes especificamente ao sector adubeiro — fabrico de ácido nítrico, purificação de ácido fosfórico, fabrico de polifosfato de amónio, favrico de nitrato de cálcio e fabrico de adubos compostos — à Comissão de Reestruturação da Indústria dos Adubos ou à Empresa Nacional de Adubos, a iriar num futuro próximo, que os deverá apreciar «devidamente inseridos» na política do sector e «propor as soluções consideradas mais vantajosas de um ponto de vista nacional».

Existem presentemente em Portugal cinco empresas ligadas à indústria adubeira, que empregam cerca de 8 mil pessoas, assim distribuídas: CUF do Barreiro, cerca de 5000; Amoníaco Português (Estarreaa), 1006; SAPEC (Setúbal), 915; Nitratos de Portugal (Alverca), 543; e Sociedade Portuguesa de Petroquímica (Cabo Ruivo), 522. De todas elas apenas a SAPEC (Société de Produits Angrais Chimics de Portugal), de capital belga na sua totalidade, não foi nacionalizada.

Volta a faltar a água na zona de Lisboa

Até ao fim desta semana, e com particular incidência nos dias de hoje e amanhã, volta a faltar a água em Lisboa. Muito deficiente será, também, o abastecimento aos concelhos limítrofes.

De acordo com um comunicado da Empresa Pública das Águas de Lisboa (EPAL) a situação só deverá ficar normalizada no fim da semana.

Esta nova falta de água, fica a dever-se, segundo a EPAL, a uma avaria na rede da E.P.P. (C.R.G.E.) que faz a alimentação da energia eléctrica às principais captações de água em Valada do Ribatejo. Tal avaria teria obrigado a uma interrupção de serviço (cerca de doze horas) nas instalações da EPAL.

As circunstâncias levaram a uma redução de 130.000 metros cúbicos na produção iária de água, ou seja, aproximadamente um terço da produção normal.

A EPAL, que se afirma alheia à ocorrência, apela para a melhor compreensão e colaboração do público consumidor.

Contribuição industrial até ao dia 16

Foi prorrogado até 16 de Agosto próximo o prazo para a entrega, nas repartições de finanças, da declaração do modelo n.º 2 respeitante ao ano de 1975.

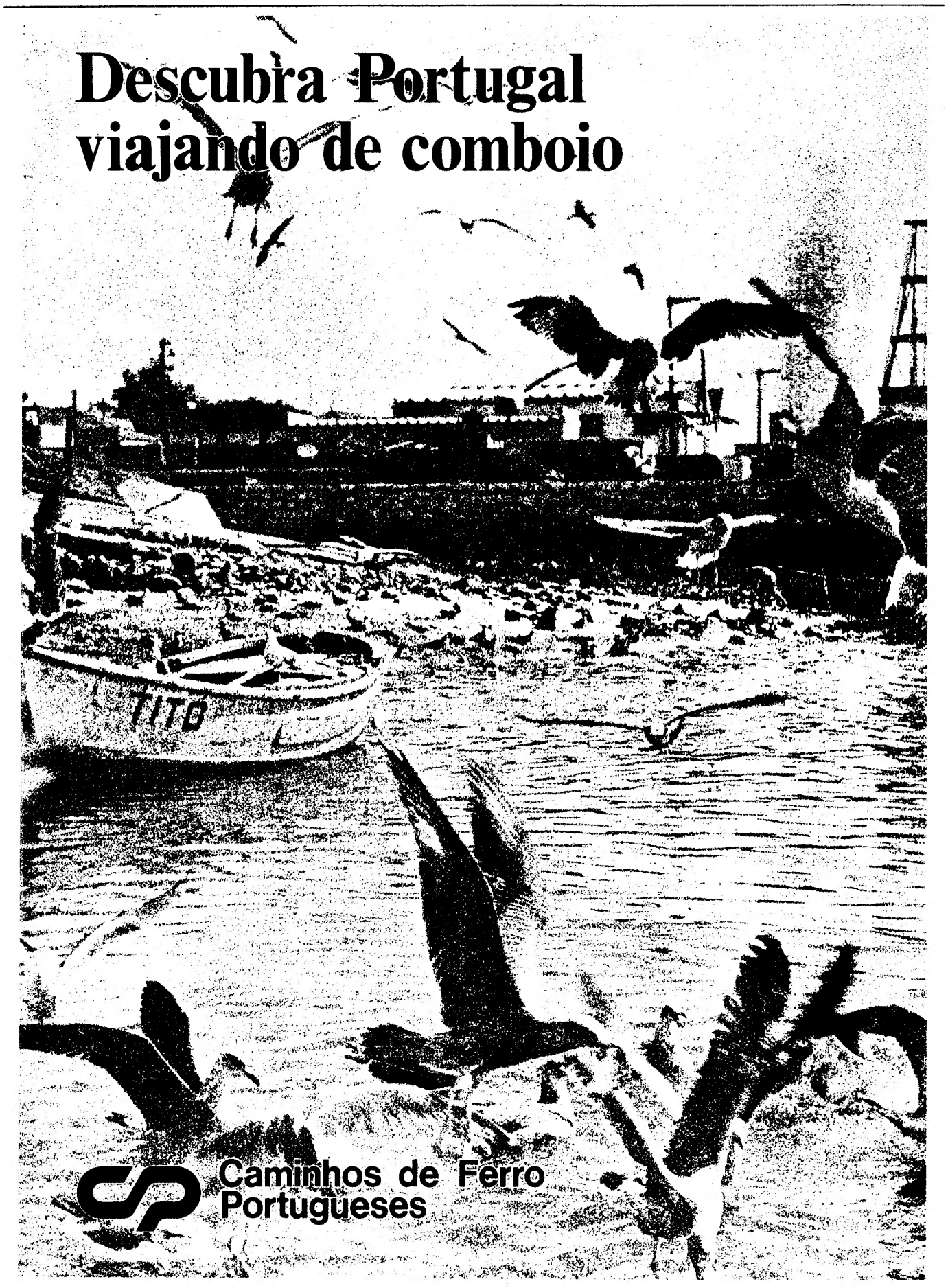
A informação oficial foi-nos transmitida pelo Ministério das Finanças, através do MCS, e destina-se aos cidadãos abrangidos pelo Grupo A da contribuição industrial.

Cooperativa da Barrada inaugura uma barragem

A inauguração de uma barragem na Cooperativa Popular da Barrada, em Martilongo, no concelho do Alcoutim é pretexto de uma jornada de solidariedade com a Reforma Agrária que terá lugar no próximo dia 22.

Do programa da festa constam um piquenique, a inauguração da barragem e uma visita às três cooperativas que promovem esta iniciativa. Mais tarde haverá uma sessão de convívio.

Além da Cooperativa Popular da Barrada colaboram na jornada a Cooperativa União Agro-Pecuária da freguesia de Martilongo e a Cooperativa Boa Vontade de Diogo Dias e Castelhanos e ainda a Comissão de Apoio e Dinamização das Organizações dos Camponeses do Algarve. (CADOCA).



Geral

PARA A ZONA CENTRO

Frutas e legumes com preço marcado

A Secretaria de Estado do Comércio Alimentar acaba de divulgar os seguintes preços por kg praticados nos postos regularizados da Junta Nacional das Frutas da Zona Centro durante a semana que termina a 7 do corrente: bananas, 24$00; laranjas, 10$00; limões, 15$00; maçãs, 6$50; melão, 7$30; melancia, 6$00; pêras francesas, 9$00; pêssegos, 7$00; uvas, 16$00; alfaces, 14$00; alhos, 40$00; batata, 6$00; cebolas, 3$50; cenouras, 5$50; couve lombarda, 10$00; pimentos, 12$00; tomate, 5$00; miolo de amêndoa partido, 50$00; idem inteiro, 70$00; amêndoa dura em casca, 17$50; amêndoa coca em casca, 28$00; arroz, 13$50, feijão branco miúdo, 27$00; feijão catarino, 24$00; feijão frade, 23$00; feijão manteiga, 26$00; e grão-de-bico, 18$00.

Fixados os preços do melão

A Secretaria de Estado do Comércio Alimentar informa que foram fixados os preços do melão e as respectivas margens de comercialização para a presente campanha.

Assim, já estão em vigor os seguintes preços: preço máximo ao consumidor — 7.30 kg (o melão deverá ter o peso mínimo de 1 kg e a meloa de 400 grs); preço a pagar ao produtor — 4.50 kg.

As margens de comercialização são as legais, isto é, 25 por cento para o grossista (1.10/kg) e 30 por cento para o retalhista (1.70/kg).

Dá-se, entretanto, conhecimento aos consumidores e agentes da distribuição que, para as variedades do tipo Ogen e Cantaloup, os preços só são aplicáveis a partir de 2 de Agosto.

Por outro lado, a Junta Nacional das Frutas fica autorizada a intervir na actual campanha do melão.

A garantia do preço à produção refere-se às zonas tradicionalmente abastecedoras do mercado-Vale do Tejo, Elvas, Amareleja e Algarve.

O preço a pagar ao produtor foi acordado com os agricultores das principais zonas produtoras de melão, após várias reuniões havidas entre os organismos oficiais — Direcção-Geral do Comércio Alimentar, Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas e Junta Nacional das Frutas.

PROMOÇÃO DO I.N.I.I.

Curso com sete seminários sobre Gestão Empresarial

O INII (Instituto Nacional de Investigação Industrial) vai realizar, com início em 7 de Outubro próximo, um curso superior de Gestão Empresarial, através da sua Divisão de Formação e Aperfeiçoamento.

O curso tem por objectivos facultar aos participantes uma visão global dinâmica e prospectiva da empresa; uma ideia das diversas influências, em constante evolução, do meio cultural, económico, político, social e tecnológico sobre a empresa; um contacto com os métodos de vanguarda no campo da gestão e direcção empresarial, um aumento da capacidade de análise e de decisão; instrumentos de optimização na escolha dos objectivos e dos planos estratégicos; a consciência da importância do seu papel como dirigentes; e uma noção do seu próprio aperfeiçoamento permanente.

Destina-se a participantes que já atingiram um nível de direcção-geral nas suas organizações ou são os principais responsáveis por uma das diversas áreas funcionais — «Marketing», Finanças, Produção, Pessoal, ou especialistas que necessitam de uma visão integrada das disciplinas do «Management» para um trabalho mais eficiente numa equipa de direcção.

O programa compreende essencialmente, para além de um trabalho pessoal sobre importante documento, uma utilização intensiva e sistemática de métodos activos de formação, com estudo e discussão de casos, exercícios e exemplos, trabalhos em grupo, trocas de experiências e exercícios de simulação de gestão.

Este curso realiza-se geralmente em Fórmula semiresidencial e é constituído por sete seminários: «Bases de Direção Empresarial», de 7 a 9 de Outubro; «Métodos de Gestão Financeira», 25 a 30 de Outubro; «Marketing e Management», 18 a 26 de Novembro; «Análise e Desenvolvimento das Organizações — Processos de Mudança», 13 a 16 de Dezembro; «Gestão da Função Produção» — 11 a 14 de Janeiro de 1977; «Estratégia Geral da Empresa» — 1 a 4 de Fevereiro de 1977; «Organização das Estruturas e dos Sistemas de Gestão da Empresa», 21 a 24 de Fevereiro de 1977.

O corpo docente é formado por professores e monitores nacionais e estrangeiros.

Engoliu um garfo

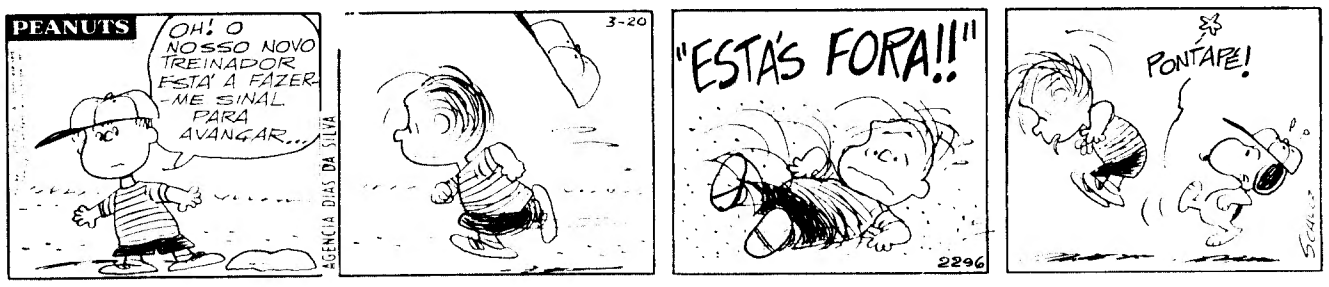
LEIRIA, 3 — Um jovem de 22 anos, de apelido Rodrigues, engoliu um garfo à hora do almoço.

O Rodrigues encontrava-se detido, em Coimbra, sob a acusação de furto de um automóvel. O carro estava estacionado no Largo da República e o jovem fez-lhe uma ligação directa, arrancando em direcção à estrada nacional de acesso a Lisboa.

Mau condutor, ele acabaria por chocar com vários automóveis que transitavam em sentido contrário. Tentou a fuga, mas foi rapidamente apanhado por agentes da P.S.P. que lhe moveram perseguição.

Finalmente preso, à hora do almoço, o Rodrigues partiu o seu garfo aos bocadinhos e engoliu-o, porventura num acto de desespero.

Transportado ao hospital desta cidade ouviu o médico: não havia necessidade de intervenção cirúrgica, pois era possível a expulsão natural dos fragmentos.



Um automobilista prendeu o outro

Dois automobilistas envolveram-se em desordem, num troço da Av. da Índia, quando circulavam no sentido Cascais-Lisboa.

Palavra-puxa-palavra, um deles socorreu-se do «argumento» da barra de ferro. Foi o Nunes Freitas Mendes que, quando se preparava para a agressão, foi convidado pelo outro — António Manuel Alves Lomba, a acompanhá-lo à esquadra mais próxima. O Lomba era agente da G. N. R., prestando serviço na Companhia Auto-Transportes.

Rádio

1.º PROGRAMA

16.00, Noticiário — música variada; **17.00**, Canções da Europa; **17.30**, Conjuntos; **18.00**, Música portuguesa; **18.30**, A casa e a vida, por Aquilino Ribeiro; **19.00**, Poemas e poetas, por Herminia Tojal — música variada; **20.00**, Jornal da noite; **20.30**, Melodias; **21.00**, Contraponto: Editorial; **00.00**, Último jornal; **00.30**, Jazz; **01.00**, Música na noite; **06.45**, Educação permanente.

2.º PROGRAMA

16.50, Música de piano, de Havdn; **17.15**, Intercâmbio musical — festival de Schwetzingen de 1976, em gravações cedidas pela Rádio Sul da Alemanha — parte de um concerto pela Orquestra de Câmara do Palatinado sob a direcção de Wolfgang Hofmann, com a colaboração de André Lardrot (oboé) — sinfonia em ré maior, de Franz Anton Rossler — concerto em fá maior, p/oboé e orquestra, de Peter Von Winter; **18.02**, Poemas sinfónicos — «Tasso-lamento e triunfo», de Liszt — «Redenção» de Cesar Franck; **18.45** Intérpretes famosos — aberturas, de Rossini, pela Orquestra Sinfónica da NBC; de Paganini — «Kol Nidrei» de Max Bruch — abertura «Fausto» de Wagner; **20.00**, Música sinfónica — concerto n.º 23 em lá maior k. 488, de Mozart — sinfonia n.º6 em dó maior D. 589 de Schubert; **21.05** Música coral sinfónica — Magnificat em ré maior, BWV 243, de Bach — Raposódia op. 53, de Brahms Coro **22.00**, Recital de violeta e cravo por Anabela Chaves e Maria Malafaia. Obras de Vivaldi e B Marcello; **22.22**, Concerto para duas flautas, de Couperin, por Helmut Riessberger e Gernot Kury; **22.30**, O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco; **23.00**, Missa de requiem, de Verdi, por solistas, coro e orquestra Filamórnica dir. por Carlo Maria Giulini; **00.30**, Solos de piano — Doze estudos op. 10, de Chopin, por Maurizio Pollini; **01.00**, Fecho.

3.º PROGRAMA-Nacional e Regional (294 m)

16.00, Variante (continuação); **16.15**, Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **16.40**, Disco...rendo, por Bernardo Brito e Cunha; **17.10**, Vamos ao médico, pelo dr. José Matildes; **17.30**, Cinema em variante, por Carlos Pina; **18.00**, Contacto; **21.00**, Música, só música; **21.30**, Quando o telefone toca; **23.05**, Novas de alegria; **23.20**, A música e as vozes.

3.º PROGRAMA-Local (187,5 m)

18.00, Entardecer — De vez em quando; **19.30**, Romance duma cidade (repetição); **21.00**, Fecho.

4.º PROGRAMA

16.00, Música variada; **17.00**, Canções; **18.00**, Apenas música; **19.00**, Em órbita; **20.00**, Orquestras; **21.00**, Concerto; **22.00**, Auditório; **24.00**, Prisma; **02.00** Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00, Noticiário; **16.05**, Sequencia da tarde; **18.00**, Noticiário Regional; **18.05**, Trechos seleccionados; **18.15**, Igreja em notícia — Palavra do dia; **18.30**, Transmissão do Terço; **19.00**, Programa da Liga dos Amigos da Rádio Renascença; **20.00**, Objectivo; **21.05**, Pentagrama; **21.30**, Ao encontro da grande música; **22.00**, Quando o telefone toca; **22.30**, Temas vivos; **23.05**, Trifónico; **00.00**, Meditando; **02.00**, Encerramento da Estação.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu limpo o vento era fraco e havia neblina em algumas regiões no Litoral

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA
Máxima 37,5º

PENHAS DA SAÚDE
Mínima 10º

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu limpo podendo ocorrer muito nublado nas regiões do norte vento fraco excepto na Algarve onde soprará moderado de Leste; neblinas matinais na Faixa Costeira Ocidental a Norte do Cabo Carvoeiro

TEMPERATURAS DO AR 09.00 H

PORTO	22º
COIMBRA	23º
PORTALEGRE	26º
LISBOA	23º
FARO	28º
FUNCHAL	24º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
9.37	3,5 m	2.58	1,4 m
22.14	3,5 m	15.31	1,5 m
Dia 4			
10.56	3,5 m	4.14	1,5 m
23.36	3,5 m	16.55	1,5 m
Dia 5			
		5.31	1,5 m
12.12	3,6 m	18.11	1,4 m

AMANHÃ

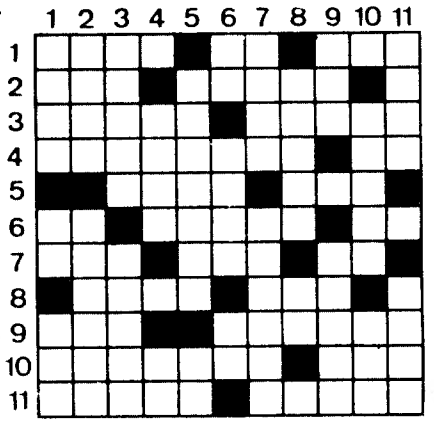
NASCER ÁS 6.41
OCASO AS 20.45

DIA 10 DIA 18 DIA 25 DIA 1

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11434



HORIZONTAIS:

1 Freguesia do concelho e distrito de Leiria. Centímetro. Preposição.
2 Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Vila e sede de concelho Setúbal.
3 Tragédia de Shakespeare. Não ir a escola (Prov. transm.).
4 Rebolariam. Mulo.
5 Numeral cardinal. Um dos estados da Federação da Malásia.
6 Senhor. Grande sala. Nota musical.
7 Aqui está. Seguiam. Aqui.
8 Camareiras. Fileira.
9 Ensejo. Tosta.
10 Vila e sede de concelho Vila Real. Distrito da antiga India Portuguesa (inv.).
11 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Chapa lisa, de ferro, com que se arredonda o vidro nas fabricas.

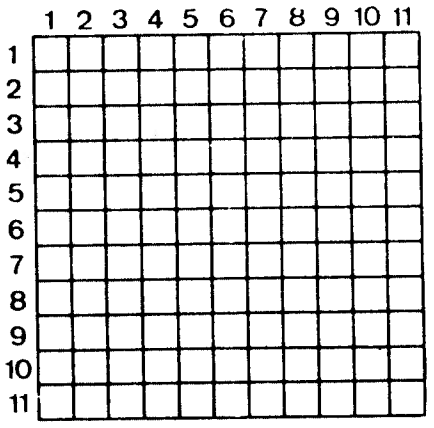
VERTICAIS:

1 Grande efeição. Pronome reflexo. Pega.
2 Charneca. Cidade da Rússia nas margens do Ocra.
3 Olhinho. Nome de peixe do Brasil.
4 A ponta das vergas. Medida itineraria do Japão.
5 Sujeitos a morte. Osmio (s.q.).
6 Cobalto (s. q.). Cidade da Nigéria britânica. Césio (s.q.).
7 Parte em migalhas. Estimaram.
8 Parte superior e horizontal de uma mesa ou cadeira. Vê.
9 Tomba. Unir por casamento.
10 Fruto silvestre. Semelhança.
11 Planta de propriedades medicinais. Salário.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7594



HORIZONTAIS:

1 Rainha de Arábia também conhecida por Belkiss. Iguala. Bário (s. q.)
2 Princípio activo de certas substâncias corantes, como o carmim. Preposição.
3 Cidade do Paquistão, antiga residencia do Grão-Mongol. Mancha negra causada pelo excesso do calor do lume (prov).
4 Senhora. Cidade de Portugal.
5 Sucessivo. Dá arrotos.
6 Antiga provincia de França, cuja capital é Estrasburgo.
7 Cantiga. Dirigir em certa direcção a proa do navio.
8 Irmã da mãe. Empregue. Feche as asas para descer mais depressa.
9 O mesmo que uma (ant. e pop.). Verbais.
10 Arpoara.
11 Claridade. Gorgulhos tropicais.

VERTICAIS:

1 Escândio (s.q.) Bário (s.q.). Nome de peixe.
2 Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Apelido.
3 Cidade do estado de Minas Gerais. Nesse lugar.
4 Meiga. Barra de oiro que servia de moeda entre os Japoneses.
5 Tempo do verbo ir. Larva das feridas dos animais.
6 Liga. Emparelha.
7 Gálio (s.q.). Natural do Porto.
8 Habitar. Ribeira de Portugal.
9 Supremo. Artigo definido. Preposição e artigo.
10 Cidade da Albânia. Nesse lugar. Reis.
11 Estimara. Move os remos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11433

HORIZONTAIS:

1 O. MELHOR. Dá.
2 Lai. Uapi. It.
3 Tiara. Irene.
4 Ro. Ena! Há.
5 Na. Me. Io. Er.
6 Agá. Oó. Ria.
7 Ana. Suar.
8 Maro. Soltou.
9 Ito. Aa.
10 Gato. Honrar.
11 Orasse. Oato.

VERTICAIS:

1 Olten. AMIGO.
2 Ai. Aa. Atar.
3 Miar. Garota.
4 Romano. Os.
5 Lua.
6 Há. E. O. He.
7 Opinioso.
8 Rirão. Uiano.
9 Ratara.
10 DINHEIRO. Ai.
11 Ateara. Urrò.

Provérbio: O MELHOR AMIGO É O DINHEIRO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7593

HORIZONTAIS:

1 De. Pó. Tapam.
2 Ocaia. Riana.
3 Nó. Assoa. Ut.
4 AAA. Iam. Ala.
5 MMCC. Pèra.
6 Aromara.
7 Om. Es. Sr. Pi.
8 Reis. Acab.
9 Dra. Cré. Ora.
10 Aarão. Man.
11 Osaca. Aparo.

VERTICAIS:

1 Dona. Jordão.
2 Ecoam. Meras.
3 Ama. Iara.
4 Pia. Crês. Ac.
5 Oásicos. Coa.
6 Sa. Er.
7 Trompas. Ela.
8 Oaia. Erra.
9 Pá. Ara. Coma.
10 Anula. Parar.
11 Mata. Líbano.

farmácias de serviço

LISBOA

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
Belo, Avenida de Roma, 53-A (Telf. 776314).
AVENIDAS NOVAS
Vale, Avenida Marquês de Tomar, 45-49 (Telf. 773043).
BAIRRO ALTO
Gonçalves, Rua da Rosa, 176-178 (Telf. 362687).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ancenso, Praça Norte, 11-A (Telf. 311216).
BAIXA
Simões Pires, Rua da Prata, 115 (Telf. 362350).
BENFICA
Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C (Telf. 703697).
CAMPOLIDE
Imparcial, Rua General Taborda, 28 (Telf. 680931).
ESTRELA
Linaide, Rua Ferreira Borges, 30 (Telf. 660955).
GRAÇA
Mourão, Largo da Graça, 63 (Telf. 860700).
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B (Telf. 791131).
SANTO AMARO
Teles, Rua João de Barros, 2, frente (Telf. 638176).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-9 (Telf. 48642).

TURNO E-2

TODA A NOITE

ALTO DE S. JOÃO
Vitalis, Rua Morais Soares, 69 (T. 841779)
ANJOS
Guerra, Rua Andrade, 32-36 (Telf. 845513).
ALVALADE
Marbel, Avenida de Roma, 131-A (Telf. 776235).
AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge,1(Galinheiras-Carneca) (Telf. 790969).
ANJOS
Magalhães, Avenida Almirante Reis, 4-D/F (Telf. 49479).
AREEIRO
Garantia, Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A/B (à Praça do Areeiro) (Telf. 727300).
AVENIDAS NOVAS
Saldanha, Avenida Praia da Vitória, 53 (Telf. 43938).
BENFICA
S. João, Estrada da Luz, 124-A (Telf. 783179).
CAMINHOS DE FERRO
Frazão, Rua Cruz de Santa Apolónia, 90 (Telf. 847019).
ESTRELA
Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo, 66-B (Telf. 666971).
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140 A/C (telf. 720703-728395).
OLIVAIS DO SUL
Antunes Rosa, Praça da Cidade do Luso, lote 199 (Telf. 313610).
REGO
Universitária, Rua Alfredo Roque Gameiro, 29-D (ao Hospital de Santa Maria) (Telf. 77895..).
RESTELO
Tanara, Rua Rodrigo Reinel, 3-A (à encosta do Restelo, próximo dos Moinhos) (Telf. 611814).
S. PAULO
Central, Rua de S. Paulo, 108 (Telf. 320389).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores R. António Granjo, 2 (Telef. 2113161)
CARCAVELOS
Central toda a noite
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silva Av. Saboia, 29-B (Telef. 260085) Até às 22 horas
PAÇO DE ARCOS
Pargana Av. Eng.º Bonneville Franco (Telef. 2435147) Até às 22 horas
NOVA OEIRAS
Leal até às 22 horas
OEIRAS
Oeiras L. Henrique Paiva Couceiro (Telef. 2430485)
PAREDE
Macau R. Elias Garcia, 60-C (Telef. 2471785) toda a noite
S. PEDRO DO ESTORIAL
Amoreira, Amoreira toda a noite
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João Quinta da Carreira, 29-A (Telef. 261186)
CASCAIS
Marginal Av. Marginal (Telef. 280078) até às 22 horas; **Nova** Est. de Alvide — Fontainhas (Telef. 281044) toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Telef. 934589); **Campos** R. Elias Garcia, 185 (Telef. 930072); **Clabel** R. António Sardinha, 23-D (Telef. 938551)
DAMAIA
Confiança Est. Militar, Lote-D (Telef. 9710231)
VENDA NOVA
Girassol R. Elias Garcia, 17-C (Telef. 974161)
QUELUZ
Queluz Av. Miguel Bombarda, 123-A (Telef. 951841)
CACÉM
Guerra Rico — Agualva
MEM MARTINS
Quimia Est. Mem Martins 285 (Telef. 2910012)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)
SINTRA
Misericórdia Vila (Telef. 2930832)
COLARES
Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 204250)
ALMADA
Central, R. de Olicença, 11-B (Telef. 2750504)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima Est. Nacional, 244-A (Telef. 2040141)
BARREIRO
Pimenta R. Cons.º Joaquim António de Aguiar, 259 (Telef. 2073012)
COVA DA PIEDADE
Garcia Reis, R. dr. Alberto Araújo, 19-A
MOITA
Silva Rocha P. da República, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO
Moderna R. Bulhão Pato, 60 (Telef. 2310156)
SESIMBRA
Lopes R. Cândido dos Reis, 21 (Telef. 2233028)
SETÚBAL
Rosado Pinto P. do Bocage (Telef. (Telef. 22484); **Nova** R. General Gomes Freire (Telef. 22052)
SEIXAL
Godinho L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

PORTO

TURNO 18

ATÉ AS 22 HORAS

Constituição, R.d Constituição, 93 **Ferreira de Carvalho**, R.do Bonjardim, 354 **Ramos**, P.do Exército Libertador, 91 **Figueiredo, Ld.ª**, R.de Gedofeita, 125. **Sousa Soares**, R.de Santa Catarina, 141 **Vitória**, R.d S.Roque da Lameira, 756

TODA A NOITE

Parente, R.das Flores, 114 **Canavarro**, R.da Restauração, 53 **Padrão**, R.de Santo Ildefonso, 342 **Sanil**, R.to Paraíso, 214

COIMBRA

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

Baptista, Praça da República, 9 (Telf. 23747); **Estádio**, Rua do Brasil, 348 (Telf. 24410); **Miranda**, Praça do Comércio, 41 (Telf. 23261).

cinemas

CASTIL
T. 530194 15 17 19 e 21.15 h

Não acons. a men. de 18 anos
PRÁ GUERRA NÃO; MEU GENERAL
Hoje às 24.00 - Ante-estreia
Intr. a men. de 18 anos
SEXUALMENTE TUA

IMPÉRIO
T. 555134/5 14.30, 18.00 e 21.15

M. 10 anos
LAWRENCE DA ARÁBIA
Peter O' Toole-Alec Guiness e Omar Sherif
7 oscares-37 prémios internacionais

POLITEAMA
T. 323809 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

Interdito a menores 18 anos
A PROFESSORA DE LINGUA
com Femi Benussi, Pupo de Luca
um dos seus alunos até deixou de ser gago

VOX
T. 720808 14.15 16.30 19.00 21.30

Para todos
QUE FIZESTE NA GUERRA PAIZINHO?
2.ª semana
UMA EXPLOSAO DE GARGALHADAS!!!

CARLOS MANUEL SINTRA
Tel. 2930394 21.15

Int. men 18 anos
OS ANJOS DA GUARDA

D. JOÃO V DAMAIA
T. 971794 as 21.15 h

Int. a men 18 anos
EMPRESTA-ME O TEU MOTORISTA

RESTELO
Tel. 610375 21.00

Não acons. men. 18 anos
CONVÉM FAZER BEM O AMOR

CINESTUDIO
15.30 e 21.15

BOBBY
4.ª semana de êxito

CINE-TEATRO LIDO

Encerrado para férias
Reabre a 19 de Agosto

BARES • BOITES
RESTAURANTES
TIPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13, (Tel. 364859, 368197). Marta Mónica** Striptease**use.**
CASINO DO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 264621/264946.**

CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 às 14-16.30-19 e 21.15 h

Festival Jerry Lewis
O REI DO CIRCO
de Joseph Peuney
Para todos

EDEN
T. 320768 14. 16.30 19. 21.15

Interdito men. 18 anos
FOGO NO SANGUE
Um filme super-audacioso
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ODEON
T. 326283 15.15-18.15 e 21.15

Grupo B maiores 10 anos
A novidade musical argentina
SOMOS NOIVOS
A alegre história de 3 vidas num salto para a glória um festival de comédia e canções

APOLO 70
T. 763311 14. 16.30 19 e 21.15 h

Não acons. a men. 18 anos
À QUEIMA ROUPA
Hoje às 24.00 (Grupo D/18 anos)
«BLUE»
de Silvio Narizzano

ROMA
Tel. 727778

Interdito a menores 18 anos
EMMANUELLE A ANTIVIRGEM
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

S. JORGE
Tel. 554153/4 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. menores 18 anos
entre o amor e a vingança
Burt Reynolds é
MCKLUSKY, O INDOMAVEL

ESTÚDIO
T. 555134 15.30 18.30 e 21.15

VICIO DE MATAR
Paul Newman é Bill «The Kidd»
2.ª Semana

ESTÚDIO 444
Tel. 779095 15.30, 18.30 e 21.15

não acons. m/13 anos
O ESTRANHO MUNDO DE DAISY CLOVER
Hoje às 24.00 (Int. a men. 18 anos)
EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM

MUNDIAL
Tel. 538743 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. menores 13 anos
AVENTURA É AVENTURA
3.ª Semana
com Lino Ventura e Aldo Maccionne

AVIS
Tel. 47163 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. men. 18 anos
O DEVER CONJUGAL
em 2.ª semana

CASINO ESTORIL
T. 264521/264996 17 e 21.15 h

Não acons. a men. de 18 anos
CONFIDENCIAS DE UM LAVRADOR DE JANELAS

Transportado pelos
Caminhos de Ferro Portugueses

UNIVERSAL
Tel. 774402

T. 14.30 e 22.30
O CIO
17.00 (Int. a men. 18 anos)
O PROSTITUTO
20.30 - (Int. a men. 18 anos)
O VICIO

CONDES
Tel. 322523 14.00, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. men. 18 anos
CAVALGADA FANTÁSTICA
com Lee Van Cleef e Catherine Spaak

BERNA
T. 776098 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Não acons. men. 18 anos
UM LANCE NO ESCURO
a obra prima de Arthur Penn
Com Gene Hackman e Susan Clark

LONDRES
T. 801313 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos
PATO COM LARANJA
4.ª semana

ROXY
Tel. 48560 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. a men. 13 anos
O Último Adeus
com Sofia Loren e Marcello Mastroianni

TIVOLI
T. 570595 15 e 21.00

Não acons. a menores de 13 anos
Um história imortal
Um filme eterno
E TUDO O VENTO LEVOU
8.ª Semana
Com Clark Gable, Vivien Leigh

ALVALADE
Tel. 897480 15.30, 18.30 e 21.15

GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE
c/ Elisabeth Taylor, Paul Newman
Para maiores de 18 anos

PATHÉ
T. 821933 14.15 16.30 18.45 e 21.15

Interdito a men. 18 anos
FOGO NO SANGUE
Um filme super-audacioso
Contém cenas eventualmente chocantes

NIMAS
T. 574313 17.15 19.30 e 21.45

Não acons. menores 18 anos
CHOVE EM SANTIAGO
o Chile de Allende a Pinochet

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ADÓQUE
20.30 e 22.45 (18 anos)
«A Grande Cegada»
ABC
21.30 (6 anos)
«A Vida é Boa»
LAURA ALVES
20.45 e 22.45 (18 anos)
«Vamos Trocar de Mulheres»
TEATRO ABERTO
21.15 Grupo 4
«O Círculo de Giz Caucasiano»
VARIEDADES
21.15 (18 anos)
«Equus-amargura para um cavalo»

LISBOA/Cinemas

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Relações Escaldantes»
PARIS
21.30 (18 anos)
«A insatisfeita»
EUROPA
21.30 (18 anos)
«O pequeno grande homem»
SATÉLITE
21.15 (13 anos)
«A mulher casada»
S. LUIZ
21.30 (18 anos)
«Lola Montes»
JARDIM
21.30 (18 anos)
«A matulona»
LUMIAR
21.15 (18 anos)
«Matem Django»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Sonhos do passado»
OLÍMPIA
21.00 (18 anos)
«O Magnate»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras Cine
21.15 (18 anos)
«Tommy»
PAREDE
Royal
21.15 (18 anos)
«As cicatrizes de Drácula»
ESTORIL
Casino
17 e 21.15 (18 anos)
«Confidências de um lavador de janelas»
ESTORIL
Palácio
21.15 (13 anos)
«Desafio de Gigantes»
CASCAIS
Oxford
21.15 (6 anos)
«O Herói do regimento»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«As Insaciáveis»
SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Os Anjos da guarda»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (13 anos)
«Jeremy, o primeiro amor»
ALMADA
Academia
21.15 (13 anos)
«Corbari, o revolucionário»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (14 anos)

PORTO/Cinemas

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Uma tese escandalosa»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Chove em Santiago»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Canção da Noruega»
JÚLIO DINIZ
21.15 (13 anos)
«Os malucos vão à guerra»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«A Noitada»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Os sinos da morte»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Trinità Cow-boy insolente»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«Os Canhões de Navarone»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«The Sex Symbol»
TRINDADE
21.15 (13 anos)
«A queda do Império Romano»
ESTÚDIO
21.15 «A Vida começa aos 20 anos»
S. JOÃO
21.15 (13 anos)
«Cristina e o Cardeal»
VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Os Véus de Bagdade»
BATALHA-BEBE
22.00 (13 anos)
«Os Violinos do Baile»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (13 anos)
«Quo Vadis»
GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«Sonho de amor»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Anna aquele particular prazer»
S. TEOTONIO
21.15 (13 anos)
«As brancas montanhas da morte»

DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

"Ratos como coelhos a sair dos canos"

Maria da Cruz mostra ao «D.L.» o que vai por dentro da casa

Vive há 40 anos naquela casa. Há mais de um mês que os esgotos rebentaram dentro de um quarto. O fedor empesta a rua. Vêem-se ratazanas mortas no ventre aberto dos canos. Maria Rodrigues da Cruz, é viúva, paga 110 escudos de renda, é doente, recebe por mês uma pequena reforma de mil escudos da Santa Casa da Misericórdia. O senhorio, Francisco Gravanita, vendedor da Praça da Ribeira, gostaria que ela saísse da casa onde vive há 40 anos. Mas ela não sai. As vizinhas dizem: «Os ratos parecem coelhos a sair dos canos. Ela não aguenta aquele cheiro. Ela morre».

Mas o senhorio não faz obras. Não compõe os esgotos rebentados há mais de um mês. Maria Rodrigues da Cruz vive no único quarto que lhe resta onde meteu todos os trastes, exactamente ao lado da fossa. Mesmo na rua, o cheiro é insuportável. À porta, no entanto, floresce vermelha uma grande sardinheira plantada há muitos anos pela velha viúva que vive mesmo ao pé dos esgotos a cujo cheiro e imundície nem as próprias ratazanas sobrevivem. Para que conste: a casa fica ali para a zona da Calçada da Tapada, numa íngreme e estreita travessa. Podia ser em qualquer outro lado da cidade... (?)

Fogo posto na Malveira durou catorze horas

Demorou catorze horas o combate a um violento incêncio que, provocado por mãos criminosas consumiu pinheiros, eucaliptos e outro arvoredo, numa extensão de cerca de oito quilómetros quadrados, propriedade de vários particulares, em Avessadas, próximo da Malveira. O fogo alastrou com grande intensidade a partir das 15 e 30 e só o esforço das corporações de bombeiros de Mafra, Odivelas, Malveira, Ericeira e Sintra, conseguiu levar a bom cabo a sua extinção definitiva, cerca das 6 horas de hoje.

A G.N.R. local deteve ao princípio da madrugada um indivíduo suspeito mas, esta manhã, um porta-voz daquela corporação afirmou ao nosso jornal tratar-se de um jovem com indícios de sofrer de acentuadas perturbações mentais.

INCENDIÁRIO PRESO

BRAGA, 3 — Foi detido ontem nesta cidade, pela G.N.R., um indivíduo que confessou ter sido o autor do fogo posto que originou o incêncio que continua a grassar na serra da Falperra. Trata-se de António Ferreira Pinto, de 72 anos, viúvo, carpinteiro no lugar do Barreiro, Esporões. O capturado negou ter agido por dinheiro, afirmando simplesmente que «eram horas que a cada passo surgem na vida dos homens».

Depois de enviado ao tribunal da comarca, António Pinto seguiu para a cadeia de Guimarães.

Dada a quantidade de incendios suspeitos que têm eclodido na região, é de crer que haja outros criminosos que continuam a monte.

JUNTO AO CRISTO-REI

Causas ainda desconhecidas estiveram, entretanto, na origem de um incêncio ocorrido numa falésia existente junto ao monumento do C.isto-Rei, tendo ardido cerca de 10 mil metros quadrados de restolho. O sinistro foi combatido pelos bombeiros de Almada, Trafaria e Cacilhas.

tome nota

O «BURACO»

«Algumas empresas públicas são um verdadeiro buraco» — afirmou a certa altura o Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares, dirigindo-se ontem à Assembleia da República.

Concordamos. Mas o maior «buraco» que nós conhecemos em empresas públicas chama-se Televisão. Basta ter visto ontem à noite o programa. Quase três horas de discurso do Primeiro-Ministro com algumas bobinas estragadas.

Não havia imagem e substituíram-na por «slides». Assim, ouvíamos bater palmas e apareciam as estátuas de S. Bento. Mário Soares estava a falar e via-se o leão de mármore. Enfim, um verdadeiro «buraco».

COMPENSAÇÃO

Para compensar o longo tempo ontem dedicado ao Governo do P.S. e (evidentemente) a Mário Soares (apesar dos «slides»), a Televisão serve hoje um «prato forte»: uma mesa-redonda com homens do C.D.S. (Freitas do Amaral, Amaro da Costa e Basílio Horta). Nada de exageros socialistas...

A propósito de C.D.S.: o general Galvão de Melo foi o . único «independente» a aplaudir Mário Soares no final da sua intervenção. Juntou-se assim, nessa ocasião, à bancada do P.S.

Contrato com a I.B.M. protestado por C.T.'s

A concessão do contrato de reorganização do processamento dos subsídios de desemprego e complemantares dos retornados feita em favor de uma multinaciknal, a IBM, é objecto de contestação das comissões de trabalhadores da DATA (Centro Electrónico de Processsamento de Dados), NORMA, PROCESSA, PROMÁTICA e REDITUS.

Estes organismos de trabalhadores baseiam o seu protesto no facto de ter sido desprezada a decisão do Conselho de Ministros de 31/3/75, «em que se definem os princípios gerais a observar pelo sector público para aqusição de equipamentos ou necessidade de serv iços de tratamento automático da informação» e ainda o Despacho do Ministério da Administração Interna, de 28/6/76 aue «define expressamente que os organismos da Administração Pública são obrigados à consulta das empresas de informática neles indicados à consulta das empresas de informática neles indicadas, sempre que, necessitando de serviços deste tipo não possam satisfazê-los pelos seus próprios meios».

No texto da carta enviada ao Primeiro-Ministro e ao MAS, salienta-se a determinada altura que «este contrato, num período de particular significado, em que se impõem restrições ao Povo português, é atentório dos princíios pelos quais se diz nortear a política deste País».

No Norte

Sector das carnes elegeu lista "B"

«Por um sindicato ao serviço dos trabalhadores» é a consigna na lista «B» vencedora das eleições para os corpos gerentes do Sindicato do Norte dos Trabalhadores em Carnes. Lista unitária surgiu como «necessidade de unir e organizar a classe» porquanto «com o avnço da direita e consequente recuperação capitalista, torna-se cada vez mais urgente uma resposta organizada das massas trabalhadoras para a defesa das conquistas já alcançadas, entre as quais a liberdade de organização sincidal». A lista «B» obteve mais de 80 por cento dos votos em elação à lista «A» — «por um sindicalismo em unidade, democrático e independente» — que, entre outras coisas, defendia a extinção da Intersindical.

A lista vencedora defende o controlo operário, «uma das formas de se pôr a economia ao serviço dos trabalhadores, tendo em vista a planificação da economia em função dos seus interesses e necessidades», conforme salienta o programa. E acrescenta: «A planificação socialista acaba com o desemprego e a crise económica e permite que os investimentos sejam feitos não em função do lucro mas de forma a favorecerem prioritariamente os trabalhadores mais explorados». Ainda sobre o controlo operário diz a lista «B»: «os trabalhadores devem saber como produzem, porque produzem e para quem produzem, investigar de onde vêm as matérias-primas, por que canais passam os produtos acabados e como se comercializam». E adianta: «Deverão os trabalhadores ter acesso aos sectores ea empresa. Este controlo dá oportunidade aos trabalhadores de se aperceberem de como são canalizados os lucros para os bolsos dos capitalistas, bem como de os habilitar no conhecimento do circuito de produção, elementos úteis não só para desmascarar as contradições do sistema capitalista e superá-las mas especialmente para dirigir a produção, rumo à sociedade socialista»

"O Diário" processado

«O Diário» acaba de receber notificação de novo processo judicial. Proponentes da acção: o C. D. S., o P. C. P. (m-l) e o P. P. M. Segundo aquele matutino, os três partidos atribuem a sua derrota eleitoral à acção de «O Diário» no decorrer da campanha para a Assembleia da República.

Por diversas ofensas e prejuízos que «O Diário» lhes teria causado, exigem mil contos de indemnização.

"Responde o C.D.S."

Diogo Freitas do Amaral, Adelino Amaro da Costa e Basílio Horta serão as figuras centrais do programa que a RTP apresenta hoje pelas 22 horas no seu 1.º canal, subordinado ao título «Responde o CDS».

No rescaldo do 2.º Congresso do seu partido político, aqueles dirigentes responderão a questões postas por João Bénard da Costa, Marcelo Rebelo de Sousa e Rodolfo Crespo.

Norton de Matos terá um busto em Ponte de Lima

PONTE DE LIMA, 3 — No próximo dia 12 de Setembro será homenageado em Ponte de Lima o general Norton de Matos, cuja memória ficará perpetuada naquela vila através dum busto que irá ser inaugurado.

O dr. Vasco da Gama Fernandes, presidente da Assembleia da República proferirá, na oportunidade, uma conferência sobre aquele lutador antifascista.

C.R. reúne-se na sexta-feira

A análise, habitual, da situação político-militar e possível designação dedois membros para a comissão Constitucional, será em princípio a agenda da reunião do CR, que foi adiada para a próxima sexta-feira.

Recorde-se, sobre o último ponto, que o artigo 283 da Constituição, alínea **e**, estabelece que dentre os membros que compõem a citada comissão, haverá «dois ciadadãos de reconhecido mérito, designados pelo Conselho da Revolução, sendo um deles juristas de reconhecido mérito».

Notas oficiosas

Anomalias na RTP

Da Secretaria de Estado da Comunicação Social recebemos a seguinte nota oficiosa, sobre o Serviço Público de Televisão:

«Nos termos do n.º 2 do Art. 188.º da Constituição da República, o Primeiro-Ministro delegou no secretário de Estado da Comunicação Social as prorrogativas de ministro do referido departamento de Estado, pelo que este membro do Governo, fazendo uso de tal competência decide:

« — Ao abrigo do Art. 9.º do Decreto-Lei n.º 189/76, de 13 de Março, solicitar ao Conselho de Administração da RTO EP que o Governo fará cumprir, o informe por escrito das razões que estão na origem das repetidas e notorias anomalias que, nos últimos dias, se têm verificado no Serviço Público de Televisão.

2 — Exigir o cumprimento integral do disposto no Art. 56.º do Estatuto da RTP, nomeadamente quanto ao bom estado de funcionamento dos equipamentos, máquinas, utensílios, acessórios e sobressalentes integrados no seu património ou a ele afectos, necessários para assegurar a regularidade, continuidade e eficiência do Serviço Público de Televisão.

3 — Recordar aos trabalhadores da RTP EP que o governo fará cumprir, sem tibiezas, as obrigações que lhe estão consignadas no estatuto da sua empresa (Art. 43) e que a «inobservância repetida e injustificada das regras e directivas ao modo de executar a prestação do trabalho, com a diligência devida», poderá vir a ser considerada motivo de despedimento por justa causa (Decreto-Lei n.º 84/76, de 28 de Janeiro).

4 — Esclarecer a opinião publica, justamente indiganda com a degradação registada no Serviço Público de Televisão que o Governo irá tomar, no âmbito da sua competência, todas as medidas queconduzam à progressiva e rápida melhoria da RTP EP, independentemente da precaridade das suas instalações e das suas grandes carências técnicas. A RTP EP tem deixado transparecer, nos últimos meses, defeitos organizativos e uma falta de eficiência que se situam nos domínios da incompetência e negligência.

Além dos auxílios de vária ordem, incluídos no «programa do Governo» apresentado à Assembleia da República, tomar-se-ão todas as outras medidas necessárias e convenientes à satisfação dos fins para que foi criada a televisão como um serviço público de extraordinário relevo.»

Avenças de jornais

Da Secretaria de Estado da Comunicação Social recebemos oseguinte nota oficiosa:

«Para esclarecimento de anterior nota oficiosa, emanada em 27/7 e a pedido da Associação da Imprensa não-Diária, comunica-se aos órgãos de Informação, em geral, e às empresas jornalísticas em particular, que se encontra assegurada a suspensão, até 31 de Agosto, da cobrança das avenças relativas à expedição de jornais pelos correios.

Até essa data-limite, conta o Ministério da Comunicação Social ter já satisfatoriamente definidos e estruturados os serviços de apoio aos órgãos de Informação, os quais, entretanto, se continuarão a reger pelo despacho n.º 168/76, de 13 de Julho.»

Kissinger avisa

Continuação da pág. 1

do-se, contudo, de insinuar que os cubanos poderiam envolver-se directamente no conflito.

A tónica do discurso de Kissinger foi a da defesa das negociações enquanto é tempo e enquanto os brancos puderem obter garantias para o seu futuro.

Dirigindo-se às autoridades sul-africanas, aconselhou-as a encararem as recentes agitações em localidades e escolas africanas como «sinais» do vento de mudança que sopra em África. No seu discurso, Kissinger sancionou tacitamente uma proposta do presidente francês, Giscard d' Estaing para a criação de um fundo de assistência à África, ao apelar para as democracias ocidentais no sentido de estas ligarem os seus programas de auxílio ao continente africano.

Kissinger foi claro ainda ao dizer que o seu país tudo fará para «impedir uma repetição das rivalidades entre facções que tornaram possível em Angola substituir o exército português de ocupação por um outro, o cubano».

Esta afirmação não causou murmúrios entre a assistência, que, no entanto, apurou Kissinger, quando este referiu os negros dos EUA como exemplo de uma convivência racial que é negada na África do Sul.

Funcionários norte-americanos negaram entretanto que Kissinger se vá avistar com altos funcionários sul-africanos no decurso da sua viagem ao Irão, que hoje começa.